

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

KELMA ASSUNÇÃO SOUSA LACERDA DE ALMEIDA

**Um estudo qualitativo e psicanalítico acerca da conjugalidade e suas
transformações: a esposa como principal provedora**

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

KELMA ASSUNÇÃO SOUSA LACERDA DE ALMEIDA

**Um estudo qualitativo e psicanalítico acerca da conjugalidade e suas
transformações: a esposa como principal provedora**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Ciências
Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Assunção Sousa Lacerda de Almeida, Kelma

Um estudo qualitativo e psicanalítico acerca da conjugalidade e suas transformações: a esposa como principal provedora / Kelma Assunção Sousa Lacerda de Almeida; orientador Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2024.

177 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Conjugalidade. 2. Casais de dupla carreira. 3. Mulher provedora. 4. Psicanálise Vincular. 5. Psicanálise. I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: ALMEIDA, Kelma Assunção Sousa Lacerda de

Título: Um estudo qualitativo e psicanalítico acerca da conjugalidade e suas transformações: a esposa como principal provedora

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Para minha mãe, uma mulher além do seu tempo que, com seu amor, abre todas as portas do mundo que pode para nós.

Para minha filha, pelo amor mais transformador da minha vida, que as portas do mundo também se abram para você.

Para o meu irmão, pela parceria e pelo amor que ensina que o masculino se reinventa a cada dia.

Amem um ou outro, mas não façam do amor uma amarra:
Deixem que seja um mar que se move entre as margens da alma.
Encham a taça um do outro, mas não bebam de uma só taça.
Deem um ao outro o pão, mas não comam da mesma fatia.
Cantem e dancem juntos com alegria, mas deixem que cada um viva só, em sua própria
companhia,
Assim como as cordas do alaúde são únicas, embora vibrem na mesma melodia.
(Gibran, 2019, p. 27)

AGRADECIMENTOS

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar.
Gonzaguinha (“Caminhos do coração”)

Aos casais, que abriram as histórias de suas vidas, tornando este estudo possível e possibilitando muitos aprendizados a partir de suas conquistas, fragilidades e superações.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela ajuda financeira que contribuiu para a realização desta pesquisa.

À minha orientadora, Isabel Cristina Gomes, pela parceria em forma de orientação, supervisão, amizade e carinho. Foi muito enriquecedor e prazeroso trilhar esse caminho em sua companhia.

Às professoras: Dra. Andrea Seixas Magalhães e Dra. Maira Bonafé Sei, pelas valiosas contribuições, no Exame de Qualificação, que possibilitaram o aprimoramento desta pesquisa.

Às bibliotecárias do Instituto de Psicologia, pela ajuda sempre que necessária, em especial à Carla Cristina do Nascimento, por sua especial atenção.

Aos colegas da Pós-Graduação, os que estão (Alyne, Aline, Bruno, João Pedro e Michele) e os que já concluíram (Ana Clara, Paula, Simone e Mario), pela convivência, pela ajuda e pelas trocas.

Aos colegas do Laboratório de Casal e Família: clínica e estudos psicossociais, pela frutífera troca de conhecimentos e experiências desde 2017.

Ao Prof. Dr. Walter Trinca, pelo convite para escrever um artigo sobre casal e Desenho Estória, que foi a semente da metodologia desta pesquisa, e pelo privilégio das trocas em todos os nossos encontros.

À Profa. Dra. Ana Maria Trapé Trinca, pelas valiosas supervisões dos Desenhos de Família com Estórias, que em muito acrescentaram à minha formação como pesquisadora e psicanalista.

À Celia Blini de Lima e à Magdalena Ramos, pelas preciosas contribuições a esta pesquisa.

À Gisela Lobo Tartuce pelas indicações, leituras e interlocuções desde o projeto até a conclusão da tese.

À Juliana Beatriz Ferreira de Souza, pela história que começou nos estudos da conjugalidade e que se tornou uma amizade repleta de apoio e carinho. Obrigada pelas leituras, discussões e sugestões em todas as etapas desta pesquisa.

À Naira, prima, afilhada querida e colega de profissão, pela ajuda nas transcrições das entrevistas.

À Luisa Assunção Baldwin, prima querida e poliglota, pela revisão dos resumos.

À Adélia Mariano Ferreira, pela cuidadosa e afetiva revisão dessa tese.

À Mirela, pela amizade e pelas discussões dos Desenhos de Família com Estórias.

Ao Adriano Pires, pelo incentivo e cuidado que ajuda a integrar físico e psíquico.

Aos tios Lúcia e Paulo, pelo convívio e por todas as ajudas concretas e afetivas, por serem família em São Paulo. Ao Pedro e à Simone, pelo carinho.

À Família Assunção, pelo amor de todos, desde minha avó até o pequeno Christian.

À Família Sousa, pelo humor herdado e pelo carinho sempre que nos encontramos.

À Cláudia Real, que toma conta de nós e da casa com tanto carinho.

Aos queridos e queridas Marcello, Vanessa, Amílcar, Branca e Vinicius, pelo afeto sempre presente e por perdoarem minha ausência.

Às amigas Cristina, Denise, Adriana e Sandra, pelos encontros e pela força para continuar.

À Ana Luiza, Carol, Flávia, Ilan, Judith, Marcia, Rebecca, Tereza, Tóia e Vika, pela amizade que cuida e acolhe.

Ao Fran (Antônio) e à Ângela, pela amizade e por terem me presenteado com parte da história de vocês.

Aos pacientes de ontem e de hoje, com quem construo o ofício de psicanalista todos os dias.

À Gisela, pela amizade que cresce e se transforma conosco e pelas infinitas trocas.

À minha analista, pela parceria amorosa e competente que me permite descobrir as dores e as delícias de ser quem eu sou.

Ao Abinoan, Priscilla, Letícia e Clara, pelo amor sempre presente. À Clara, sobrinha querida, pela incrível experiência de ser tia e pelas ajudas com a tecnologia. À Letícia, afilhada amada que virou auxiliar de pesquisa, que seu flerte com a Psicologia se torne uma prazerosa relação duradoura.

Ao Dan, pelo amor que tem tornado o mundo, de fora e de dentro, maior.

À Mãe, por ser minha inspiração para o crescimento, para a alegria e para o trabalho.

À Maitê, pelo amor de filha que tão cedo compreendeu minha ausência para elaborar esta tese e seus estresses, pela ajuda com a tecnologia, e por ser minha motivação para ir além.

RESUMO

ALMEIDA, K. A. S. L. de. **Um estudo qualitativo e psicanalítico acerca da conjugalidade e suas transformações: a esposa como principal provedora.** 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Lidar com todas as transformações vinculares, em uma sociedade em constante mudança, gera um desafio para os casamentos longevos, principalmente quando nos centramos nos casais de dupla carreira em que a mulher é a maior provedora. Diante disso, esta pesquisa teve como referencial teórico a Psicanálise Vincular e como objetivo analisar o impacto desse contexto na psicodinâmica de quatro casais heterossexuais, de dupla carreira, em que a mulher é a maior provedora, de classe média, casados há, no mínimo, 5 anos, com ou sem filhos. Foram feitas entrevistas semidirigidas com o casal e aplicação individual do procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E). A coleta de dados foi realizada de forma remota devido às restrições da pandemia de covid-19. Incômodos relacionados à posição de maior provedora das esposas não surgiram como fonte de conflitos manifestos em nenhum dos casais. O material do DF-E, como significativa ferramenta complementar para compreensão dos fenômenos psíquicos, confirmou as interpretações dos conteúdos inconscientes de sobrecarga emocional nas mulheres e, nos homens, dificuldades de se expressar e falar sobre seus sentimentos e suas fragilidades. Sobre a divisão de tarefas domésticas, três dos quatro homens da pesquisa se responsabilizaram pela maior parte do trabalho em casa, enquanto suas esposas estavam trabalhando mais. Esse comportamento masculino pode indicar uma importante mudança que vem sendo requerida pelas mulheres, desde que elas entraram no mercado de trabalho. Um achado interessante do estudo foi que encontramos nas famílias de origem de todos os casais participantes a presença de uma mulher como maior provedora, o que revelou indícios da atuação da transmissão psíquica em cada história vincular. Observamos que, na geração anterior à dos participantes da pesquisa, já houve mudanças em relação ao modelo tradicional de casamento, mas elas não puderam ser vividas em sua plenitude, devido à forma lenta em que ocorrem processos de transformações de valores na sociedade. Nos casais estudados, o modelo de conjugalidade igualitária ainda estava em construção. O reconhecimento, importante fator para uma conjugalidade igualitária, não foi encontrado na amostra pesquisada, apenas um conhecimento consciente da situação concreta vivida pelo casal. A presença do reconhecimento pode ser o indicador da mudança de funcionamento, de respeito e de empatia aos novos lugares do homem e da mulher na relação conjugal. Por último, esperamos que os achados da presente pesquisa sobre as repercussões das psicodinâmicas conjugais encontradas nos casais e famílias em que a mulher é a principal provedora possam contribuir para a construção de relações mais igualitárias e com mais compreensão tanto do parceiro quanto da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Conjugalidade. Casais de dupla carreira. Mulher Provedora. Psicanálise Vincular. Psicanálise.

SUMMARY

ALMEIDA, K. A. S. L. de. **A qualitative and psychoanalytic study about marriage and its transformations: the wife as the main provider.** 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Dealing with all the transformations in relationships in a society in constant change creates a challenge for long term marriages, especially when we focus on dual-career couples in which the woman is the main provider. Considering this, our research had as its theoretical framework the Linked Psychoanalysis and aimed to analyze the impact of this context on the psychodynamics of four heterosexual dual-career couples in which the woman is the main provider. All couples were middle class, married for at least 5 years, with or without children. Semi-directed interviews were conducted with each couple and the Family Drawing-and-Stories procedure was applied individually to each spouse. Data collection was performed remotely due to the restrictions of the Covid-19 pandemic. Discomforts related to the wives' position as the main provider did not emerge as a source of manifest conflicts in any of the couples. The Family Drawing with Stories material, as a significant complementary tool for understanding psychic phenomena, confirmed the interpretations of unconscious emotional overload in women and, in men, difficulties in expressing themselves and talking about their feelings and weaknesses. Regarding the division of domestic tasks, three of the four men in the survey were responsible for most of the household duties, while their wives were at work more. This male behavior may indicate an important change that has been required by women since they entered the job market. An interesting finding of the study was that in all the participants families of origin the main provider was a woman, this revealed evidence of psychic transmission in each linked story. We observed that in the generation prior to the one of the research participants, there had already been changes in relation to the traditional model of marriage, but they could not be experienced to their fullest due to the slow way in which processes of value transformation occur in society. In the couples studied, the model of egalitarian conjugality was still under construction. Recognition, an important factor for egalitarian conjugality, was not found in the sample studied, just a conscious knowledge of the concrete situation experienced by the couple. The presence of recognition can be an indicator of a change in functioning, respect and empathy for the new places of men and women in the marital relationship. Finally, we hope that the findings of this research on the repercussions of marital psychodynamics found in couples and families in which the woman is the main provider can contribute to the construction of more egalitarian relationships with greater understanding of both the partner and society.

KEYWORDS: Conjugality. Dual career couples. Woman as Provider. Bonding Psychoanalysis. Psychoanalysis.

RÉSUMÉ

ALMEIDA, K. A. S. L. de. **Une étude qualitative et psychanalytique sur le mariage et ses transformations : la femme comme principal pourvoyeur.** 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Faire face à toutes les transformations des relations dans une société en constante évolution crée un défi pour les mariages durables, surtout lorsque l'on se concentre sur les couples à double carrière dans lesquels la femme est la principale pourvoyeuse. Cette recherche, ayant pour cadre théorique la Psychanalyse Liée, vise à analyser l'impact de ce contexte sur la psychodynamique de quatre couples hétérosexuels, à double carrière, de classe moyenne, mariés depuis au moins 5 ans, avec ou sans enfants, où la femme est le principal soutien financier de la famille. Des entretiens semi-dirigés ont été réalisés avec chaque couple et la procédure Family Drawings with Stories (DF-E) a été appliquée individuellement. La collecte des données a été effectuée à distance en raison des restrictions liées à la pandémie de covid-19. Les inconforts liés à la position des épouses en tant que principales pourvoyeuses n'apparaissent pas comme source de conflits dans aucun des couples. Le matériel DF-E, en tant qu'outil complémentaire important pour comprendre les phénomènes psychiques, a confirmé les interprétations de contenus inconscients de surcharge émotionnelle chez les femmes et, chez les hommes, de difficultés à s'exprimer et à parler de leurs sentiments et de leurs faiblesses. Concernant la répartition des tâches ménagères, trois des quatre hommes interrogés étaient responsables de l'essentiel des activités domestiques, tandis que leurs épouses travaillaient davantage. Ce Comportement masculin peut indiquer un changement important exigé par les femmes depuis leur entrée sur le Marché du travail. Une conclusion intéressante de l'étude est que nous avons constaté que dans les familles d'origine de tous les couples participants c'était une femme la principale pourvoyeuse ; ceci révèle des preuves de transmission psychique dans chaque histoire liée. De même, nous avons observé que, dans la génération précédant à celle des participants de cette recherche, il y avait déjà eu des changements par rapport au modèle traditionnel du mariage, mais ils n'ont pas été entièrement vécus en raison de la lenteur avec laquelle les processus de transformation des valeurs se produisent dans la société. Dans les couples étudiés, le modèle de conjugalité égalitaire était encore en construction. La reconnaissance, facteur important de la conjugalité égalitaire, n'a pas été retrouvée dans l'échantillon étudié, seulement une connaissance consciente de la situation concrète vécue par le couple. La présence de la reconnaissance peut être un indicateur du changement du fonctionnement, du respect et d'empathie pour les nouveaux rôles des hommes et des femmes dans la relation conjugale. Enfin, nous espérons que les résultats de cette recherche sur les répercussions de la psychodynamique conjugale constatée dans les couples et les familles dans lesquels la femme est la principale pourvoyeuse pourront contribuer à la construction de relations plus égalitaires avec une meilleure compréhension à la fois du partenaire et de la société.

MOTS CLÉS : Conjugalité. Couples à double carrière. Femme comme pourvoyeuse. Liens Psychanalyse. Psychanalyse.

LISTA DE SIGLAS

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DF-E – Desenhos de Família com Estórias

UP – Unidade de Produção

CEPH-IPUSP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

CNS – Conselho Nacional de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 CASAL E FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES.....	24
3 O VINCULAR E A CONJUGALIDADE.....	37
4 OBJETIVOS.....	44
4.1 Objetivo geral.....	44
4.2 Objetivos específicos.....	44
5 MÉTODO.....	45
5.1 Procedimentos.....	48
5.2 Cuidados éticos.....	50
6 RESULTADOS.....	51
6.1 Casal 1: Jonas e Laura.....	52
6.1.1 História do casal.....	52
6.1.2 Famílias de origem.....	54
6.1.3 Pandemia de covid-19.....	56
6.1.4 Vida financeira do casal.....	57
6.1.5 Momentos de crise vividos pelo casal.....	59
6.1.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias.....	59
6.1.6.1 Jonas.....	60
6.1.6.2 Laura.....	66
6.1.7 Síntese do casal.....	71
6.2 Casal 2: Penélope e César.....	74
6.2.1 História do casal.....	74
6.2.2 Famílias de origem.....	75
6.2.3 Pandemia de covid-19.....	78
6.2.4 Vida financeira do casal.....	79
6.2.5 Momentos de crise vividos pelo casal.....	81
6.2.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias.....	82

6.2.6.1 César.....	82
6.2.6.2 Penélope.....	88
6.2.7 Síntese do casal.....	95
6.3 Casal 3: Lita e Pablo.....	97
6.3.1 História do casal.....	97
6.3.2 Famílias de origem.....	100
6.3.3 Pandemia de covid-19.....	102
6.3.4 Vida financeira do casal.....	103
6.3.5 Momentos de crise vividos pelo casal.....	105
6.3.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias.....	107
6.3.6.1 Pablo.....	107
6.3.6.2 Lita.....	114
6.3.7 Síntese do casal.....	122
6.4 Casal 4: Eduardo e Mônica.....	124
6.4.1 História do casal.....	124
6.4.2 Famílias de origem.....	127
6.4.3 Pandemia de covid-19.....	129
6.4.4 Vida financeira do casal.....	130
6.4.5 Momentos de crise vividos pelo casal.....	132
6.4.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias.....	135
6.4.6.1 Eduardo.....	135
6.4.6.2 Mônica.....	142
6.4.7 Síntese do casal.....	149
7 DISCUSSÃO.....	152
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	165
APÊNDICES.....	174

A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos de emoção a que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos modos de se divertir. Não se convidam amigos para o jogo por causa da cerimônia que se tem em pensar. O melhor modo é convidar apenas para uma visita, e, como quem não quer nada, pensa-se junto, no disfarçado das palavras.

Isso, enquanto jogo leve. Pois para pensar fundo – que é o grau máximo do *hobby* – é preciso estar sozinho. Porque entregar-se a pensar é uma grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de *outrem* quando a confiança é grande a ponto de não haver constrangimento em usar, se necessário, a palavra *outrem*. Além do mais exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também ser dado ao pensar. Exige-se tanto de quem ouve as palavras e os silêncios – como se exigiria para sentir. Não, não é verdade. Para sentir exige-se mais. (Lispector, 1992, p. 15-16).

1 INTRODUÇÃO

Fazer um doutorado atravessa todas essas emoções descritas por Clarice Lispector no trecho do conto “Brincar de pensar” (1992). Escritora dos inúmeros sentimentos humanos como poucos na literatura brasileira, encontro nela algumas das minhas vivências ao fazer esta pesquisa. É um processo que exige que possamos estar com o outro, nas entrevistas, nas aulas, nos grupos, nas orientações e no diálogo silencioso com todos os autores que compõem a nossa escrita. E, em outros momentos, fica-se em profunda solidão, pois é necessário estar consigo mesmo para ir dando lugar ao novo que está sendo criado; até a chegada de nova ideia ou de um novo encontro com outro interlocutor, seja ele um autor ou um entrevistado. Por sua vez, a escrita é o momento de tomar coragem para revelar parte desse processo, pois mostrá-lo por inteiro é impossível; e torcer para que os conhecimentos e experiências que este estudo me trouxe possam provocar tantas ou mais transformações no leitor quanto as vividas por mim.

O trabalho de escrita do doutorado se pareceu com a montagem de um quebra-cabeça de cinco mil peças. Fazia um pedaço aqui, outro ali e, aos poucos, o que estava sendo construído foi se deixando ver, até chegar a este texto, que, espero, consiga representar o quanto esse processo me fez crescer como pesquisadora, psicanalista e

mulher. O percurso não foi livre de angústias e medos, como são os processos de desenvolvimento. Para chegar a esse ponto, foi preciso aguentar a angústia de, em muitos momentos, só ver pedaços que não estavam se encaixando, e ter paciência e resiliência para ir montando a miríade de peças pouco a pouco, até mesmo quando não sabia.

O estudo dos casais em que a mulher é a principal provedora foi surgindo aos poucos. Pessoalmente, o que mais me marcou foi o nascimento da minha filha, em 2009, e com ela o nascimento de uma mãe que já tinha uma carreira em andamento. No ano seguinte, comecei a estudar Psicanálise de Casal e Família, pois havia tido um aumento de demanda de casais e famílias no consultório. Comecei, então, a receber pacientes com esse modelo de casamento em que as mulheres são as maiores provedoras, às vezes as únicas em períodos em que o marido estava desempregado, e a me inquietar com os sofrimentos apresentados pelos casais.

O universo desses casais, em geral de dupla carreira, em que a mulher apresenta grande crescimento profissional e financeiro em comparação ao parceiro, foi surgindo também em filmes, séries e documentários. O tema já pertencia ao meu imaginário desde a década de 1980, quando Renato Russo, da banda brasileira Legião Urbana, compôs a música “Eduardo e Mônica” (1986). Inspirado em um casal de amigos com quem conviveu, o artista recria os lugares do casal, colocando a mulher com uma vida profissional consistente (“ela fazia medicina e falava alemão”) e o homem, mais jovem, ainda “nas aulinhas de inglês”. A música virou filme em 2018 e foi lançado em 2022, mostrando a atualidade desse tema. Os artistas costumam captar previamente novas possibilidades de ser homem e mulher, as quais, mais à frente, aparecerão na sociedade e na cultura.

No decorrer desses anos, a percepção e observação do mundo – muito influenciadas pelo que nos inquieta e pelo que desejamos – foram me levando a mais contatos com essa temática. Em 2010, foi lançada a minissérie dinamarquesa *Borgen*, que retrata o cotidiano da primeira-ministra na política e as repercussões do seu trabalho no seu grupo familiar. Ao longo dos episódios, Birgitte Nyborg vai percebendo que conciliar a vida pessoal e a vida profissional, bem como seus ideais e os sacrifícios políticos necessários, não é tarefa fácil, especialmente quando se é chefe do governo executivo. O casamento da primeira-ministra não é o principal foco da série, mas chamou atenção por observar que os desafios da personagem tinham algumas semelhanças com os conflitos

trazidos pelos pacientes no consultório, tais como o distanciamento do casal, o excesso de trabalho da mulher, o impacto dessas mudanças na vida dos filhos, entre outros.

A percepção seletiva devido ao meu interesse no assunto continuou me levando a encontrar esse modelo de casamento nos filmes que eu via. Os filmes *Um senhor estagiário* (2015),¹ *A esposa* (2017),² *Não se preocupe, querida* (2022),³ e as séries *Cenas de um casamento* (2021)⁴ e *Intimidade* (2022)⁵ trazem como personagens principais mulheres com destaque profissional e financeiro maior do que o do marido, mostrando diferentes conflitos e recursos para resolvê-los.

Ainda no campo da cultura, a série *Explicando* (2018),⁶ da Netflix, apresenta o episódio “Por que as mulheres ganham menos”, que trata da ainda muito presente desigualdade salarial entre homens e mulheres. São também apresentadas as experiências de dois países onde foi dado espaço para o crescimento profissional feminino, Ruanda e Islândia, os quais acabaram com a desigualdade em poucas décadas. Após o massacre ocorrido em 1994, que dizimou 800.000 pessoas, a população de Ruanda passou a ser de 60% a 70% feminina. Assim, como em outras guerras, as mulheres foram convocadas a assumir cargos tradicionalmente ocupados por homens. Através de um mecanismo de sobrevivência após o genocídio, houve políticas inclusivas que geraram uma mudança cultural quanto ao gênero, sendo a desigualdade salarial em Ruanda uma das menores do mundo.

Já na Islândia, o caminho para as conquistas femininas foi diferente. Em 1975, as islandesas fizeram greves e protestos pela igualdade salarial. Esses movimentos sociais aumentaram o papel das mulheres na política, culminando com a eleição da primeira presidente do mundo em 1980. Os islandeses foram um dos povos pioneiros no aumento de meses da licença maternidade e, em 2000, criaram a licença paternidade obrigatória,

¹ UM SENHOR estagiário. Direção: Nancy Meyers. Roteiro: Nancy Meyers. [S. l.]: Warner Bros. Pictures, 2015. 1 vídeo (121 min.).

² A ESPOSA. Direção: Björn Runge. Roteiro: Jane Anderson. [S. l.]: Sony Pictures Classics, 2017. 1 vídeo (101 min.).

³ NÃO SE PREOCUPE, QUERIDA. Direção: Olívia Wilde. Roteiro: Katie Silberman. Warner Bros. Pictures, 2022. 1 vídeo (123 min.).

⁴ CENAS de um casamento. Direção: Hagai Levi. Roteiro: Hagai Levi. Nova York: HBO, 2021. 5 episódios.

⁵ INTIMIDADE. Direção: Jorge Torregrossa García, Ben Gutteridge, Marta Font, Koldo Almandoz. Roteiro: Verónica Fernández, Laura Sarmiento. [S. l.]: Txintxua Films; Netflix, 2022. 8 episódios.

⁶ EXPLICANDO. Produção: Ezra Klein, Kara Rozansky, Claire Gordon, Chad Mumm, Lisa Nishimura, Joe Posner, Jason Spingarn-Koff, Kate Townsend. [S. l.]: Vox Media; Netflix, 2018. 20 episódios.

que mudou a forma de a família se organizar nos cuidados com os filhos, e teve como consequência a diminuição da desigualdade salarial entre homens e mulheres.

O caminho em busca de relações igualitárias mostra-se longo, trabalhoso e passa por múltiplos e complexos vértices. Embora ainda esteja em construção, também apresenta alguns avanços. Em 2023, Claudia Goldin, professora em Harvard, ganhou o Nobel de Economia por estudar os impactos da participação da mulher no mercado de trabalho (Miato, 2023).⁷ Mesmo com as conquistas vividas pelas famílias nas últimas décadas, especialmente após a criação da pílula anticoncepcional, que possibilitou o planejamento familiar, as dinâmicas presentes no mercado de trabalho tendem a dificultar a ascensão profissional das mulheres, em especial das que têm filhos.

Por que estou falando sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres em uma tese de doutorado em Psicologia Clínica, na qual vou estudar casais em que as mulheres romperam essa barreira e ganham mais que os homens? bell hooks (2021), pensadora política, ajuda a fazer a ponte entre as questões macro da economia e as investigações clínicas da psicanálise, quando ela afirma:

Nos primórdios do movimento feminista, as mulheres insistiam que os homens tinham vantagens porque geralmente controlavam as finanças. Agora que mais mulheres têm alcançado o poder (embora não em quantidade equivalente aos homens) e se tornado mais independentes economicamente, homens que querem manter seu domínio precisam empregar estratégias mais sutis para colonizar as mulheres e minar seu poder. Até mesmo a profissional mais bem-sucedida pode ser “derrubada” por estar em um relacionamento no qual deseja ser amada, mas é constantemente enganada. Na medida em que ela confia em seu companheiro, a mentira e outras formas de traição provavelmente despedaçarão sua autoconfiança e sua autoestima. (hooks, 2021, p. 83).

Mesmo com todas as transformações e conquistas decorrentes das lutas e pressões das mulheres, só haverá verdadeira mudança quando houver efetivamente transformação dos papéis de gênero dentro do casal e da família. Na clínica, observou-se esse fenômeno durante a pandemia de covid-19, em famílias de classe média em que os homens se recusaram a participar das tarefas com a casa e os filhos e a esposa havia perdido a ajuda da rede de apoio (funcionários domésticos, avós, amigos e escola).

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/10/09/nobel-de-economia-2023-vai-para-claudia-goldin.ghtml>. Acesso em: 17 fev. 2024.

Assim, o tema está no ar e me atingiu, me fazendo produzir esta pesquisa, que se propôs a investigar como os casais estão lidando com essas mudanças em seus relacionamentos. O mercado ainda paga menos para as mulheres no exercício dos mesmos cargos ocupados pelos homens, estimulando uma Lei de Igualdade Salarial – aprovada no Senado em junho de 2023, no Brasil, para tentar diminuir a desigualdade (Decreto..., 2023).⁸ Contudo as mulheres que fizeram parte desta pesquisa conseguiram transpor essas barreiras e parecem estar tentando construir com seus parceiros uma modalidade nova de conjugalidade.

Outro ponto que gostaria de destacar é que esta pesquisa foi feita por muitos olhares femininos: da pesquisadora, da orientadora, das supervisoras, das colaboradoras, das professoras que compuseram a banca de qualificação e das entrevistadas. No entanto, apesar de sermos mulheres, estamos imersas na cultura patriarcal, em que a escuta tem como base uma perspectiva masculina, seja o ouvinte homem ou mulher (Turkiewicz; Di Ciero, 2023).

Alguns fatores colaboraram de forma contundente para a mudança do modelo tradicional de família, dentre os quais o surgimento da pílula anticoncepcional, que possibilitou uma mudança na relação da mulher com sua sexualidade e com a natalidade, e o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho. O espaço conquistado no mundo do trabalho provocou conquistas dentro da família e, ao mesmo tempo, novos conflitos, uma vez que as mulheres se tornaram mais independentes e passaram a questionar o poder no casal e na família. Herrmann (2003), psicanalista brasileiro, questiona o alcance e a direção dessas transformações, ao problematizar que as mudanças precisam ser olhadas com cuidado, para que não se tornem apenas uma propaganda enganosa em que tudo muda para que nada mude.

Desde então, passaram-se mais de sessenta anos da descoberta da pílula e ainda estamos às voltas com as repercussões desencadeadas por essa mudança nas relações conjugais. Observa-se que as transformações do casamento impactaram em primeiro lugar as mulheres, que foram protagonistas e vítimas desse processo. Todavia hoje percebemos um impacto significativo também no papel masculino. Os homens estão buscando caminhos para se adaptar às mudanças e construir novas formas de ser homem,

⁸ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/11/decreto-regulamenta-lei-da-igualdade-salarial-entre-mulheres-e-homens>. Acesso em: 17 fev. 2024.

pai e marido. Berenstein (2011, p. 75) afirmava: “Não é fácil a tarefa da mulher em seu laborioso caminho até o casal, tampouco o é para o homem, mas suas vicissitudes são diferentes”.

Wang, Jablonsky e Magalhães (2006) discutiram essas mudanças destacando que o modo de ser homem, que valoriza a competitividade, o desempenho, o autoritarismo, a dominação e a opressão, como fatores de um modelo de virilidade masculina, tem sido questionado e substituído por modelos que incluam as necessidades afetivas masculinas. Isso sem falar nos inúmeros grupos de homens que têm surgido para discutir e ampliar essas questões. Dentre eles, destaco o Papo de Homem, que lançou o documentário *O silêncio dos homens* (2019), dirigido por Ian Leite e Luiza de Castro,⁹ que aborda os tabus da masculinidade, propondo que os homens se responsabilizem por essas mudanças juntamente com as mulheres.

Nossa posição, nosso gênero, o momento histórico em que estamos inseridos têm influência no modo como estamos nos constituindo como sujeitos e como casal e família. O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2004) já afirmava que estar em um relacionamento significa uma incerteza permanente. O que antes foi um terreno sólido e conhecido, hoje é impermanente e líquido (Bauman, 2004). A psicanalista Janine Puget (2015) elevou a impermanência à categoria de princípio e a conecta com a percepção da fragilidade do sentimento de pertencimento, dos vínculos e das certezas e, ainda, da efemeridade de alguns valores sobre os quais apoiamos nossa segurança ilusória. Contudo o ser humano tem como tendência buscar certezas e estabilidades e a elas se agarrar. Portanto nossa tendência à estabilidade muitas vezes se choca com esse mundo em que tudo pode, onde o prazer efêmero é valorizado em contraponto à tolerância, à frustração e à rotina. Esse antagonismo leva a conflitos individuais e familiares, me conduzindo a estudar como as mudanças culturais e sociais continuam impactando no mundo intrapsíquico e interpssíquico.

Há muito tempo, homens e mulheres estão em busca da felicidade e, em especial, procuram encontrá-la no relacionamento a dois. Esse tema mobiliza cientistas, filósofos, poetas, jornalistas e todos que entendem o casamento como uma instituição a ser cuidada e mantida.

⁹ O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite, Luiza de Castro. São Paulo: Monstro Filmes, 2019. 1 vídeo (60 min.). Publicado pelo canal PapodeHomem.

O casamento tem passado por muitas transformações no decurso da história. Em linhas gerais, de um acordo financeiro entre as famílias envolvidas, ele se torna – com o advento do romantismo – um lugar de busca de satisfação e realização a dois. Com isso, essa instituição ganha uma importância que vem sendo estudada até hoje.

Roudinesco (2003) propôs três grandes períodos na evolução da família: a família tradicional, a família moderna e a família contemporânea. Na família tradicional, a escolha do parceiro era feita pelos pais, com o objetivo de garantir a manutenção dos patrimônios, e a autoridade paterna prevalecia. Na família moderna, surge a importância do amor romântico e do sexo para o casamento, e ainda tendo a procriação como principal função. O último período postulado pela autora é o da família contemporânea, em que os parceiros buscam intimidade e satisfação sexual no casamento. O que mantém as pessoas unidas na família contemporânea é o grau de satisfação encontrado na relação.

O casamento não foi poupado de todas essas transformações. Ao mesmo tempo, outras mudanças impactaram essa instituição e as composições familiares: a mulher ocupou seu espaço no mundo do trabalho e ganhou autonomia, podendo escolher permanecer ou não no casamento; a descoberta da pílula anticoncepcional lhe trouxe maior liberdade sexual; e as crianças foram para as creches mais cedo. Contudo, apesar de todos esses avanços, ainda percebemos que o modelo tradicional coexiste com o modelo contemporâneo, de igualdade entre os cônjuges, tanto na vida dos casais e famílias quanto na mentalidade social de homens e mulheres.

Desse modo, existem vários arranjos familiares, mas ainda com forte influência da família tradicional heterossexual. Gomes (2021, 2022), Souza (2021) e Levy e Gomes (2011, 2022) afirmam que essa simultaneidade pode ser atribuída ao mecanismo de transmissão psíquica geracional, o qual diz respeito aos modelos de relação que cada indivíduo recebe de seus pais, avós e antepassados e que se expressam na composição de uma nova conjugalidade. Se os indivíduos se apropriarem dos conteúdos que receberam e puderem transformá-los, as relações conjugais se abrirão eventualmente para o novo; caso contrário, serão apenas reprodutores de suas heranças psíquicas (Gomes, 2022; 2021; Souza, 2021). A influência do modelo igualitário, a importância das liberdades individuais e do respeito às diferenças continuam influenciando as famílias a não se organizarem apenas em torno do patriarcado (Gomes, 2021; Levy; Gomes, 2011, 2022).

Nesse cenário, chamaram minha atenção os casais de dupla carreira em que a mulher é a principal ou única provedora. Vale destacar que famílias em que as mulheres são a principal sustentação financeira não é um fenômeno recente. O que acreditamos ser novo é a busca dessas mulheres pelo reconhecimento da sua condição de sustentáculo da família pelos seus parceiros, familiares e sociedade; e a análise das dificuldades e recursos advindos dessa escolha para o casal. Esta tese, portanto, visou a analisar a dinâmica do vínculo conjugal em casais de dupla carreira em que a mulher é a principal provedora financeira do casal, investigando os sentidos atribuídos pelos cônjuges a esse modelo de casamento e buscando revelar que recursos estão sendo utilizados por homens e mulheres para manter sua relação conjugal.

Gomes (2017) traça um panorama da Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família, em que destaca a estreita relação entre pesquisa e clínica, como um espaço de produção de novos conhecimentos. As pesquisas clínicas ajudam a inserir as mudanças ocorridas no transcurso da família tradicional para as novas configurações familiares, as quais, por sua vez, trazem novos problemas, que geram mais pesquisas. É nesse campo que a presente investigação buscou trazer contribuições.

Para tanto, além da “Introdução”, a tese foi dividida em sete capítulos que apresentam o percurso percorrido para sua realização e conclusão.

No capítulo 2, “Casal e família na contemporaneidade e suas transformações”, discutiram-se as transformações do conjugal e seus desdobramentos, a construção dos papéis masculino e feminino, a partir das influências do contexto sócio-histórico, cultural e econômico, e a transição em andamento entre os modelos tradicional e contemporâneo de casamento com suas contradições e desafios para conjugalidade, destacando algumas pesquisas sobre o tema dos casais em que a mulher é a maior provedora.

No capítulo 3, “O vincular e a conjugalidade”, abordou-se o processo de construção da conjugalidade, tendo como referencial teórico a Psicanálise Vincular e a Psicanálise. Discutiram-se os aspectos interp-síquicos e intrapsíquicos de vínculo, destacando o reconhecimento do outro e de si mesmo. Além disso, foi apresentado brevemente o conceito de transmissão psíquica, em busca de se apontarem as heranças psíquicas geracionais.

Em seguida, nos capítulos 4 e 5, respectivamente, foram explicitados os objetivos da pesquisa e o percurso metodológico escolhido.

No capítulo 6, “Resultados”, foram apresentados os casais a partir de seus dados sociodemográficos, das categorias temáticas e das produções dos Desenhos de Família com Estória, mostrando o entrelaçamento do interpessoal e do intrapsíquico de cada casal. Sobre cada um dos casais foi feita uma síntese com alguns dos achados nos dados.

A discussão foi feita no capítulo 7, organizando os resultados dos casais a partir de semelhanças e diferenças, destacando especificidades que julgamos importantes nos achados da pesquisa, sendo por vezes exemplos de um participante ou de um casal.

A tese se encerra com as “Considerações finais”, em que os resultados encontrados foram articulados com os objetivos e foi indicada a contribuição dos achados para a clínica de casais e família.

2 CASAL E FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

As transformações da família, da conjugalidade e das relações de gênero na contemporaneidade têm sido estudadas por diferentes vértices, tanto pelos estudos psicossociais quanto pela psicanálise de casal e família. As famílias modificam a realidade social e são por ela modificadas, em um movimento que gera adaptações às novas realidades. Dentro dessas novas realidades são encontradas novas maneiras de ser e de exercer as funções masculinas e femininas no casal, que, embora tenham surgido como um contraponto aos papéis femininos e masculinos tradicionais, ainda podem se defrontar com resquícios desses papéis dentro do espaço conjugal. É sobre essas transformações e seus desdobramentos que iremos nos debruçar neste capítulo.

O modelo da família tradicional de classe média brasileira, com homem provedor e mulher dedicada às tarefas da casa e dos filhos, não é mais hegemônico. Tornam-se também presentes as famílias monoparentais, homoafetivas, recompostas, casais de dupla carreira, transexuais, poliamor, relacionamentos abertos. Apesar das diversas possibilidades de ser família e casal hoje, o imaginário popular ainda continua habitado pelos parâmetros do modelo da família tradicional heterossexual.

Quanto ao homem, a quem cabia um lugar de potência, autoridade e tomada de decisões, sem demonstrações de medo, inseguranças e menos ainda afetividade, não era esperado que mostrasse fragilidade ou dependência, nem havia espaço para compartilhar dúvidas, fracassos ou problemas. Havia uma forte repressão à expressão da afetividade masculina (Bertolini, 2002).

Outra contribuição que discute os modos de subjetivação dos homens e mulheres, e indiretamente a forma do modelo tradicional de casamento, é trazida por Zanello (2018, 2022) quando afirma que, na cultura contemporânea, os caminhos de subjetivação para homens e mulheres são diferentes. As mulheres se subjetivam por meio do dispositivo amoroso e materno; e os homens, por meio do dispositivo da eficácia. O dispositivo amoroso e materno diz que as mulheres se subjetivam em uma relação consigo mesmas, profundamente mediadas pelo olhar de um homem que as escolha. Zanello (2022)

construiu a metáfora da “prateleira do amor” para compreender esse conceito, que propõe que a autoestima feminina e, conseqüentemente, sua autoimagem são construídas e validadas pela possibilidade de “ser escolhida” por um homem. A autora traz Badinter (1993¹⁰ *apud* Zanello, 2022) para afirmar que a subjetivação da masculinidade é construída de forma negativa e imperativa. O tornar-se homem é algo a ser provado por meio de deveres, provas e competições, não podendo se aproximar do que é considerado feminino. Dentre as inúmeras tarefas para se tornar um homem está a função de prover, que será validada por outros homens e não pela mulher. Zanello (2022, p. 107) acrescenta:

O trabalho é um fator identitário para os homens (que os coloca em xeque), diferentemente do que é para as mulheres. Prova disso é que uma mulher que não trabalhe (no âmbito público), mas se dedique à casa e aos filhos ou aos pais, consegue encontrar espaço de reconhecimento social. Dificilmente um homem nessas condições encontraria esse reconhecimento.

Apesar de ainda existir fortemente o atravessamento dos dispositivos amoroso e materno com suas representações, que ligam as mulheres às ideias de bondade, cuidado, maternidade, domesticidade, e do dispositivo da eficácia, que liga os homens à ideia de trabalho, produtividade, embrutecimento, frieza emocional, eles também passaram a ser questionados. O conceito de gênero proposto por Butler (2016) assevera que a diferença sexual é uma construção de gênero que ela considera como *performances* que não são livres, uma vez que os roteiros já existem na cultura e na família, antes do nascimento.

Em outras palavras, apesar de todos os avanços e conquistas das mulheres e dos casais em construir relações igualitárias, a subjetivação feminina é permeada de valores que ainda colocam a mulher como alvo da conquista masculina, sendo esse seu valor principal, e o homem sendo avaliado pela função de prover e sem poder explorar territórios ditos femininos de afetos e cuidados – funções que se referem ao humano e, portanto, pertencentes aos dois gêneros. Cabe mencionar ainda a falta de reconhecimento da conquista da mulher no espaço público e todos os sucessos alcançados tanto na função de prover como na capacidade profissional, independente de já haver alguns avanços nesse aspecto.

Assim, percebemos as várias modificações ocorridas nas subjetivações masculinas e femininas, o que trouxe outras questões para o homem e para mulher, e

¹⁰ BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

dentro das relações amorosas. Houve também modificações no estabelecimento amoroso, já que as características da contemporaneidade começaram a permear as subjetividades e os laços.

Bauman (2004) caracteriza a pós-modernidade como o período em que os laços amorosos estão líquidos, o que significa que tudo é vivenciado de forma descomprometida e fugaz. Os vínculos inseridos nesse contexto se tornam frágeis, confusos e imprevisíveis. A modernidade líquida, como foi conceituado pelo autor, traz ainda forte apelo ao consumismo, ao individualismo, ao hedonismo, os quais aparecem como valores na pós-modernidade e nos relacionamentos.

Assim, a lógica do consumo, do prazer imediato, da ausência de tédio e frustrações invade as relações amorosas, prevalecendo a busca por relações de encontros instantâneos, felicidade em todos os momentos. A construção de um relacionamento duradouro, que requer paciência, tolerância à frustração, desprendimento, solidariedade, capacidade de lidar com as diferenças, se opõe aos fundamentos da pós-modernidade (Ramos, 2003; Bauman, 2004).

Giddens (1993), há três décadas, já pontuava que a sexualidade podia ser um meio de emancipação e até mesmo um espaço fundamental de luta política. Ele afirmava que a democratização da vida pessoal como um potencial pode ser estendida de uma forma primordial a todas as relações humanas (amor, amizade, relações entre pais, filhos e outros parentes). Em suas palavras: “A transformação da intimidade reclama por mudança psíquica e também por mudança social, e essa mudança, partindo ‘de dentro para fora’, poderia potencialmente se ramificar através de outras instituições, mais públicas” (Giddens, 1993, p. 200).

Apesar de o texto ser de 1993, Giddens continua atual ao propor o “relacionamento puro” como modelo de relação contemporânea, caracterizado pela valorização do diálogo, da comunicação da intimidade, da igualdade de direitos e deveres, da individualidade e aceitação das diferenças. O autor enfatiza as bases democráticas e a ausência do poder autoritário, da coerção ou da violência presentes nesse modelo, o qual pode ser interrompido a qualquer momento, caso um ou ambos os cônjuges não estejam satisfeitos com a relação. Desse modo, o “relacionamento puro” representa na atualidade um modelo idealizado que os casais tentam alcançar.

Assim, anos depois das reflexões de Giddens, percebe-se que o casamento contemporâneo ainda é marcado por altas exigências. Homens e mulheres procuram se adaptar às transformações sociais, às demandas do mercado de trabalho, de valorização, respeito e apoio pelo crescimento individual do(a) parceiro(a) e de flexibilização dos papéis de gênero e construção de relações mais igualitárias (Gomes; Levy, 2023; Gomes, 2022, 2021; Diniz, 2010).

Por outro lado, apesar de vivermos em uma sociedade de consumo que promove as relações não duradouras e sem comprometimento, o ser humano ainda busca construir relações duradouras e comprometidas, valorizando a construção da intimidade e acreditando que o casamento ainda pode ser um lugar de satisfação (Féres-Carneiro; Ponciano; Magalhães, 2007). Desse modo, o casamento continua sendo um lugar privilegiado por homens e mulheres, por ser nesse espaço que são estabelecidas as relações mais significativas. Para grande parte das pessoas, a busca pelo casamento é uma tentativa de encontrar felicidade e conforto. É no casamento contemporâneo que está a relação de maior intimidade, envolvimento e investimento afetivo (Féres-Carneiro; Ziviani, 2010; Féres-Carneiro; Ziviani; Magalhães, 2011).

Nesse contexto, segundo Féres-Carneiro (1998), a construção e a desejada manutenção do casamento na contemporaneidade são muito impactadas pelos valores do individualismo, tendo em vista que os ideais contemporâneos de relação conjugal dão mais importância à autonomia e à satisfação de cada cônjuge do que aos laços de dependência entre eles, o que era previsto no modelo de casamento tradicional. A crise das relações conjugais, das representações do masculino e do feminino no mundo contemporâneo abre possibilidades para ambos os sexos serem autores de suas próprias vidas, sendo mais pautados pelo desejo do que pela norma.

Alguma liberdade pode ser conquistada após um esforço de elaboração, de convivência e de adaptação a todas essas mudanças, produzindo uma identidade que não é mais herdada, mas sim uma construção ativa por partes do envolvidos (Oliveira, 2003).

Assim sucedendo, vivemos sob a égide de dois modelos de casamento, o tradicional e o contemporâneo, em que os papéis não estão mais predeterminados e os indivíduos gozam de maior liberdade e autonomia, fazendo com que lhes seja exigido um maior trabalho psíquico para manter a relação estável e saudável. Inúmeros estudos sobre dinâmica familiar desenvolvidos desde a década de 1980 atestam a convivência de

representações tradicionais e contemporâneas de casamento. A substituição do modelo tradicional pelo modelo contemporâneo parece ser muito lenta e ainda está longe de chegar ao fim, de modo que alguns autores como Emidio e Souza (2019), Cypel (2016) e Gomes (2013) entendem esse processo enquanto uma transição entre os antigos valores e a influência do novo que se apresenta. O estudo dessa mudança de um modelo para o outro começou há muitos anos e parece ainda não estar completo. Figueira (1986), na década de 1980, já estudava essa transição que ainda estamos vivendo e, percebendo que essa mudança não ocorria por completo, escolheu o termo *desmapeamento* para conceituar essa contraditória convivência dos dois modelos, o “arcaico” e o “moderno”, ou, em outras palavras, o novo e o antigo modelo que habitam as subjetividades, sem que haja uma inteira substituição de um pelo outro.

Araújo (2010) afirma que a família no Brasil veio sendo influenciada pelo feminismo e sua luta pela igualdade de gênero e pela expansão da democracia política. Segue afirmando que a mudança do modelo de família tradicional, hierarquizada, organizada sob a égide do poder do pai provedor vem mudando paulatinamente para um modelo de família igualitário e democrático, mesmo que ainda tenha muitos obstáculos e contradições a serem enfrentados. A autora ainda destaca que a apropriação dos ideais feministas e democráticos não é feito do mesmo modo nas diferentes classes socioeconômicas e culturais. Contudo são esses ideais que continuam a influenciar a luta por relações mais igualitárias nas famílias, em especial na reorganização das relações de poder, no declínio do poder paterno e da dominação masculina e na mudança de papéis atribuídos ao masculino e ao feminino em toda a sociedade.

Gomes (2021) atesta que promover relações mais democráticas para casais e famílias não tem sido uma tarefa fácil. Os ideais impostos pela cultura contemporânea de exigência de igualdade entre os gêneros, de defesa das liberdades individuais e a preservação do respeito às diferenças também trazem muitos conflitos e crises ao cotidiano das famílias, por ainda dividirem o espaço com a tradição e a força do modelo patriarcal de família. A autora ainda afirma que percebe que os sujeitos se encontram constrictos entre a variedade e rapidez das mudanças sociais e sua capacidade de processar tudo isso (Gomes, 2021).

Outro ponto a ser destacado é que a convivência do modelo tradicional e do modelo igualitário gera tensões tanto para os homens quanto para as mulheres. Negreiros

e Féres-Carneiro (2004) afirmavam que o discurso da “nova” mulher era carregado de sentimento de culpa devido à imensa dificuldade de conciliar as questões profissionais e pessoais com os papéis femininos internalizados do modelo tradicional de família, um sonho de volta ao reinado do lar, a fim de se sentir outra vez em paz e acolhida (Negreiros; Féres-Carneiro, 2004). Passaram-se vinte anos e esse discurso ainda é encontrado nas mulheres de hoje, que continuam acumulando funções e buscando tornar essa mudança efetiva no cotidiano dos casais e famílias (Neumann; Mosmann; Wagner, 2021).

Diante da questão da sobrecarga consequente a esse acúmulo de papéis, Oliveira (2012) destaca que continuamos a viver, homens e mulheres, como se o modelo tradicional de casamento ainda existisse, com os cuidados garantidos pela presença constante das mulheres em casa e na função masculina do homem provedor. A autora afirma que, no século XXI, “o provedor saiu do ar”, ou seja, associa-se essa palavra mais a um serviço de internet do que a uma função exclusiva do homem. Não há mais volta, pois as mulheres ocuparam os espaços públicos, conquistando a capacidade de prover ao lado dos homens, e, em alguns casos, colocam-se como maiores provedoras. Contudo ainda são as mulheres as maiores responsáveis pelos cuidados com a família, com a casa, com os filhos, direta ou indiretamente, quando existe uma rede de apoio profissional ou familiar (Jablonski, 2010). A apropriação desse espaço pelos homens ainda se faz lentamente nos núcleos familiares. Oliveira (2003) já havia ampliado a discussão, referindo que essas questões não são da mulher, ou do homem, e sim da sociedade, que precisaria ajudar as famílias, e especialmente as mulheres, que se equilibram cotidianamente nas duas funções, criando uma organização social que possa acolher as mudanças dos modelos de família (Oliveira, 2003, 2012).

Quanto aos homens, dir-se-ia que a tônica se assenta ainda em esconder a fragilidade e seguir o roteiro de homem provedor autossuficiente vigente até os dias atuais, ainda que se observem, em algumas famílias, algumas mudanças em curso. Bertolini (2002) traz um contraponto às perdas em relação ao modelo tradicional, dizendo que se percebem também ampliação e enriquecimento do papel masculino, com a nova configuração conjugal na qual o espaço público é compartilhado com as mulheres também provedoras. Expressar sentimentos e fragilidades, além de um maior cuidado com sua afetividade e com seu corpo, foram ganhos pelo homem nessa transição de modelos (Bertolini, 2002).

Ainda pensando no impacto das mudanças para os homens, Levy (2009) afirma que os ideais de cumplicidade e parceria podem desaparecer no contexto em que o homem está fragilizado. Isso pode ser apresentado como uma ameaça para a relação nos moldes da contemporaneidade, uma vez que a demanda feminina é a de que o homem recupere seu lugar fálico. E assim instala-se um paradoxo: a sociedade contemporânea propõe papéis igualitários para homens e mulheres, contudo na clínica, ou seja, no imaginário dos casais, ainda é muito presente o modelo “homem-ativo-fálico/mulher-passiva-castrada (Levy; Gomes, 2008; Levy, 2009; Gomes, 2013).

Percebe-se que a substituição do modelo tradicional pelo modelo contemporâneo ainda não foi concluída e essa discussão permanece atual nos dias de hoje, de modo que o tema vem sendo estudado há décadas, tanto por autores mais antigos como por mais recentes, apresentando um acompanhamento e registro desse processo de transição que ainda não se assentou.

A expansão do trabalho feminino foi ocorrendo por meio do acúmulo de funções, tornando sempre um desafio conciliar as funções familiares, acadêmicas, profissionais e individuais. Esse desafio é especialmente difícil para casais de dupla carreira (Oliveira, 2003; Gomes, 2021; Levy; Gomes, 2022; Gomes; Levy, 2023). Todas essas mudanças, ou seja, valores do modelo igualitário de casal, entrada e consolidação das mulheres no mercado de trabalho, possibilitaram que muitos casais fossem levados a investir em suas carreiras. Gomes (2021) refere-se assim aos casais de dupla carreira: homens e mulheres que tinham como meta a valorização e o investimento na trajetória profissional, na ascensão social e econômica que a carreira trouxe, e, em sequência, igualmente interessados em buscar o parceiro e formar uma família.

Dentro desse contexto, nota-se que a quantidade de pesquisas brasileiras sobre a psicodinâmica de casais em que as mulheres são as maiores provedoras não é numerosa. Foram encontrados alguns trabalhos na área de estudos psicossociais e demográficos, que serão discutidos brevemente a seguir. Na área de Psicanálise de Casal e Família, foram encontrados pequenos trechos ou exemplos em pesquisas que estudavam outros temas da área.

O contexto socioeconômico dessas pesquisas é composto pelas camadas médias da população, onde a entrada das mulheres vem acontecendo lenta e progressivamente. Cabe aqui ressaltar que a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua capacidade

de prover não é um fenômeno recente. Nas camadas populares, muitas vezes, elas são as responsáveis pelo sustento e estabilidade financeira da família sozinhas ou com a participação do marido e até mesmo dos filhos, que começam a trabalhar menores de idade para ajudar na renda familiar.

O trabalho feminino, que sempre existiu nas atividades domésticas e na maternidade, vem crescendo também nos espaços públicos. As mulheres almejam, além de bons salários e empregos, realização acadêmica e construção de uma carreira profissional, vislumbrando nessa atividade uma condição necessária ao sucesso da sua vida. Com todos esses investimentos e expansões, elas querem atingir o sucesso em suas carreiras e, muitas vezes, passam a garantir a subsistência das famílias. É cada vez mais significativo o número de mulheres que investe em seus estudos, trabalha e contribui com a renda familiar.

Outro fenômeno que vem chamando a atenção dos pesquisadores é o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e como maior provedora da família, o que não diminui suas responsabilidades com os cuidados domésticos e com a família (Rocha-Coutinho, 2003). Féres-Carneiro (1987, 1994) encontrou mulheres com ganhos financeiros superiores aos dos homens em diversas famílias; contudo, em algumas delas, a maior participação da mulher como provedora não foi acompanhada por maior liderança na família. Negreiros (1996) hipotetizou que poderia existir sentimento de culpa pelo exercício de papéis tradicionalmente masculinos, contribuindo para a manutenção do *status quo*. O processo de incorporação das novas identidades masculinas e femininas não tem sido sem turbulências. Ainda há muitos conflitos em relação à divisão de tarefas domésticas e, quando a mulher toma o lugar de provedora da família, ela costuma ser vista como “usurpadora” do lugar masculino de provedor (Gomes, 2014).

Santana (2010), ao estudar o processo de reconfiguração das subjetividades masculinas e femininas, destaca que, mesmo quando a função de prover está a cargo da mulher, ela não se percebe nem é percebida pelo homem como a líder da família. A função do provimento apenas entra no rol de mais uma de suas funções tradicionais, tais como a de mãe, esposa e dona de casa. A autora, apoiada em Sarti (2005), afirmava que exercer o papel masculino de provedor não representava de fato uma questão para as mulheres, em especial em situações de necessidade financeira; o que realmente precisava ser destacado é que não lhe é conferido pelo homem o respeito por ela ter assumido esse

papel. Esse estudo traz a discussão da importância do reconhecimento e do respeito pelo lugar que foi conquistado pela mulher para que não haja uma negação da transformação no papel da mulher tanto pelo homem como por ela própria, de modo que seria enriquecedor investigar as repercussões das psicodinâmicas conjugais encontradas nessas famílias.

Algumas pesquisas têm revelado como o papel de provedora assumido pela mulher nas camadas médias da população tem repercutido na dinâmica familiar, nas questões conjugais, bem como na educação dos filhos (Fleck; Wagner, 2003; Rocha-Coutinho, 2003; Féres-Carneiro, 1987, 1994).

Fleck e Wagner (2003), em um estudo pioneiro com três famílias, que teve como objetivo conhecer a estrutura familiar quando a mulher era a maior provedora, utilizou uma metodologia qualitativa por meio da aplicação e análise de dois instrumentos: 1) Desenho de Família, analisado conforme critérios de Wagner e Bandeira (1996)¹¹ e Wagner e Féres-Carneiro (1998),¹² e o 2) FAST (*Family System Test*), de Gehering (1993¹³ *apud* Fleck; Wagner, 2003), teste formado por um quadro-tabuleiro monocromático dividido em 81 quadrados, com figuras masculinas e femininas e blocos. O resultado encontrado foi a manutenção de uma representação clássica e idealizada por parte das figuras masculinas nos três casos. Tanto os homens quanto as mulheres desenharam os homens em primeiro lugar, repetindo o modelo clássico de família, em vez de sua real representação. Os homens parecem representar como gostariam de estar na família e as mulheres, distanciadas da vivência real no grupo familiar.

As mulheres desse estudo, mesmo estando por igual ou maior tempo que seus maridos fora do âmbito do lar, continuavam sendo as responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado em relação aos filhos, muitas vezes abdicando do seu lazer ou do vínculo conjugal e com sentimento de culpa pelo pouco tempo disponível. Quanto às relações de poder e nível de hierarquia, embora as mulheres, nesses casos, tivessem poder decisório, participassem ativamente das questões dentro e fora do lar, administrassem as

¹¹ WAGNER, A.; BANDEIRA, D. O desenho de famílias: um estudo sobre adolescentes de famílias originais e reconstituídas. In: MACEDO, R. M. S. de (org.), **Família e comunidade**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 1996. (Coletâneas da Anpepp, 2, p. 115-126).

¹² WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. La familia em Brasil: estructura y aspectos peculiares de familia de nível médio. **Cadernos de Terapia Familiar**, v. 1, n. 38, 1998.

¹³ GEHERING, T. **FAST: Family System Test Manual**. Zurich: Hogrefe & Huber Publishers, 1993.

finanças ao lado do marido e dispusessem de destaque em suas carreiras, elas não se representaram na estrutura familiar como detentoras de maior poder. Entretanto as podemos inferir, a partir da análise dos casos estudados, que existe associação entre poder e dinheiro, o que aparece ainda que de forma camuflada (Fleck; Wagner, 2003).

Marri e Wajnman (2007) relatam a importância de pesquisar sobre o papel da mulher na formação dos rendimentos familiares, em especial na situação em que as esposas têm rendimentos superiores aos de seus cônjuges. Wajnman (2006) conceitua como principal provedor financeiro o cônjuge que obtém os rendimentos de trabalho mais elevados.

D'Ávila (2011), em outro estudo pioneiro sobre o tema, reitera que, apesar da significativa participação das mulheres como coprovedoras ou provedoras principais, ainda não há o reconhecimento social dessa participação, uma vez que a associação simbólica de provimento financeiro familiar é feita com os homens e não com as mulheres, o que denota as marcas profundas do modelo tradicional de família, que se observa até os dias atuais. Outro fator que a autora atribui a essa não mudança em relação ao modelo mais conhecido de família é o fato de as mulheres ainda se manterem por mais horas do que os homens nas tarefas da casa e nos cuidados com a família. Apesar de as mulheres provedoras estarem realizando transformações nos estereótipos de gênero, frente ao fato de que caberia aos homens o sustento financeiro da família, ainda são vistas como quem ajuda o marido financeiramente (Marri; Wajnman, 2007). Por outro lado, quando o marido participa das tarefas domésticas, considera-se que está oferecendo uma ajuda à esposa, sendo essa responsabilidade de ambos.

Seria esperado pensar que o aumento na renda de um dos parceiros, no caso da mulher, em relação aos rendimentos do marido, aumentaria, teoricamente, seu poder dentro da família. Em algumas famílias isso acontece: esposas recebem mais que seus maridos, e elas acabam tendo maior poder de decisão, diminuindo sua participação nas tarefas domésticas e tendo suas carreiras priorizadas. Já em outras famílias, o fato de a esposa ser a principal provedora não diminui sua maior participação nas tarefas domésticas nem aumenta seu poder de decisão, revelando a força das ideologias de gênero. Em seu estudo, Marri e Wajnman (2007) constataram que essas mulheres são duplamente penalizadas. Apesar da capacidade de sustentar suas famílias, elas não são poupadas das tarefas familiares tradicionalmente femininas. Amaral (2021), em sua

pesquisa sobre mulheres provedoras, confirmou que as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades de cuidado, mesmo quando também são as maiores provedoras.

Isso posto, todas essas transformações da contemporaneidade na constituição dos papéis femininos e masculinos passaram a afetar a construção da conjugalidade. Viver sob a égide de dois modelos provoca crises na relação dos casais. As mulheres provedoras, como as mulheres que foram para o mercado de trabalho e em casais de dupla carreira, inauguram um novo modelo também baseado na igualdade de gêneros. O homem que participa desse arranjo conjugal também é convocado a deixar o conhecido lugar de provedor da família e a investir em papéis de cuidado doméstico e com os filhos. Por outro lado, em algumas famílias essa transformação se apresenta sem uma escolha consciente dos casais. Diante disso, cabe destacar quais as repercussões dessas mudanças nos homens e nas mulheres ao inaugurarem uma conjugalidade diferente, mas ainda atravessada pelos modelos tradicional e contemporâneo de casamento, e quais recursos cada casal está utilizando para lidar com esse contexto.

Contudo, antes de avançarmos nessas repercussões, é imprescindível mencionar outra grande mudança recente: a pandemia de covid-19, vivida por todos nós e coincidente com o contexto de realização desta pesquisa.

O período da pandemia de covid-19 foi um dos maiores desafios enfrentados pelos casais e famílias nos últimos tempos. A exigência do isolamento social mudou por completo a rotina e a convivência das pessoas, trazendo o medo do contágio pelo vírus, especialmente quando ainda não havia a vacina e o perigo de morte era eminente, e ambos geraram ansiedade e angústia em muitas famílias e casais (Levy; Gomes, 2022; Kerbauy; Bartilotti; Sneiderman, 2020).

A convivência em tempo integral conduziu as pessoas a olharem muito de perto e de modo intenso para suas relações familiares, ao que Homem (2020) chamou de efeito “lupa”. A rotina de contato 24 horas dentro do mesmo espaço com quase nenhuma convivência com as famílias de origem, amigos ou colegas de trabalho revelou aspectos das relações que geralmente apareciam em momentos de crise, pois eram camufladas pela rotina anterior (Homem, 2020).

Penso e Sena (2020) ressaltam que, além de os indivíduos terem de lidar com as questões de convívio familiar, foi necessário que desenvolvessem recursos para lidar com o trabalho remoto, com o desemprego, com a perda da rede de apoio e com a insegurança em relação ao futuro, gerando mais tensões e estresses para o psiquismo dos indivíduos, casais e famílias (Penso; Sena, 2020).

Pensando nessas questões, Carvalho, Rodrigues e Sei (2023) fizeram uma revisão sistemática de artigos de pesquisas empíricas sobre o impacto da pandemia de covid-19 nas famílias. Os autores observaram que os impactos negativos sobreexcederam os positivos, corroborando a ideia de como a pandemia colocou as relações familiares em diferentes ângulos. Como impactos negativos mais frequentes, foram evidenciados transtornos psicológicos como ansiedade, depressão, sentimento de insegurança e sofrimento. Cabe ressaltar que, quando esses transtornos já eram presentes, foram agravados.

Sobre as questões de gênero, a divisão de tarefas domésticas e o cuidado com os filhos que estavam sem escola ou estudando remotamente, essas voltaram ao palco de discórdia dos casais de dupla carreira de classe média e classe média alta. O modelo igualitário de casamento, que parecia estável antes da pandemia, mostrou-se muito assentado na rede de apoio (escola, funcionárias domésticas, familiares e amigos), a qual ficou praticamente inacessível para a maior parte das famílias. Com a falta desse suporte, os casais foram obrigados a discutir a divisão de tarefas, que se tornou um dos maiores motivos de conflito, revelando que o modelo tradicional de casamento ainda estava muito presente no imaginário das famílias, uma vez que os homens se recusavam a participar igualmente das tarefas domésticas. De acordo com Souza, Almeida e Gomes (2022), a força do modelo tradicional em que há uma rigidez quanto aos papéis de gênero, atribuindo ao homem a função de prover e à mulher os cuidados com a casa e os filhos – contribuiu para o aumento dos conflitos dos casais em relação à divisão de tarefas.

Na pandemia, portanto, ficou evidenciado que, embora o modelo igualitário entre os casais esteja presente no imaginário e na prática de algumas famílias, ainda se encontram valores do patriarcado, mostrando que a transição entre os dois modelos mencionada anteriormente ainda está ocorrendo. Pode-se delegar essa lenta mudança a aspectos da transmissão psíquica, que determinam o modo de ser casal e que será discutida no próximo capítulo (Souza; Almeida; Gomes, 2022).

Por outro lado, nas famílias em que os casais dispunham de recursos psíquicos para enfrentar as crises e conflitos da pandemia, tanto individualmente quanto como dupla, puderam se aproximar, se apoiar, fortalecendo e aprofundando os laços afetivos do casal. Nesses casos, foi percebida a capacidade de elaborar as angústias, frustrações e perdas, reinventando suas rotinas com criatividade e esperança no futuro (Souza; Almeida; Gomes, 2022).

Ainda de acordo com as autoras acima, a maior convivência dos casais e famílias na pandemia colaborou para que aspectos inconscientes fossem revelados, ocasionando conflitos nos pactos anteriormente estabelecidos e na organização da nova rotina. Cada casal buscou enfrentar essa nova organização de diferentes maneiras: alguns se separaram, outros procuraram terapia, e outros puderam se reinventar. Diante disso, podemos pensar em como esse cenário impactou a conjugalidade de casais de dupla carreira e os demais aspectos apresentados neste capítulo.

Para avançarmos nesse debate, se faz relevante considerar como os casais se vinculam e constroem a conjugalidade a partir da Psicanálise e da Psicanálise Vincular, o que será discutido no capítulo a seguir.

3 O VINCULAR E A CONJUGALIDADE

No presente capítulo, estudaremos como ocorre a construção da conjugalidade a partir do ponto de vista intersíquico e intrapsíquico, tendo como referencial teórico a psicanálise vincular e a psicanálise. Iremos explorar o conceito de vínculo e a importância do reconhecimento do outro. Além disso, apresentaremos brevemente o conceito de transmissão psíquica em busca de compreendermos os entrelaçamentos entre os aspectos intersíquicos e intrapsíquicos, e as heranças psíquicas geracionais.

A psicanálise freudiana postula a existência do intrapsíquico como um lugar privilegiado do trabalho do analista; contudo Freud ([1914]/1996a) já havia pressuposto a existência do intersíquico, que vem ganhando cada vez mais destaque com o crescimento da psicanálise vincular, que estuda como os vínculos conjugais, parentais, fraternos são construídos e mantidos, além dos conhecimentos sobre as dinâmicas e processos conscientes e inconscientes do desenvolvimento de cada indivíduo.

Com uma forte ênfase no mundo interno da criança, Freud ([1908]/1996b) no texto *Romances familiares*, analisou o caminho do indivíduo em busca de crescimento e suas mudanças em relação a como os pais são vistos pelo filho ao longo do processo de crescimento. Ele afirmou que se libertar parcialmente da autoridade dos pais constitui um resultado necessário e custoso de se desenvolver e se tornar adulto (Freud, [1908]/1996b). Constituir a sua própria família, tomando-se um casal e tendo filhos é o caminho dado para os que querem se vincular a alguém, onde se cruzam o mundo interno, as relações familiares e amorosas e a cultura na qual o sujeito está inserido. Assim sendo, o sujeito é atravessado e se define no interjogo dessas diferentes forças.

Blay-Levisky (2021, p. 439) define a psicanálise vincular ou psicanálise das configurações vinculares como

[...] uma extensão da psicanálise freudiana que trabalha a partir da observação do vínculo que se estabelece entre sujeitos, numa dimensão intersubjetiva, ou seja, com o material que emerge na presença dos envolvidos, do outro real. O pensar “entre” leva a um descentramento do sujeito, uma vez que o vínculo nessa abordagem representa uma outra lógica, um produtor contínuo de subjetividades.

Cabe ressaltar que Puget e Berenstein (1993) fizeram uma importante distinção entre relação e vínculo, apesar de ambos os conceitos poderem ser associados ao significado de ligação. Os autores reservaram a palavra *relação* para ser utilizada quando a referência for o mundo intrassubjetivo, um contato do ego com seus objetos internos. O termo *vínculo* foi usado para caracterizar a ligação entre dois egos, com característica de extraterritorialidade, podendo ser utilizado como sinônimo de relação intersubjetiva (Puget; Berenstein, 1993).

Nessa direção, trabalharemos com a definição de vínculo de Puget e Berenstein (1993; Berenstein; Puget, 2004-2005), que o definem como uma estrutura que une dois egos por meio de um conector. O vínculo é o que permite que um sujeito se sinta ligado ao outro, estabelecendo uma continuidade, que se constrói na fantasia como defesa frente às ameaças; e uma descontinuidade entre os eus, sendo formado em sua maior parte pelo inconsciente (Puget; Berenstein, 1993; Berenstein; Puget 2004-2005).

Fernandes (2022) acredita na consistência do trabalho psicanalítico com casais e família e sua visão do sujeito como um sujeito do vínculo. A autora ressaltou a abertura de novos entendimentos, uma vez que a psicanálise vincular ousou investigar o inconsciente em suas múltiplas dimensões. Um exemplo disso consiste no modelo que postula a existência dos três espaços psíquicos: o intrapsíquico e subjetivo, o interpsíquico e intersubjetivo e o transpsíquico e transubjetivo; e é capaz de articular as questões da descontinuidade e da relativa heterogeneidade entre esses espaços.

Dentre esses espaços, a psicanálise vem estudando, por muitos anos, o espaço intrapsíquico onde habitam as fantasias, as relações com os objetos internos, as defesas inconscientes, focos conflitivos, angústias, resistências. O espaço intersubjetivo é composto pelo vínculo como uma estrutura que liga duradouramente, abrange e envolve os egos. No campo transubjetivo, o foco é o vínculo do ego com o macrocontexto social, onde habitam as instituições, a cultura, todas as formas de pertencimento social que proporcionam modelos convenientes (Berenstein; Puget, 1997).

Para Piva (2020), a psicanálise vincular pensa o sujeito de modo multidimensional: sujeito do inconsciente, sujeito do vínculo, sujeito social e sujeito da história. Ela ainda resalta a presença simultânea dos vínculos do passado e do presente, a partir dos quais o sujeito constitui e é constituído.

Spivacow (2018) ressalta que ser peça constituinte de um vínculo passa a determinar, em parte, o funcionamento individual dos sujeitos, em virtude da interdeterminação e das alianças inconscientes (Kaës 2011, 2014) que caracterizam esse vínculo. O vínculo passa a ser um novo espaço de determinação psíquica, isto é, do intersubjetivo, e que Freud postulava de aparelho psíquico ou intrassubjetivo (Spivacow, 2018; Kaës, 2011). O autor descreve ainda os dois modos de funcionamento do casal: o inconsciente e o consciente. De forma consciente, o casal vai marcando as posições subjetivas de cada parceiro no vínculo, em uma relação de sustentação para ambos e organizando conjuntamente os papéis e as participações de cada um. Quanto ao funcionamento inconsciente, ele é regido pelas alianças inconscientes (Kaës, 2011), que são articulações entre os sujeitos, facilitações e inibições inconscientes que mapeiam os territórios do permitido e do proibido, além do que é facilitado e o que é impedido no vínculo, constituindo o correlato intersubjetivo da organização defensiva intrassubjetiva.

O conceito de transmissão psíquica também é fundamental para compreender os aspectos intersubjetivos do casal. Trachtenberg (2005) diz que somos constituídos pela nossa história e pela nossa pré-história. A autora, partindo do conceito de sujeito de grupo de Kaës (1996), descreve o processo de transmissão psíquica:

O conceito de sujeito do grupo de Kaës (1996-b) indica que o sujeito do inconsciente está indissolvelmente ligado a um conjunto intersubjetivo de sujeitos do inconsciente. É um elo na cadeia genealógica da qual procede, herdeiro dos desejos que precedem a sua existência e que organizaram seu próprio desejo, servidor do conjunto e beneficiário das investidas, das representações que recebe desse conjunto. É assim que as formações do inconsciente se transmitem pela cadeia das gerações. (Trachtenberg, 2005, p. 130).

Correa (2000) afirma que a transmissão psíquica começa com a inscrição da criança na família que dirige o grupo para a construção de um espaço psíquico a partir das representações, imagens, lembranças que são organizadas, após censuras e filtros inconscientes.

Kaës (2014) traz contribuições para pensar uma nova metapsicologia do sujeito de herança, visto em sua intersubjetividade, seja como casal, família ou nos diferentes grupos. A transmissão psíquica ocorre através das complexas alianças inconscientes nas organizações psíquicas de cada sujeito e de sua família de origem. O autor propõe que as alianças dos nossos predecessores, que serão transmitidas de uma geração para outra, poderão ser transformadas e renovadas ou repetidas sem elaboração. A elaboração tornar-

se-á possível por meio dos recursos emocionais do psiquismo de cada indivíduo (Paiva & Gomes, 2008; Kaes, 2014).

A estrutura vincular do casal oferece especificidades para serem reconhecidas como um vínculo conjugal. Berenstein e Puget (1997) elencaram o projeto de vida compartilhado, a existência de relações sexuais e a tendência monogâmica como elementos que precisavam estar presentes na conceituação do vínculo conjugal ou conjugalidade. Com base nas ideias de Berenstein e Puget (1997), Gomes (2014) entende por conjugalidade um tipo de união constituída por aspectos conscientes e inconscientes, com intimidade, sexualidade e projetos comuns.

No *Dicionário de psicanálise de casal e família*, o termo conjugalidade, surgido na França na década de 1980, é definido por Féres-Carneiro (2021) como um vínculo construído entre dois sujeitos que resulta na constituição de um terceiro elemento, o casal. Aqui faz-se um histórico da evolução do conceito, destacando os principais teóricos da Psicanálise de Casal e Família. Para Caillé (1991), na lógica conjugal, um mais um é igual a três, compondo um modelo único de conjugalidade que ele nomeou “absoluto do casal”. Lemaire ([1979]/2005) trata conjugalidade como “eu conjugal”, destacando que o casal se constrói em torno das zonas mal definidas do “eu” de cada membro e levando em conta a porosidade de limites de cada um. Féres-Carneiro (1998) chama a conjugalidade de identidade conjugal. Eiguer (1984) conceitua o vínculo conjugal como uma superposição de duas relações de objeto que tem como modelo de identificação a representação do casal parental de cada um dos parceiros, que por sua vez fazem um intercâmbio de objetos inconscientes. Já Nicollò (1995) ressalta que um casal é constituído por um espaço onde momentos de fusão e momentos de diferenciação se intercalam continuamente, na medida em que cada parceiro é uma extensão do outro, mas, ao mesmo tempo, é diferenciado do outro. Féres- Carneiro (2021, p. 98) afirma:

A conjugalidade, ao mesmo tempo em que reedita o romance familiar, propicia a elaboração das vivências infantis. O encontro com o parceiro gera a oportunidade de metabolização e de desenvolvimento do psiquismo, entrelaçando passado e presente, dentro de um projeto que pressupõe uma perspectiva de presente e, simultaneamente, de um futuro a dois.

Magalhães (2003) traz sua definição de conjugalidade como a dimensão de vivência compartilhada dos parceiros, com alicerces estabelecidos na relativa continuidade e estabilidade do vínculo conjugal. A autora destaca a trama identificatória

dos parceiros como componente da conjugalidade e que configura uma identidade conjugal, com aspectos conscientes e inconscientes, que reúne sentimentos, emoções, fantasias, ideias, expectativas e projetos compartilhados. Ela afirma que a conjugalidade pode ser um espaço para a elaboração de aspectos primitivos, que pode levar a uma transmutação da subjetividade, e não só a uma simples repetição de modelos anteriores.

Blini de Lima (2022) ressalta que a relação de um casal se desenvolve dentro de um modelo de projeções e introjeções que resultam na construção da conjugalidade. A autora alerta que não é suficiente que haja casamento, a conjugalidade é algo que precisa ser construído pelo casal. Usando a teoria de Ogden (2013), a autora explica como se dá essa construção. A individualidade de Um precisa sofrer uma cessão (parcial) para dar lugar ao Outro e formar o casal, construindo uma terceira subjetividade, que não é nem Um nem Outro, mas envolve os dois e virá a constituir o espaço da relação.

Desenredando a conjugalidade em fatores, pode-se dizer que precisam estar presentes na dupla conjugal: cumplicidades, sentimentos amorosos, atração física, objetivos em comum e planos futuros que se sustentem baseados em um compromisso de união e convivência. Com a existência desses elementos, o casal conseguirá estabelecer um clima de confiança, solidariedade e presença para ambos (Blini de Lima, 2022).

A autora destaca também a importância do reconhecimento no campo da conjugalidade. Esse reconhecimento do outro passa pelo que ele representa no vínculo, sua individualidade, ou seja, o que há de mais peculiar em cada um. Reconhecer é aceitar como verdadeiro o que se recebe do Um, do si mesmo e do Outro, acolhendo as diferenças, que se combinam ou não dentro da parceria.

Eiguer (2013) corrobora a relevância do reconhecimento mútuo nos relacionamentos amorosos. Para ele, reconhecer é a capacidade de identificar os estados de espírito do parceiro e esse reconhecimento possibilita a construção da conjugalidade. Ressalta a importância de ser empático com o que o outro vive e sente e ter a habilidade de entender e ajudar, quando for preciso. Outro ponto destacado é de que os projetos elaborados em comum se constroem a partir do reconhecimento das necessidades e desejos do si e do outro e tendo como o objetivo a satisfação dos dois.

Zanetti, Sei e Colavin (2013), apoiadas em Eiguer (2008), ressaltam que o processo de reconhecimento é uma tentativa interminável, pois só é possível reconhecer o outro enquanto buscamos conhecer verdadeiramente a nós mesmos. E acrescentam:

A possibilidade de reconhecimento do outro não pode ser conquistada sem a possibilidade da aceitação da diferença, sobre as próprias faltas e do que há de positivo no outro. Por fim, o que conta na formação de um vínculo não é tanto o que um aprecia no outro, mas o fato de admitir as diferenças e comunicá-las. Os dois, admitindo suas faltas e qualidades alheias, constituem um ciclo de reconhecimento. (Zanetti; Sei; Colavin, 2013, p. 51).

Emprestaremos as palavras de Badiou, filósofo e dramaturgo francês, no livro *Elogio ao amor*, que diz:

No amor, trata-se de saber se eles são capazes, a dois, de assumir a diferença e torná-la criativa [...]

Veja bem, no amor, a diferença absoluta que existe entre dois indivíduos – que é afinal uma das maiores diferenças que se possa imaginar, porque é uma diferença infinita pode ser transformada por um encontro, por uma declaração e uma fidelidade, numa existência criadora. (Badiou; Truong, 2013, p. 37-39).

Respeitar as diferenças, vivendo-as de forma criativa possibilita a construção de uma conjugalidade suficientemente boa (Blini de Lima, 2022) que possa comportar as crises e conflitos vividos pelo casal ao longo da vida. Gomes (2022) acredita ser salutar que os casais possam ser autores e atores de roteiros originais, privilegiando a alteridade.

Cuidar da relação implica uma atenção e cuidado não só consigo mesmo, mas também com o outro e com o vínculo. Em geral, as crises conjugais podem ser atribuídas a um desequilíbrio na psicodinâmica conjugal advindos de alguma mudança individual de algum dos membros do casal ou a algo do mundo externo (doença, filhos, desemprego, mudança de emprego, envelhecimento, mortes). A mudança provoca uma dificuldade do casal em se adaptar às novas exigências.

Nesse caminho, a criatividade é um recurso muito importante para as adaptações exigidas dentro da vida a dois e para acomodar as transformações da cultura e da sociedade. Winnicott (1989) entende o criar como trazer a existência. Quando o sujeito se sente existindo, a criatividade poderá surgir no seu fazer no mundo. A criatividade consiste na capacidade de se manter criando o mundo ao longo da vida, capacidade esta que é própria da criança, uma vez que cria o mundo ao nascer.

Winnicott (1989) estende a discussão sobre criatividade para a vida dos casais, partindo da observação de que não são todos os casais que se sentem capazes de ser criativos no casamento. Os motivos da impossibilidade de ser criativo passam desde um desconhecimento do mundo do parceiro, até um medo dos cônjuges de se mostrarem verdadeiramente para o parceiro, para a relação e para si mesmo. Se o casal não está sendo criativo, há algo errado que não está sendo percebido e que pode eclodir a qualquer momento da vida conjugal.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar a dinâmica do vínculo conjugal em casais de dupla carreira em que a mulher é a principal provedora financeira.

4.2 Objetivos específicos

4.2.1 Investigar se houve, ao longo do tempo, conflitos e/ou crises relacionadas ao lugar da mulher como a principal provedora do casal.

4.2.2 Analisar as correlações entre os aspectos interp-síquicos e intrap-síquicos na constituição e manutenção da conjugalidade.

4.2.3 Identificar as repercussões da pandemia de covid-19 no cotidiano dos casais.

5 MÉTODO

Eu diria, a respeito dos cientistas, que, quando surge um vazio no conhecimento, o cientista não se desvia para uma explicação sobrenatural. [...] Para o cientista, todo vazio no entendimento oferece um desafio excitante. Assume-se a ignorância, e se delinea um programa de pesquisa. (Winnicott, 1989, p. 10).

Para atingir os objetivos acima elencados, este estudo se utilizou do método clínico-qualitativo, pelo qual se buscará compreender, por meio da palavra e de desenhos, os sentidos e significados dos fenômenos humanos, tal como proposto por Turato (2003), que destaca os pilares sustentadores dessa metodologia: 1) a atitude existencialista que valoriza a presença dos sentimentos de “angústia” e “ansiedade”, tanto nos participantes da pesquisa como nos pesquisadores, e que podem ser vistos também como motores da investigação; 2) a atitude clínica que possibilita o acolhimento dos sofrimentos emocionais do participante, a partir de uma escuta que visa a ajudar; e 3) a atitude psicanalítica com o uso dos conhecimentos vindos das dinâmicas inconscientes, podendo ser utilizado na aplicação dos instrumentos auxiliares e como referencial teórico na discussão dos resultados.

O autor menciona ainda que o pesquisador possa ser o principal instrumento da coleta e registro de dados, sendo por meio dele que a apreensão, a representação e a elaboração dos fenômenos serão feitas. Blini de Lima (1997) nos alertava para a importância de aceitarmos a proposição de que os modelos inconscientes regulam e organizam as relações entre os elementos de uma mesma família e do casal. Portanto cabe uma postura ética e cuidadosa do pesquisador para se inserir no complexo sistema de relações de um casal e uma família, pois a união garante o compromisso do grupo entre si, embora de forma manifesta se coloquem abertos para o trabalho psicanalítico.

Etchegoyen (1987) afirmou que o mais importante em uma entrevista é a facilitação da livre expressão dos processos mentais do entrevistado. O autor complementou ressaltando que a entrevista com pressuposto psicanalítico visa também a investigar o que o entrevistado não sabe sobre si mesmo, que surge da observação do

entrevistador durante a interação. Portanto um dos instrumentos selecionados nesta tese foram as entrevistas semidirigidas com os casais a partir de um roteiro prévio (Apêndice 2), com o intuito de favorecer falas autênticas e espontâneas que representassem as experiências emocionais dos participantes.

Optamos pelo estudo de casos únicos múltiplos (Yin, 2005), que pretende responder como a dinâmica do vínculo conjugal se mostra em casais heterossexuais de classe média e de dupla carreira, em que a mulher é a principal provedora financeira. O autor define estudo de casos como uma investigação empírica que pesquisa um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, em especial quando os limites entre fenômeno e contexto não estão definidos com precisão. Carneiro (2018) considera que o estudo de caso tem como objetivo compreender fenômenos sociais e psicológicos complexos, em que múltiplas variáveis estão intervindo, ressaltando ainda que é sempre um recorte da realidade. Os estudos de casos múltiplos aumentam as situações comparativas de análise, contribuindo, assim, para ampliar a compreensão sobre o fenômeno estudado. Esses casos aumentam a possibilidade comparativa e proporcionam a criação de linhas de convergência e divergência sobre o material, sem a pretensão de avaliar a incidência do fenômeno, e sim elucidar o contexto no qual ele se produziu (Carneiro, 2018).

Para complementar as informações fornecidas pelas entrevistas e ter maior acesso aos conteúdos inconscientes, foram realizadas ainda aplicações individuais do procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), proposto por Trinca (2013). Segundo Trinca e Brito (2020), é um procedimento que se adapta aos diferentes contextos de família, desde a tradicional, homoafetivas, recompostas, monoparentais, pai desconhecido, família adotiva, casais com filhos nascidos por inseminação artificial, etc. O DF-E tem sido um excelente auxiliar à pesquisa de temas significativos e relevantes.

Esse procedimento consiste na aplicação e análise de uma série de quatro desenhos de família segundo as instruções a seguir: 1) Desenhe uma família qualquer, 2) Desenhe uma família que gostaria de ter, 3) Desenhe uma família em que alguém não está bem e 4) Desenhe a sua família. Após cada desenho, é solicitada uma estória, seguida de inquérito e título. O conjunto desses elementos é chamado de Unidade de Produção (UP). O autor acrescenta que o procedimento compõe adequadamente com as entrevistas clínicas, ajudando a trazer dados sobre as relações familiares internalizadas, além de

poder ampliar os conhecimentos sobre a personalidade, enfatizando a pesquisa de conflitos e desajustamentos emocionais a partir das experiências subjetivas de cada indivíduo (Trinca, 2013).

O DF-E mostrou-se um instrumento eficaz para a observação do conjunto de forças presentes na família e que tocam diretamente o membro examinado, além de revelar o que o participante compreende como família naquele momento. O procedimento permite associação livre, transferência e a abertura de espaço para conversar com o entrevistado a partir de um novo ângulo. Nas palavras de Trinca (2020, p. 30):

O procedimento de Desenhos de Família com Estórias tem por finalidade a detecção de processos conteúdos psíquicas de natureza consciente e inconsciente, que dizem respeito às relações do examinando com os objetos internos e externos pertinentes à dinâmica familiar. Tendo sido elaborado com vistas à importância da família no desenvolvimento da pessoa, o DF-E é empregado especialmente para ampliação do conhecimento sobre as relações intrapsíquicas e intrafamiliares do examinando; são relações atinentes ao seu meio familiar, tal como se expressam em sua vida psíquica. Assim, espera-se que o DF -E facilite a comunicação de conflitos profundos vividos no meio familiar, de fantasias inconscientes a respeito das figuras significativas e do jogo de forças emocionais existente no seio da família.

Trinca (2013) propõe que a interpretação das unidades de produção seja psicanalítica, feita a partir da livre inspeção do material que consiste em revelar significados inconscientes desse material. Villela (2013) acrescenta que é mister ver o material do paciente em uma perspectiva clínica, em que elementos intrassubjetivos e intersubjetivos possam ser compreendidos, além dos movimentos transferenciais. A partir da fundamentação psicanalítica, podem ser levantadas hipóteses a respeito da dinâmica psíquica do indivíduo, a saber: angústias, fantasias, conflitos e ainda impulsos básicos, vínculos significativos e os mecanismos de defesa mais preponderantes.

Para nortear a interpretação do DF-E, Villela (2013) aponta que a consigna de cada uma das unidades de produção é o aspecto principal e descreve sucintamente o que cada unidade propõe.

A primeira UP, Desenho de uma família qualquer, sugere a percepção do modelo de família introjetado pelo(s) indivíduo(s) e a observação se esse modelo se aproxima ou se afasta da família real. A unidade apresenta o tema família de maneira ampla, permitindo maior controle das associações.

No Desenho da família que gostaria de ter, segunda UP, percebem-se, tanto no desenho como na estória, semelhanças, diferenças e idealizações em relação à família real, e ainda se há inclusão ou exclusão de membros da família. Situações que negam o sofrimento vivido na realidade e conflitos do crescimento também podem ser encontrados, além de fantasias de ataques à família real, indicando como a pessoa lida com os impulsos hostis ante a família introjetada. Nessa unidade, podem surgir expectativas sobre cada membro do grupo familiar.

Na terceira UP, Desenho da família em que alguém não está bem, pode-se observar quem é identificado como aquele que não está bem, além de perceber os significados de quem não está bem nas relações do sujeito com os objetos internos e externos de seu mundo familiar. A partir da estória construída pelo entrevistado, pode-se compreender como ele percebe sua problemática, como ele lida com isso e a quem suas dificuldades são atribuídas. O tipo de elaboração que o entrevistado faz da situação em que alguém não está bem também é importante de ser analisado, pois isso revela se ele lida com as angústias de forma evasiva ou de enfrentamento, revelando uma estrutura com maiores possibilidades de contato com o sofrimento psíquico.

No Desenho da sua família, quarta e última UP, aparecem informações sobre o modo do entrevistado lidar com sua família real, de forma realística ou não. Busca-se também observar quais conflitos conscientes e inconscientes relacionados às relações familiares existem. Frente a qualquer resistência do entrevistado em desenhar a sua família, deve-se insistir para que o faça, facilitando o surgimento de conteúdos menos controlados.

As análises dos Desenhos de Família com Estórias foram feitas a partir da livre inspeção do material (Trinca, 2013), levando em conta a importância das partes, a interpretação de conjunto e o contexto global, visando a descobrir pontos nodais de comunicação, a partir da experiência da entrevista e dos conhecimentos psicanalíticos da pesquisadora.

5.1 Procedimentos

Foi enviado um convite para participação na pesquisa por meio de grupos de WhatsApp da pesquisadora e de conhecidos e pelas redes sociais. Os contatos iniciais foram feitos por mensagens, em que as informações sobre a pesquisa foram transmitidas,

incluindo o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quando houve interesse, também houve contato por telefone para mais informações e elucidação de dúvidas. Os contatos foram feitos com as mulheres do casal, que levaram as informações aos seus maridos e voltaram com a resposta positiva para a realização da pesquisa. O critério da mulher ser provedora foi determinado pelo casal que se reconheceu nessa condição. Não foram estipulados valores e nem por quanto tempo o casal estava nessa condição.

Houve também alguns contatos que não resultaram em entrevistas. Ao serem informadas que o tema da pesquisa (mulher como maior provedora) seria discutido explicitamente com o casal, duas mulheres desistiram por acharem que essa revelação traria conflitos, indicando que esse assunto era ainda um tabu para que pudesse ser conversado com os maridos. Um único homem que entrou em contato reconheceu que a esposa no momento era a maior provedora, mas falou que não se sentia confortável em participar da pesquisa porque não haviam sido estipulados valores numéricos para o quanto a mulher provia a mais que o homem. Nesse contato também se perceberam incômodos em relação a essa posição que não puderam serem investigados, diante da recusa do candidato em participar da pesquisa.

Quatro casais de dupla carreira e de classe média se disponibilizaram a participar do estudo. Foram realizadas quatro entrevistas semidirigidas e aplicações individuais do procedimento de Desenho de Família com Estória, no período de setembro a outubro de 2021. As entrevistas foram feitas primeiramente com o casal e depois foi marcada a aplicação individual do procedimento de DF-E para outro dia. O TCLE impresso e o material do DF-E (papel sulfite, caixa de lápis de cor e lápis grafite) foram enviados pelo correio para o endereço fornecido pelos entrevistados, a fim de padronizar o material que seria usado. A pesquisadora teve três encontros remotos pela plataforma Zoom com os entrevistados: a entrevista com o casal e duas aplicações individuais do procedimento de DF-E. Três dos quatro casais fizeram os desenhos no mesmo dia, apenas em horários diferentes, conforme disponibilidade de cada um. Devido às restrições da pandemia de covid-19, as entrevistas e as aplicações individuais foram feitas de forma remota. Após explicação sobre a pesquisa e seus objetivos e com a autorização dos participantes, que assinaram o TCLE, os encontros foram gravados para posterior transcrição e análise.

Os resultados das entrevistas foram examinados a partir do método de análise de conteúdo de Bardin (2011) e do referencial teórico dos estudos psicossociais, da psicanálise e da psicanálise vincular. Tendo como referencial teórico-metodológico a psicanálise, o trabalho será feito com conteúdo manifestos e tentar-se-á relacioná-los aos conteúdos inconscientes nem sempre de fácil acesso.

5.2 Cuidados éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP), baseado nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n. 466 (Brasil, 2012) e n. 510 (Brasil, 2016). Após a aprovação, a coleta de dados foi iniciada.

Foram tomados todos os cuidados necessários para a manter a ética e a responsabilidade sobre os dados obtidos, incluindo o sigilo em relação às identidades dos entrevistados, bem como sobre todo o conteúdo obtido nas entrevistas e no procedimento de DF-E.

Foi informado aos entrevistados que eles tinham total liberdade de desistir de participar ou se retirar da pesquisa a qualquer momento em que desejassem fazê-lo e que, caso surgissem questões que causassem desconforto psicológico, eles poderiam ser encaminhados para acompanhamento psicológico especializado. Não houve nenhuma intercorrência durante a coleta de dados.

6 RESULTADOS

Primeiramente, serão apresentadas as informações sociodemográficas da amostra de casais participantes da pesquisa, segundo quadro a seguir.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos casais

	Idade	Profissão	Irmãos	Estado Civil	Filhos	Tempo em que estão juntos	Estado civil dos pais
Casal 1							
Laura	47	Assistente Social	2 irmãs e 1 irmão	Casado	Não	23 anos	Mãe viúva
Jonas	45	Professor	1 irmão	Casado	Não	23 anos	Casados
Casal 2							
Penélope	31	Pedagoga	1 irmão	Moram juntos	1 filha (4 anos)	8 anos	Divorciados
César	41	Professor	3 irmãos	Moram juntos	1 filha (4 anos) e 1 filho (11 anos) do 1º casamento	8 anos	Casados
Casal 3							
Lita	52	Arquiteta	4 irmãos	Moram juntos	1 filho (26 anos) e 1 filha (22 anos)	30 anos	Casados
Pablo	50	Artista plástico	3 irmãos (dois só por parte de pai)	Moram juntos	1 filho (26 anos) e 1 filha (22 anos)	30 anos	Divorciados
Casal 4							
Monica	44	Consultora de imagem	5 irmãos	Casados	1 filho (5 anos)	10 anos	Divorciados
Eduardo	41	Coordenador de Eventos	2 irmãos	Casados	1 filho (5 anos)	10 anos	Mãe viúva

Fonte: Dados da pesquisa.

O material colhido com os casais, por meio das entrevistas, foi organizado a partir de seis categorias temáticas: 1) História do casal; 2) Famílias de origem, 3) Pandemia de covid-19, 4) Vida financeira do casal, 5) Momentos de crise vividos pelo casal e 6) As produções dos Desenhos de Família com Estórias. Todos os nomes usados são fictícios e algumas informações foram alteradas a fim de preservar o anonimato dos entrevistados.

6.1 Casal 1: Jonas e Laura

6.1.1 História do casal

Laura (47 anos) e Jonas (45 anos) estão juntos há 23 anos. Eles se conheceram e ficaram amigos no bairro onde moravam quando eram adolescentes. Eles continuaram a amizade e, depois de poucos anos, começaram a namorar. Entre se conhecerem e começarem a namorar, Laura se casou e se separou. Em vista disso, o namoro teve muita oposição da família de Jonas, que não aceitava o fato de Laura ser separada.

Nesse período, Laura já havia se formado e Jonas estava cursando a faculdade em uma cidade do interior. Namoraram por poucos meses e foram morar juntos. Laura atribuiu essa rápida passagem à coabitação às fortes pressões da família de Jonas para que ele terminasse o relacionamento e à sua independência financeira, que possibilitou que ela pudesse sustentá-los e com isso minimizar os impactos da pressão da família do marido. Desse modo, ela proporcionou os meios para que o casal pudesse ficar junto. Por sua vez, Jonas não cedeu às reclamações da família.

Quando Jonas se formou, conseguiu seu primeiro emprego em outra cidade, o que os motivou a voltarem a morar em cidades diferentes durante a semana, mas conseguiram cumprir o combinado ao longo dos anos de sempre estarem juntos nos fins de semana.

Por volta dos três anos de relacionamento, a mãe de Laura foi acometida por uma doença grave que a debilitou durante o tratamento, não sendo possível naquele período que ela mantivesse os cuidados com Denise, a irmã do meio de Laura, de 45 anos, que era portadora de uma deficiência grave. A partir dessa data, Denise passou aos cuidados de Laura e Jonas. Durante a semana, os cuidados com Denise eram feitos por uma funcionária e por Laura, enquanto Jonas trabalhava em outra cidade. Mesmo após a recuperação da mãe de Laura, a irmã continuou sob os cuidados do casal.

Laura relatou que não tinha vontade de ter filhos. Jonas falava um pouco do assunto, mas não como uma exigência. O fato de Jonas passar a semana fora de casa, em geral viajando a trabalho, inviabilizou também o projeto de terem filhos, uma vez que Laura, que já se ocupava muito com o trabalho e com os cuidados com a irmã, não gostaria de ter um filho sem a presença e ajuda cotidiana do marido.

Ela recebeu uma proposta de trabalho de uma empresa multinacional, para morar em uma cidade de outro estado que ficava a oito horas de viagem da cidade em que moravam. Eles concordaram que ela aceitasse a proposta, mas, para o casal, esse foi o momento em que a separação física mais pesou. Como a distância era muito grande, Laura pediu para trabalhar uma semana na sede da empresa na mesma cidade em que Jonas estava morando. Com essa estratégia, Laura diminuiu as viagens de oito horas, de modo que ela ia ao seu encontro e conseguia ficar dois finais de semana por mês na cidade onde moravam e, nos demais, Jonas ia para o outro estado.

Além da distância, o novo trabalho trouxe outros desafios ao casal e, em especial, a Laura. Pela primeira vez, ela não conseguia se integrar com os colegas de trabalho e nem com as pessoas da cidade. Sentiu-os muito fechados e com preconceito com quem era de fora. Laura sentiu muita falta de Jonas, dos amigos e da sua família de origem, em especial dos seus sobrinhos, que tinham acabado de nascer. Ela relatou que se sentia realmente deprimida.

Por outro lado, esse foi um dos períodos mais prósperos financeiramente para o casal, visto que conseguiram fazer suas reservas financeiras e construir um patrimônio. Como eles estavam muito estáveis financeiramente, Laura propôs que Jonas pedisse demissão e que ele empreendesse para que pudessem morar na mesma cidade; foi pensado em uma franquia ou uma consultoria. Quando parecia haver acordo do casal nessa proposta, Jonas recebeu uma oferta de trabalho em uma empresa muito conceituada e optou por continuar com sua carreira corporativa. Isso chateou bastante Laura, uma vez que ela já estava bastante fragilizada com as ausências e exigências daquele momento; contudo Jonas se defendeu dizendo que não seria confortável ficar sem receber mensalmente seus rendimentos, além de a oportunidade no novo emprego ter parecido promissora.

Ainda tentando sair da desconfortável situação de estar longe do marido e se sentindo pouco acolhida na cidade em que estava morando, Laura começou a procurar emprego. Ela recebeu uma proposta de uma colega, ela aplicou para a vaga e foi contratada. Assim, eles voltaram a morar no mesmo estado e apenas com uma hora de distância de uma cidade para a outra. Pouco tempo depois da volta de Laura, Jonas pediu demissão do emprego, pois o que parecia promissor tornou-se sem perspectiva para ele. Além do excesso de trabalho e viagens, muitas vezes até nos finais de semana, a empresa

mudava muito as atribuições do cargo para o qual ele tinha sido contratado. Algum tempo depois desse momento tão custoso para o casal e para cada um com seus respectivos trabalhos, eles resolveram voltar a morar juntos na cidade em que já haviam comprado um imóvel e de que gostavam muito.

Com a demissão do último emprego, Jonas, que havia iniciado a lecionar paralelamente ao trabalho em empresas, resolveu investir na carreira acadêmica. Assim, iniciou o mestrado e se dedicou integralmente à carreira de docente de cursos universitários de graduação e pós-graduação. Atualmente, o casal vive uma fase tranquila da relação, por estarem morando juntos na mesma cidade e com as carreiras em andamento. Casaram-se oficialmente após 15 anos juntos e fizeram uma festa para celebrar com familiares e amigos.

6.1.2 Famílias de origem

A família de origem de Jonas era formada por seus pais, que continuam casados, e pelo irmão mais velho, que também é casado e não tem filhos. Os pais de Jonas estão aposentados hoje, após anos de trabalho. O pai era bancário e a mãe, auxiliar de enfermagem em hospitais e em atendimentos particulares, o que fazia com que sua renda fosse a mais importante da família.

Laura, por sua vez, é a filha mais velha de quatro irmãos. Um irmão mais novo, de 42, uma irmã que tem 43 e a irmã do meio, Denise, de 45. Ambos os pais de Laura trabalhavam, mas a renda do pai era a mais significativa para a família. Quando o pai de Laura faleceu, ela já namorava Jonas. Ele tinha cursado o ensino médio e era comerciário. Na época da sua morte, ele era gerente de uma empresa. A mãe cursou até o ensino fundamental e trabalhou em várias funções da aérea comercial. Alguns anos antes, ela havia se aposentado.

Foi o casal que mais trouxe as situações de preconceitos pelas quais passaram, em especial vividos com a família de Jonas, por ser muito religiosa e por Laura ser divorciada, fato que impedia o casamento religioso. Quando já moravam juntos, os problemas eram relacionados às expectativas da mãe de Jonas frente a ele e à vida que ele estava escolhendo construir com Laura. Dois trechos a seguir revelavam essa dinâmica. Laura relatou:

Inclusive a mãe dele teve um dia... porque quando a gente começou a morar junto e eu não ganhava para ter diarista, nem nada. A gente que fazia limpeza. Era um apartamento muito pequeno. Chegava no sábado a gente fazia faxina. Ele cuidava de umas coisas, eu cuidava de outras e a casa ficava bonitinha. Aí teve um sábado que a mãe dele ficou ligando o dia inteiro, porque queria que ele fosse na casa dela. Chegou uma hora que ele falou assim: “Mãe, eu já falei para você que sábado, eu faço faxina, eu vou aí a noite, agora de dia não dá”. A gente foi para lá à noite, foi jantar e ela me puxou de lado, virou para mim e falou assim: “Eu não criei meu filho para fazer faxina”, e eu falei assim: “Ah, mas ele está aprendendo direitinho, a senhora pode ficar tranquila”. (risos).

Jonas acrescentou:

O que a minha família dizia era o seguinte: vai fazer lá sua faculdade, depois você vem para cá e a gente cuida dos negócios da família aqui. A família da minha mãe tem empresas. Então imagina que essa expectativa e eu fazendo faxina. O negócio era cavalhar. Ninguém admitia. Então era todo esse contexto. Eu quebrei paradigmas nas minhas relações familiares como um todo. Não me arrependo, mas não foi fácil. E ainda não é. Ainda é algo que também traz um peso a mais quando a gente fala de renda, dessa diferença de renda.

Na fala de Jonas, percebe-se como ele ainda parecia sentir um peso por fazer parte de um casal em que sua esposa era a maior provedora. Ele disse saber que a sua escolha de ir de encontro às expectativas familiares, da qual ele não se arrependia, possibilitou que ele ousasse quebrar tradições, contudo ele não negou que a decisão também lhe exigia emocionalmente até aquele momento.

Laura também vivenciou preconceitos com sua família de origem. Até a época da entrevista, após anos de convivência com o marido, Laura ainda ouvia comentários críticos sobre a divisão das tarefas domésticas do casal, de sua mãe e irmã. Laura contou:

Minha mãe, por exemplo, até hoje ela fica incomodadíssima com ele cuidar das roupas. Ela diz “Laura, mas bota você na máquina!” Eu digo que não tenho condição de botar na máquina, eu dobro e guardo. É assim que a gente funciona lá em casa. E a minha irmã diz assim: “Laura, por que você não contrata uma diarista durante a pandemia?” E eu respondia que a gente ficou sem porque ele não queria.

Jonas confirmou a fala dela, dizendo ainda que ele gostava de cuidar da casa.

Vale ressaltar que, na família de origem de Laura, os rendimentos do seu pai eram muito superiores aos da sua mãe, colocando-os como um casal pertencente ao modelo tradicional de casamento, segundo Laura. Durante a entrevista, Jonas e Laura se deram conta que, na família de origem de Jonas, sua mãe contribuía com a maior parte, revelando

ter como modelo um casal de dupla carreira em que a mulher era a maior provedora. Contudo nunca houve um reconhecimento desse protagonismo da mãe de Jonas por ninguém da família, nem mesmo por ela. Jonas disse:

Olha que coisa! Eu não tinha feito a relação. Minha mãe sempre ganhou mais, mas eu acho que a diferença era um pouco menor que a nossa, era mais equilibrado.

Laura acrescentou:

No caso da minha mãe e do meu pai, meu pai ganhava muito mais que a minha mãe, que é o mais comum de acontecer. E vou falar mais, isso fica tão escondido que no último domingo eles vieram aqui. Estava todo mundo aqui, minha mãe inclusive e teve uma frase do pai dele que me chamou atenção. E eu não tinha me tocado que a mãe dele também ganhava mais. O pai dele falou aqui para minha mãe que ele nunca poderia abandonar sua esposa porque ela sempre o ajudou a botar dinheiro na casa também. Então ela não ajudou, ela fez tanto quanto ele.

Jonas ainda disse:

Eu não tinha feito essa relação também. E na verdade, se a gente for fazer essa relação, foi meu pai que ajudou ela, porque se a gente for pensar nos conceitos de chefe de família, em termos de renda, é a minha mãe.

Vimos aqui indícios de uma transmissão psíquica quando Jonas repete o modelo dos pais ao se casar com uma mulher mais provedora que ele. Laura reproduziu o modelo de seus pais, embora seja mulher, identificada com o papel do pai, ocupa o papel de provedora. Essa identificação pode vir do fato de Laura ser a filha mais velha que perdeu o pai no início de sua vida profissional. Não foi perguntado por que Laura foi a escolhida entre os irmãos para ser a cuidadora da irmã com enfermidade severa, mas a escolha a colocou mais uma vez em um lugar de responsabilidade e de cuidado com os outros.

6.1.3 Pandemia de covid-19

Laura e Jonas estavam muito satisfeitos por estarem morando juntos, por terem realizado a festa de casamento e com a transição profissional de Jonas. Com a conclusão do mestrado, a carga de trabalho dele aumentou. No início da pandemia, com todas as atividades feitas *on-line*, Jonas continuou por um período ainda com bastante trabalho. Contudo, com o prolongamento do estado de quarentena, o aumento da crise financeira e consequente evasão escolar, a atividade laboral de Jonas foi muito impactada. Além da

diminuição das aulas, ele não pôde continuar sua formação acadêmica, pois a universidade em que entraria suspendeu o processo seletivo naquele ano.

Jonas relatou que sua esperança em relação ao trabalho como professor foi tão atingida que ele voltou a procurar emprego em empresas. Na época em que realizaram a entrevista para esta pesquisa, ele tinha acabado de participar de dois processos seletivos. Afirmou também que não era o que gostaria, mas que as obrigações financeiras da família exigiam, demonstrando responsabilidade, mesmo que o ganho de Laura estivesse mantendo a família. Eles haviam comprado recentemente um imóvel financiado e a diminuição da renda de Jonas causou um impacto importante na organização financeira da família. Assim, do ponto de vista econômico, era o seu pior momento financeiro.

Já para Laura, a pandemia trouxe uma nova possibilidade de trabalho: a assistência social, que já era um projeto que estava em andamento de forma voluntária. O tempo que ganhou em não precisar se deslocar para o trabalho na empresa foi utilizado para atendimentos remotos e remunerados. Apesar de a oportunidade de investir na nova ocupação ter trazido uma sobrecarga para Laura, ela estava satisfeita, pois seus projetos futuros incluíam fazer uma transição do trabalho como executiva na empresa e investir mais nessa área.

Dessa maneira, tanto Jonas quanto Laura tiveram de se readaptar devido à pandemia. À época da entrevista, o casal tinha suas carreiras em andamento e em transição, porém com o objetivo de ficar com uma só.

Nesse período, eles estavam em um momento difícil emocionalmente. As preocupações com a estabilidade da família aumentaram, crescendo também a carga de trabalho e a responsabilidade de Laura. Jonas respondeu às demandas possíveis de serem resolvidas por ele, assumindo as tarefas com a casa, os cuidados com Denise, porém estava muito preocupado por estar dando poucas aulas. Ele havia voltado a procurar emprego em empresas, visto que não havia ainda previsão de quando as universidades voltariam ao seu ritmo normal.

6.1.4 Vida financeira do casal

Laura sempre ganhou mais que Jonas; o salário dele sempre oscilou entre 50% e 70% em relação ao dela. Durante toda a entrevista, um leve incômodo se evidenciou em Laura quando Jonas afirmou que ela sempre ganhou mais do que ele. Laura atribuiu essa

diferença ao fato de ter começado a vida profissional antes dele. Contudo, em outros momentos, ela afirmou não ter vergonha de ganhar mais do que o marido, como algumas conhecidas dela que também ganhavam, em comparação com seus parceiros.

O casal tinha conta conjunta desde o início do relacionamento, mas Jonas foi o responsável pelo planejamento financeiro da família e quem fazia as planilhas de orçamento conforme o que combinavam. Entretanto existia um conflito entre eles que persistia até hoje: caso o valor combinado pelo casal para lazer terminasse antes do mês acabar, Laura pedia que extrapolassem o orçamento, pois, por trabalhar muito e valorizar bastante os momentos de lazer, não queria renunciar aos mesmos. Já Jonas poderia facilmente ficar em casa se fosse para cumprir o que haviam planejado e manter o que estava programado para as reservas.

À época da entrevista, ele continuava responsável pelos investimentos do casal, enquanto Laura ficava com o pagamento das contas diárias. Ela disse que cansou de fazer tudo e que essa parte cabia a ele agora.

Apesar de estarem com menos recursos financeiros naquele momento, devido aos rendimentos de Jonas terem diminuído significativamente, o casal continuou estável financeiramente, pois os ganhos de Laura já eram suficientes, além de terem aumentado na pandemia. Ele surgiu como porta-voz do casal no sentido financeiro. Foi em suas falas que apareceram a importância da estabilidade financeira, dos privilégios de um casal de dupla carreira de classe média alta no Brasil. Em relação à forma de investir, o casal tem perfis diferentes, uma vez que Laura é mais conservadora e Jonas quer arriscar um pouco mais; contudo, de um modo geral, o casal demonstrou terem valores parecidos em relação ao dinheiro: as decisões financeiras são compartilhadas pela dupla, visto que há uma tentativa de acomodar os dois perfis. Além disso, para ambos era importante não gastar tudo o que ganhavam, guardar recursos para o futuro e construir patrimônio. Em outras palavras, o casal relata ter e cuidar da saúde financeira da dupla de forma harmônica e compartilhada. Ambos sabem quanto têm, onde gastam, quanto guardam, quanto arriscam. O único ponto no qual divergiam foi o valor destinado às atividades de lazer, que eram mais importantes para Laura do que para Jonas.

6.1.5 Momentos de crise vividos pelo casal

Segundo Laura, foram dois os principais momentos de crise vividos pelo casal e que a impactaram mais fortemente. O primeiro deles foi quando, em seu primeiro emprego, Jonas escondeu de Laura que sua promoção, além de um significativo aumento de salário, também incluiria um número maior de viagens.

A outra crise eleita por Laura também foi escolhida por Jonas e ocorreu no período em que eles estavam morando em cidades situadas em estados diferentes, separados por oito horas de viagem em transporte rodoviário. Manter o compromisso de se encontrar todos os finais de semana tornou-se muito cansativo para ambos. Laura sugeriu que eles abrissem um negócio juntos para resolver essa questão: Jonas pediria demissão, se mudaria para a cidade onde Laura estava morando e eles pensariam juntos em qual negócio poderiam empreender. Essa decisão já estava tomada quando Jonas mudou de ideia e optou por aceitar uma proposta de mudança de emprego para aquela empresa aparentemente promissora que já foi citada anteriormente. Laura, apesar de ter ficado magoada com a escolha de Jonas, tentou e conseguiu resolver a situação passando a residir em uma cidade próxima à que o marido morava no novo emprego.

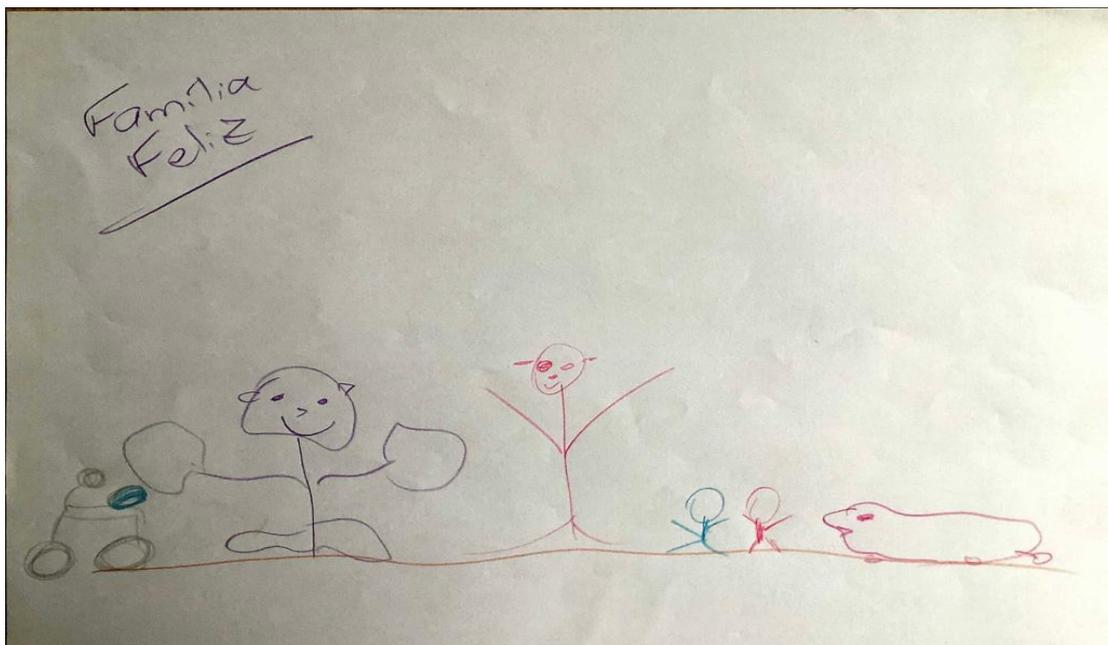
Jonas também reconheceu esse momento como muito difícil para o casal e afirmou ter sido egoísta, pois, além do atrativo salário, que era muito bom, também queria muito investir em seu desenvolvimento profissional naquela empresa tão conceituada, em vez de correr o risco de empreender. O segundo momento mais crítico sob a ótica de Jonas foi algo que ele nem chegou a compartilhar com Laura na época: ele recebeu uma proposta, dentro da empresa, para trabalhar em uma cidade de uma região longe do estado em que moravam. Ele disse que a proposta seria tão bombástica para Laura e para o relacionamento deles que a guardou só com ele, recusando.

6.1.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias

Seguem as unidades de produção de Jonas e de Laura e suas respectivas interpretações.

6.1.6.1 Jonas

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



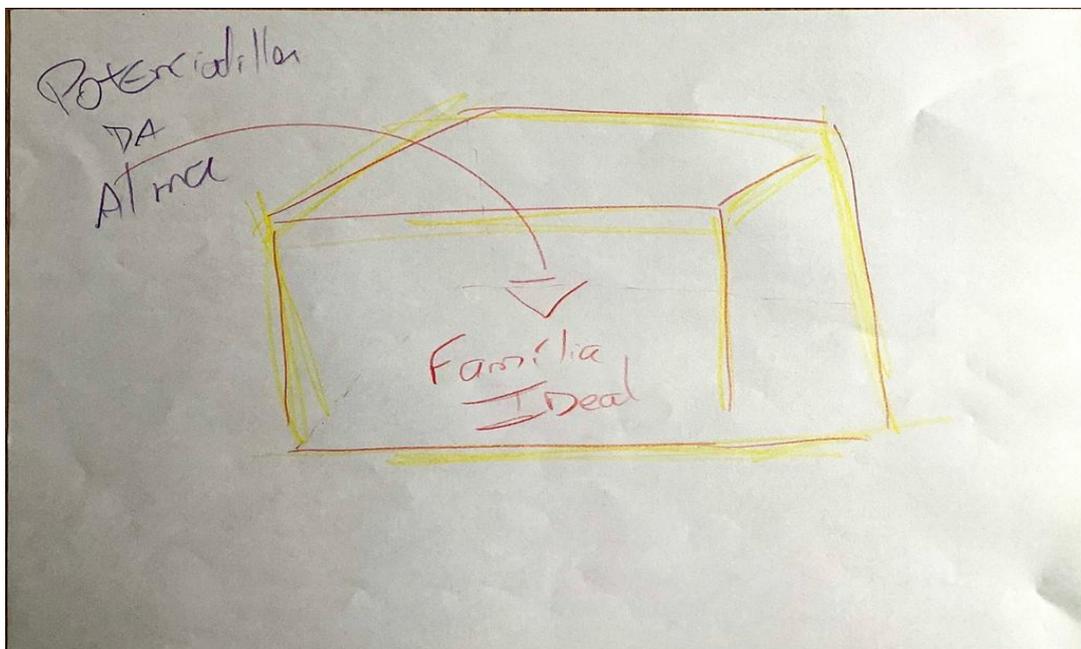
Verbalização: *Essa família que eu coloquei aqui, eu pensei numa família que tem duas pessoas com condições parentais, né? Então eu nem defini gênero, deixei absolutamente livre nesse sentido, então a gente não sabe nada. E fiz questão de colocar aqui na família uma menina de azul e um menino de rosa, uma criança cadeirante também e um pet. E eu fiz questão nesse desenho de colocar isso (referindo-se ao traço marrom). Foi a primeira coisa que me veio na cabeça, antes de fazer o desenho. Foi colocar um traço marrom aqui embaixo, pra representar a terra, quer dizer, pra trazer essa família pra nossa realidade e deixar a folha na posição horizontal, porque eu achei que dava um horizonte mais amplo. Essas foram as duas primeiras coisas que eu pensei, até antes da família. Elas estão num passeio no parque, sem nenhuma atividade voltada para trabalho, estão realmente num fim de semana no parque. Eles estão todos muito felizes, né? Porque a gente percebe pelo sorriso dos dois adultos e pelas crianças com os braços abertos, até a condição de liberdade que vem quando a gente olha que tem pet, está todo mundo livre, pra fazer aquilo que se sente mais à vontade.*

Título 1: Uma família feliz

Interpretação:

Na primeira unidade de produção, Jonas aparece indiscriminado, evitando se posicionar. Em sua “família qualquer”, os adultos não têm os gêneros definidos, e o animal de estimação (pet) também não teve nem gênero nem espécie discriminados. Ele traz mudanças de um *status quo* ao trazer a menina de azul e o menino de rosa, ao mesmo tempo. A criança cadeirante carrega uma incapacidade que pode ser ligada à sua cunhada, que tem uma condição especial e/ou a aspectos de alguma incapacidade sua, talvez a capacidade de se posicionar. O não posicionamento dele pode ser uma forma de evitação de conflitos com as partes envolvidas. A linha marrom, a primeira parte do desenho que lhe veio à mente, pode representar o mínimo de estabilidade e de sustentação em meio a tantas indiscriminações. “Uma família feliz”, título da UP, parece ser uma família idealizada capaz de abarcar as várias diferenças existentes na sociedade. Há também traços de idealização na ausência de conflitos e no estado de felicidade e de liberdade de todos os membros da família. Cabe mencionar que ele foi o único entrevistado, dentre todos, que posicionou a câmera de forma que ele pudesse ser visto inteiramente enquanto desenhava, demonstrando estar sintonizado com a necessidade da pesquisadora.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



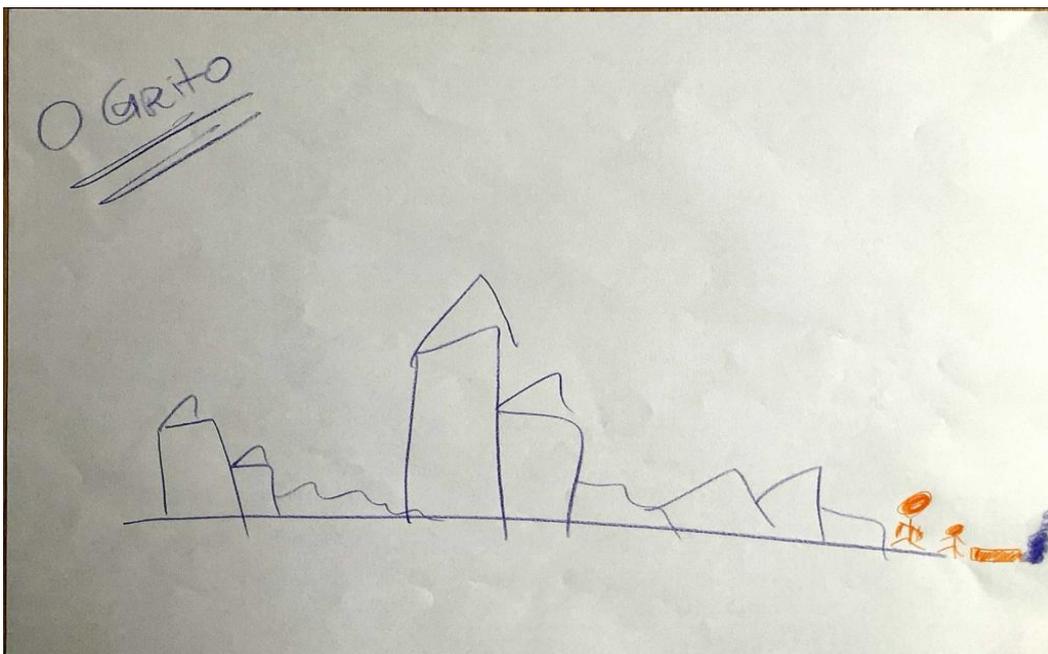
Verbalização: *Sim. Ah!... Eu entendo que não existe condição para ninguém dizer o que seria uma família ideal. Então eu desenhei aqui uma moldura e eu fiz questão de associar isso com uma caixa, pintando isso depois de dourado, porque eu entendo que é a moldura que cada um enxerga como a família ideal. Ela é exclusiva e específica para cada pessoa, pra cada família, para cada ser humano que está aqui no nosso planeta. Eu entendo que não há como existir um modelo de família ideal, então eu prefiro deixar uma moldura livre pra cada um enxergar a sua como família ideal ou aquilo que entende por ser uma família ideal.*

Título 2: Potencialidades da alma

Interpretação

Nessa UP, Jonas faz o desenho de uma caixa para representar a família ideal. A moldura dourada poderia ser preenchida a partir dos desejos de cada um. Mais uma vez, ele não se posiciona. O não revelar das próprias expectativas da família que gostaria de ter pode significar dificuldades de particularizar qual seria a sua família ideal. O título “Potencialidades da alma”, emprestado de Santo Agostinho, incita também algo ilimitado, onde tudo caberia. Em contraposição, a caixa dourada que parece fechada poderia aludir a uma caixa de joia ou um cofre que guarda algo valioso. Assim, parece que existe algo dentro dessa caixa, que o outro não ficará sabendo; em outras palavras, a família que ele gostaria de ter não ficará visível, pois está guardada, em meio aos trabalhos e aos acordos e escolhas que fizeram.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Sim. É... a primeira coisa que me veio à cabeça foi uma família morando em habitações, que o pessoal chama de habitações subnormais, eu pensei numa favela mesmo. E eles acabaram de chegar, então aqui a gente tem um casal composto por um homem e uma mulher e um bercinho com uma criança. Eu coloquei todos na mesma cor porque eu entendo que eles estão monocromáticos em termos de sentimento, o sentimento é o mesmo pros três, de tristeza, de desamparo, tem até uma nuvenzinha meio nebulosa saindo do bercinho. Aqui em azul é uma nuvenzinha nebulosa que remete ao futuro e é uma situação nova para essa família. Porque você até pode morar numa favela, morar numa comunidade, desde que você more numa comunidade com uma opção de escolha, né? Tem gente que gosta, tudo bem se você puder escolher, não é o caso dessa família aqui. É uma situação de pobreza que está muito na nossa realidade e que piorou muito, muito, muito, nesses últimos dois anos aí. Foram despejados. Tinham uma casa, tinham uma vida sem grandes luxos, mas uma vida que possibilitava essas pessoas a ter o mínimo para sobrevivência com dignidade. Essa era a situação anterior... tudo isso foi provocado pelo desemprego de ambos. Nenhum deles tem curso superior ou teve algum tipo de posição no mercado de trabalho um pouco mais nobre, pelos critérios que a gente entende como critérios de nobreza para profissões. Então, sempre trabalhando com trabalhos mais braçais, pouco trabalho intelectual, mas eles conseguiam sobreviver minimamente. Os dois perderam o emprego justamente no momento que não podiam e não tinham reserva financeira nenhuma para isso. A gente pode até colocar pandemia*

como pano de fundo, para mostrar como essa situação foi degradante e em uma velocidade muito rápida.

Título 3: O grito

Interpretação

Muitos sentimentos e fantasias aparecem nessa unidade de produção. A família inteira é identificada como a pessoa que não está bem, por sofrerem muitas perdas frente ao desemprego. Em um determinado momento, há um destaque para a criança e sua fumaça, que representam um futuro nebuloso. Acreditamos essa ser a fantasia que assombra Jonas nesse momento, podendo ser entendida a partir de sua realidade externa, pois com a pandemia ele sofreu uma importante diminuição de seu trabalho; e a partir da realidade interna: fantasias de desmoronamento. “O grito”, título que ele deu ao desenho e que pegou emprestado do quadro do pintor Edvard Munch, traz sentimentos de desespero e angústia provocados por um enorme desamparo dessa família que, com o desemprego dos adultos, perde a casa, perde uma vida minimamente digna que tinha e se sente em queda vertiginosa, como se não houvesse recursos para lidar com os desafios da vida. Como no quadro, Jonas utiliza duas das cores usadas pelo pintor Edvard Munch: azul e laranja.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *Bom... Aqui eu coloquei a Dê mais para a esquerda, a Laura e eu. Eu coloquei uma árvore aqui, fazendo uma sombra, uma árvore com raízes firmes, quer dizer, a árvore não vai cair, então ela vai continuar dando sombra para a gente. Um dia ensolarado, o céu azul, porque eu entendo que os privilégios que a gente tem são inquestionáveis, dentro da realidade do nosso país. A gente vive em um céu azul aqui, né, o sol... tem esses dois quadradinhos aqui, que são problemas que caem com certeza, pesados, difíceis, mas que, por pior que sejam, eles não atrapalham uma condição de bem-estar que a gente entende, que eu entendo ser muito boa. Queria que todos tivessem. Coloquei as reticências aqui na expectativa de que essa condição de bem-estar, ela seja duradoura, tem até a flechinha aqui, né? E essa foi realmente a situação que eu coloquei, eu fiz realmente uma delimitação aqui porque eu entendo... que, para minha perspectiva... Claro, a gente tem os nossos familiares e tudo, mas essa aqui é a minha família, Denise, Laura e eu. A gente está no parque, no Jardim Botânico aqui da nossa cidade. Local que a gente gosta bastante de passear; na verdade, lá é o meu lugar preferido na cidade e são dias gostosos que a gente passa. Ficamos muitos dias fechados por conta da pandemia, a gente ainda não botou os pés lá, abriu faz pouco tempo, mas é um lugar que a gente sempre teve momentos muito agradáveis, muito, muito agradáveis.*

Título 4: Verde, amarelo, azul e sol

Interpretação

Nessa UP, a árvore parece representar a segurança e proteção que Jonas tem dentro de si, contudo as raízes desproporcionais ao tamanho da árvore lembram insegurança. A copa com rabiscos pode ser associada a certa turbulência. No relato, as condições de bem-estar da família são ditas como inabaláveis, a fim de não entrar em contato com possíveis vulnerabilidades. As cores trazidas no desenho e no título representam alegria e bem-estar e nos lembram da bandeira, símbolo organizador que indica nossa inserção em um grupo, em uma família, em uma pátria. Jonas expressa seus medos do futuro nas reticências e nos problemas (dois quadradinhos pesados e difíceis), trazendo ainda sua preocupação com os que não têm a proteção da árvore e das cores. Desse modo, parecem existir muitos recursos dentro de Jonas, um parque inteiro, que não está podendo ser usufruído plenamente por ele.

6.1.6.2 Laura

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer

Verbalização: *Aí eu pensei aqui que a gente estava num domingo e que a gente se arrumou para sair de casa, para ir almoçar fora. Que essa aqui sou eu, o Jonas e a Denise no meio... E a Denise ama sair de casa, então ela se arruma toda, bota a pulseirinha dela, não sei o quê... e a gente sai para almoçar e ela está sempre muito feliz quando a gente sai. Ainda mais nesses tempos de pandemia. Todo mundo está se sentindo bem. Domingo na hora do almoço. Estamos indo para o shopping num restaurante que a gente gosta. E toda vez que a gente vai nesse shopping, ela passa para comprar um presente numa loja que ela gosta. E depois a gente vai almoçar, senta os três e ela fica feliz da vida porque ela adora. Esse restaurante especificamente, ela ama de paixão.*

Título 1: Passeio de domingo**Interpretação**

Na primeira UP, Laura já traz a sua família nuclear: ela, o marido e a irmã Denise, portadora de uma marcante dificuldade emocional. Talvez esse seja o motivo para ela ser

desenhada como uma criança. A narrativa traz mais uma descrição do desenho, sem conflitos e com pouco relato de sentimentos. Enquanto está desenhando, Laura diz não saber fazer as mãos, as quais podem indicar o lugar do contato, seja ele positivo ou negativo. O marido foi desenhado, mas não apareceu no enredo da história. Laura também não surge como uma figura desejante. As escolhas parecem ser feitas em torno de Denise, em quem são colocados os sentimentos de felicidade e alegria.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *Eles tão na praia. Descansando, se divertindo. Esqueci o chinelo do Jonas, mas.... Eu botei a minha família também (risos). Estou com uma saída de praia longa que eu gosto, a Denise está de maiozinho. A gente está na praia, se divertindo e descansando dessa semana maluca, que está muito cansativa. Só um fim de semana. Já daria para descansar um pouco para dar uma desligada. Eu estou bem cansada e eu*

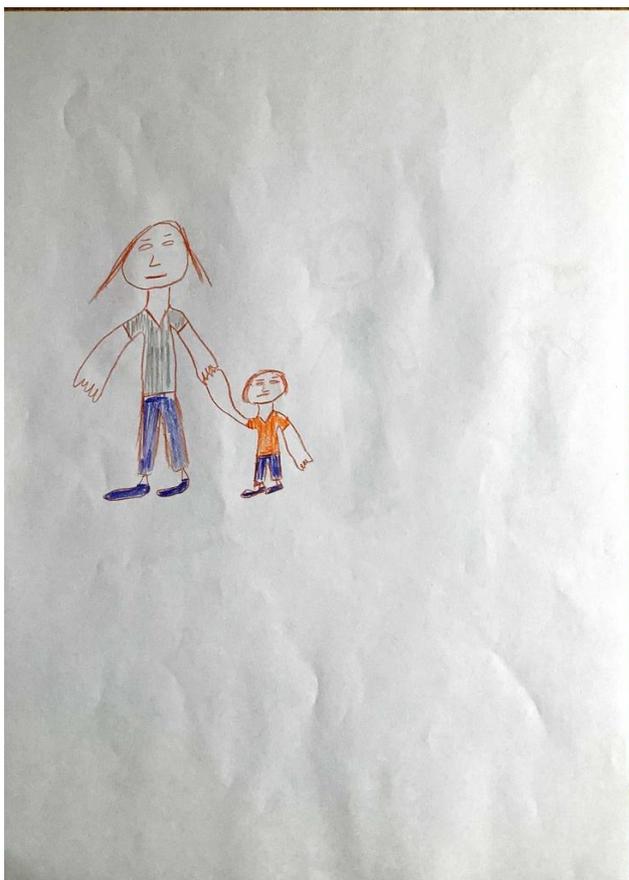
precisava dar uma descansada, então a gente resolveu ir para a praia. E a Denise adora praia também. A Denise adora sair, né? (risos). Saiu de casa, está valendo. Aí, a gente está na praia, quando a gente viaja junto só nós três, a gente dá uma boa relaxada, a gente se dá muito bem... as coisas ficam simples e a gente acaba relaxando mesmo. Então é como se fosse um domingo de novo na praia se preparando para pegar as coisas e voltar embora para a rotina, mas por enquanto a gente está lá de boa. Todo mundo aproveitando.

Título 2: Relax

Interpretação

Como na UP anterior, Laura desenhou sua família nuclear na praia, em outro momento de lazer. Contudo dois sentimentos parecem revelar fragilidades de Laura: o cansaço da semana maluca e exaustiva e o esquecimento do chinelo do marido. Ela sente internamente uma sobrecarga que atribui ao trabalho, mas podemos pensar também em uma sobrecarga emocional. O alívio trazido pelo lazer de um fim de semana na praia parece não ser suficiente para aliviar seus sofrimentos, em oposição ao que acontece com Denise, que está sempre bem. O esquecimento de desenhar os chinelos do marido parece uma cobrança de proteção em relação a ele. O desenho e o título “Relax” focalizam o bem-estar, a tranquilidade, o descanso, enquanto a narrativa destaca a sobrecarga emocional de Laura.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Esse é o desenho de uma mãe com um filho. E ela está levando-o para o hospital porque ele está com sintomas de gripe assim, está com febre... bastante insistente. Aí ela passou a noite meio sem dormir, resolveu levar ele para a emergência. Me veio essa ideia na cabeça, por conta de uma sobrinha minha que virava e mexia ela ia para o hospital. Já está melhor. Mas aí eu fiquei pensando nisso e aí fiz esse desenho. Mas nesse desenho, ele é um menino, não uma menina. A família não são só os dois, mas as coisas sempre ficam para ela, então... Ela está bastante preocupada porque a febre não cessa de jeito nenhum. E, além de não cessar, por mais que ela dê remédio, até baixa um pouquinho, mas depois aumenta muito rápido. Ele está chorando. Está assim com os lábios fechadinhos.*

Título 3: Um dia difícil

Interpretação

Aqui são dois personagens de mãos dadas: uma mãe e um filho. Nesta UP, aparecem duas figuras superpostas: a mãe, que parece masculinizada, sem brincos, sem

vestidos, sem colar, e o filho, que é um menino que veio da lembrança de uma menina, sobrinha de Laura, que também precisou ir muitas vezes ao hospital. A família não é composta apenas pela mãe e pelo filho, mas outros não aparecem no relato, mesmo quando perguntado no inquérito. A figura adulta masculina que estava nos desenhos anteriores, mas não nas narrativas, aqui está ausente. A presença do masculino na criança pode estar ligada a um masculino que está com seu desenvolvimento paralisado, que depende da mulher para ser cuidado. Muitos sentimentos de vulnerabilidade apareceram nesta unidade. A febre insistente lembra a doença emocional da irmã que não passa. Trazendo de volta o sentimento de sobrecarga da unidade anterior, a mãe sozinha leva o filho ao hospital por não ter dado conta de cuidar dele em casa. Ela precisa de ajuda de outros (hospital) para cuidar dele. Parte da fragilidade de Laura pode estar posta na febre do filho e na mãe que tem de cuidar dele sozinha. O menino que chora com lábios fechados pode conter outras partes suas que precisam de cuidado, mas a que nem ela mesma tem acesso.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *A gente ... Nesse desenho, a gente pode dizer que é hoje à noite. A gente saindo pra comer uma pizza. Nós não vamos, mas essa é a minha vontade (risos). Eu botei até um colarzinho para ir à pizzaria, botei um saltinho. Vamos nós... sair de casa. Só não botei a máscara, que é desnecessário no desenho. O desenho pode ser imaginativo. A gente pode sair sem máscara (risos). Só estamos indo para relaxar mesmo. Pra Denise é uma comemoração; mas, para a gente, é só uma coisa normal. Tranquilos, felizes. Não tenho mais nada para fazer hoje. Que bom! Vamos curtir, voltar e dormir. De boa. Diferente da praia. Na praia eu estava me sentindo cansada. Estou de boa.*

Título 4: Saindo de casa

Interpretação

Nessa UP, o tema do lazer aparece outra vez, tal como nas unidades 1 e 2. Laura parece estar dentro de um sistema adaptativo em que só sua família nuclear pode aparecer, sem circulação de fantasias. O retorno ao tema do lazer pode ser visto como uma tentativa de negar os sentimentos da UP3. Laura se defende desejando um lazer, com o intuito de deixar as dores de fora e voltar para o que traz alívio. O incômodo da máscara relatado contém as dificuldades da pandemia, tanto como fator limitante da realidade externa quanto como impedimentos da realidade interna. O título “Saindo de casa” pode ser entendido como uma reação à pandemia que deixou todos presos em suas casas e à própria família. Denise porta o contentamento mais uma vez e o marido volta a ser desenhado, mas não aparece na narrativa.

6.1.7 Síntese do casal

Jonas e Laura estavam juntos desde muito jovens. Ao longo desses anos, a posição da mulher como principal provedora do casal se manteve. A carreira de ambos foi por anos a prioridade do casal e determinou algumas de suas escolhas, especialmente a aceitação dos deslocamentos exigidos pelos trabalhos de cada um e a opção de não ter filhos. Somente foi possível para eles morarem e trabalharem na mesma cidade por dois períodos: no início do relacionamento e após 2016, quando Jonas parou com o trabalho corporativo e decidiu investir na carreira acadêmica, podendo morar e trabalhar na mesma cidade que Laura, após 15 anos em que ambos driblaram diferentes tipos de dificuldade para priorizarem estar juntos pelo menos no fim de semana.

Percebe-se a resiliência do casal em permanecer juntos, enfrentando a oposição dos familiares e as dificuldades de trabalharem em cidades diferentes. Na fala de Jonas, a prioridade sempre foi a carreira de Laura; mas, no relato da história de vida do casal, observou-se que a carreira dele também foi priorizada, tanto que o casal viveu por 16 anos se vendo apenas nos finais de semana. Individualmente, Jonas cresceu muito ao longo dos anos. Ele começou o namoro como estudante universitário e, ao longo da sua trajetória, desenvolveu duas carreiras: a corporativa e a acadêmica, ficando sem emprego em poucas ocasiões e por um breve período. Laura teve uma trajetória ascendente e consistente profissional e financeiramente, além de ter assumido os cuidados com a irmã portadora de deficiência grave, ajudando assim na recuperação de sua mãe. Cabe ressaltar que a prioridade dada pelo casal à vida profissional contribuiu para que o espaço dado para a individualidade fosse maior do que a da conjugalidade.

Jonas e Laura são o único casal dos entrevistados que não teve filhos. Ela afirmou que não tinha vontade de ter filhos e que até poderia ter se mobilizado se eles tivessem morado juntos diariamente para cuidarem da criança. Como isso não foi possível, acabaram por não ter. Jonas disse que queria ter e entendia que a escolha por priorizar as vidas profissionais contribuiu para não terem tido filhos. Contudo, no DF-E, Jonas não conseguiu trazer nada significativo na UP 2: Família que gostaria de ter, o que pode ser lido como um não saber ou um não posso dizer. Uma família com um bebê apareceu na UP 3: Família em que alguém não está bem, o que foi associado com esse bebê que não pode vir para a vida do casal.

Apesar de terem optado por não ter filhos, Denise pode ter tomado o lugar da “filha” que eles não tiveram. A irmã portadora de uma condição grave foi a criança que não cresceu e de quem ambos cuidavam. As pessoas cujos irmãos apresentam algum tipo de enfermidade recebem essa herança dos pais, o que indicava que não havia outra escolha em relação ao cuidado da irmã. O adoecimento da mãe antecipou o cuidado que, “no futuro”, teria de ser dela. Laura encontrou um homem que aceitou ficar ao lado dela, parecendo não trazer muito as suas demandas emocionais e dividindo com ela os cuidados da irmã/cunhada.

Laura parece estar dentro de um sistema adaptativo em que só sua família nuclear pode aparecer, sem a circulação de fantasias e sonhos. Ela traz a sua família nuclear: ela, o marido e a irmã Denise em três das quatro unidades (1, 2 e 4). As narrativas apresentam

todos em momentos de lazer, com sentimentos de alegria, felicidade, diversão e descanso, sem conflitos e sofrimentos. As fragilidades de Laura se evidenciaram nas unidades 2 e 3, mas não são verbalizadas. O marido foi desenhado nas unidades 1, 2 e 4, mas os sentimentos dele não aparecem, nem sua participação na narrativa. Nesse aspecto, Laura passa a impressão de que, se ele falar, pode dizer o que está difícil. Outro ponto a ser destacado é o fato de ela não apontar nada sobre a relação conjugal, nem no desenho nem nas estórias.

Jonas teve como maior medo o desmoronamento de tudo o que foi construído, e, para manter seu lugar de pertencimento na família que construiu com Laura, a qual lhe proporciona segurança e estabilidade, ele se adaptou às exigências da realidade. Na primeira UP, ele colocou a inversão de cores (azul e rosa) de menino para menina e vice-versa, que é como a família constituída pelo casal se apresentava no momento da pesquisa. Isso também apareceu nas figuras combinadas da UP 3 de Laura: ela é uma mulher, mas está vestida de homem, representando a duplicidade funcional que ela carrega. Dessa forma, o masculino e o feminino aparecem misturados para os dois. A confusão, por vezes, serve para impedir o confronto e os sentimentos que ele comporta. Ele foi o companheiro que se adaptou com ela a todas as mudanças e desafios vividos pelo casal, desde os inúmeros deslocamentos e mudanças de emprego, até a falta de ajuda em casa e o isolamento trazido pela pandemia. A experiência de dependência que cultivaram no vínculo permitiu que crescessem individualmente e que buscassem também o desenvolvimento na parceria do casamento, apesar de terem assuntos em que eles não se aprofundaram na entrevista, pois poderia fazê-los entrar em contato com conflitos.

Laura e Jonas construíram um vínculo em meio a muitas mudanças, se adaptando um ao outro. Essa adaptação pareceu sustentar as defesas individuais e trouxe uma estabilidade e equilíbrio ao cotidiano do casal. Eles demonstraram ter uma parceria para tocar as dificuldades da vida e apreciar os bons momentos juntos. Ela precisou da presença do marido, uma vez que foi com ele que pode construir um projeto de família, que traz o apoio emocional necessário para ela continuar a enfrentar as sobrecargas do trabalho e da “herança” de sua família de origem e continuar dando sustentação financeira e emocional para a família.

6.2 Casal 2: Penélope e César

6.2.1 História do casal

Penélope tinha 31 anos e tinha um irmão mais velho. Ela se graduou em pedagogia e trabalhou por alguns anos como professora. César tinha 41 anos e era o terceiro filho de quatro. Ele era professor e trabalhava na mesma escola que Penélope, onde se conheceram. Na época, ele era casado com a mãe do Tadeu, seu primeiro filho. Conviveram por dois anos como colegas de trabalho. Penélope namorava outra pessoa. Após a separação de César, começaram a namorar. Depois de um tempo, ele procurou um lugar para morar perto da casa de Penélope, que morava com a mãe dela. A ideia de morar juntos aconteceu naturalmente, após um ano e dois meses de namoro. Estão juntos há oito anos, sem contrato de união estável ou casamento civil. Há quatro anos, nasceu Luiza.

César contou que o que o atraiu em Penélope foi sua capacidade de acolhimento e apoio em um momento em que ele estava muito frágil, após a separação. Era muito difícil para ele não ver o filho todos os dias nesse período. Nessa época, Penélope também o via como amigo. Aos poucos, ambos foram percebendo que havia algo diferente entre eles. Tentaram se encontrar em um fim de semana, mas não conseguiram. Algum tempo depois, eles acabaram se beijando.

A relação do casal melhorou muito depois do nascimento da filha Luiza. O pós-parto foi muito difícil para Penélope e ela sentiu em César um grande apoio. Ele chegava do trabalho cansado e ficava com a filha no colo o tempo que fosse necessário. Quando a filha chorava, ele ficava tentando acalmá-la e fazê-la dormir, e só chamava Penélope quando percebia que Luiza queria mamar. Ele também acordava para ajudar Penélope nas mamadas noturnas. Quando ela terminava de dar de mamar, ele colocava Luiza para arrotar e, às vezes, dormia sentado ao lado de Penélope.

César também sempre foi muito participativo nas tarefas domésticas. Quando ele chegava do trabalho, além de assumir os cuidados com a Luiza, também cuidava da casa. Com relação a organização e limpeza da casa, César é mais cuidadoso do que a esposa. O único ponto que ainda precisava ser mais bem dividido, segundo Penélope, era a questão da carga mental, da logística das atividades, tais como as contas da casa, questões burocráticas, remédio, horários, marcar pediatra, que sempre foi mais responsabilidade dela do que dele.

No momento da entrevista, César estava trabalhando como autônomo com alguns alunos. Durante dezesseis anos, ele trabalhou na escola como professor e como coordenador. Ele ficou deprimido, logo após o falecimento da sua avó materna. Parou de trabalhar por um tempo, entrou de licença médica e foi demitido. Em conversas com a esposa, ele percebeu sua insatisfação com a escola e sentia que seu ciclo de trabalho naquela instituição estava se esgotando. A proposta de rescisão feita pela escola foi muito boa e trouxe uma reserva financeira que tornou possível esperar os novos projetos profissionais se concretizarem. Fazia um ano que ele havia saído da escola na época da entrevista. A ideia inicial era ele arranjar outro emprego, mas não havia conseguido. O sonho profissional de César é empreender na área da educação. Penélope o apoiava e o valorizava como profissional e como pai.

O casal tem também o sonho de morar em outra cidade, no interior, quando as crianças estiverem maiores e independentes. Pensam em construir uma casa em um lugar gostoso para receber os filhos e famílias, os amigos, ter cachorros.

Depois do nascimento da filha e da pandemia, eles saem pouco, preferiam ter lazer em casa com amigos. Com relação a receber os amigos, Penélope e César são muito diferentes. Ela disse que é uma péssima anfitriã, já César gosta de receber as pessoas. Quando estão sós, ambos gostam de cozinhar e de jogos de tabuleiro. Durante a semana, o casal reservava as noites, depois que a filha dormia, para ficarem juntos. Como a filha costumava dormir cedo, o casal, a sós, conseguia jantar, assistir a alguma série na televisão e, às vezes, fazer exercícios.

6.2.2 Famílias de origem

Os pais de César são casados. A mãe dele está aposentada, mas, quando trabalhava, era coordenadora de posto de saúde. Como era um cargo de confiança, em alguns períodos, ela não tinha trabalho. O pai era técnico em química, trabalhou sempre em indústria e se aposentou há alguns anos. Quando os dois estavam trabalhando, as contas ficavam mais equilibradas. O pai dele sempre trabalhou mais e a mãe ficava mais em casa com os filhos.

Na família de César, em que ambos os pais trabalhavam, ele e os irmãos se dividiam para realizar as tarefas da casa. Segundo Penélope, existem cuidados com a ordem, limpeza e aparência da casa na família de César que não havia na família de

origem dela. Ela valoriza a participação de César na organização da casa e nos cuidados com os filhos.

César falou que nunca viveu grandes faltas materiais. As poucas dificuldades financeiras que tiveram foram compartilhadas e explicadas pelos pais aos filhos. Os quatro irmãos estudaram numa escola estadual e, após uma melhora dos recursos econômicos, foram estudar em uma escola particular.

Os pais de Penélope se divorciaram quando ela era tinha uns quatro anos. O pai já tinha tido outro casamento e uma filha, antes de se casar com a mãe de Penélope. Na época das entrevistas, o pai morava com uma outra mulher já há alguns anos, e sua mãe nunca assumiu para a família outro relacionamento afetivo. A mãe de Penélope trabalhava com informática e o pai era engenheiro aposentado. O pai de Penélope nunca foi assíduo com o pagamento da pensão. A mãe dela planejava pagar as contas com seu dinheiro e a pensão alimentícia era usada para gastos extras, uma vez que não era uma entrada recorrente. A mãe de Penélope sempre valorizou muito uma educação de qualidade para os filhos. Durante um período, a empresa onde a mãe de Penélope trabalhava lhe pagou um bom curso de programação, mas ela não recebia pelas horas em que estava estudando. Com algumas economias, a vida da família continuou estável, mesmo a mãe recebendo menos. Quando Penélope começou a faculdade, a mãe comprou um apartamento perto de sua universidade. Viveram mais um período de contenção de despesas, mas, com alguns ajustes, as principais atividades eram mantidas. Em todos os momentos de redução de gastos, a mãe de Penélope pedia a colaboração dos filhos. Essa organização financeira permitiu que ela pudesse pagar a faculdade dos filhos e comprar um bom apartamento.

Penélope relatou que sofreu um sério incidente com seu pai quando era criança. Nessa época, a filha do seu pai do primeiro casamento morava com eles. Penélope lembrava que contou o ocorrido para a meia-irmã, contudo não se recordava sobre quem contou para sua mãe, se sua meia-irmã ou seu irmão. Sua mãe saiu de casa na mesma noite com os dois filhos. O casamento deles já estava ruim, mas a separação se concretizou nesse momento. Depois de um tempo longo, que Penélope não sabe dizer quanto, porque era muito pequena, seu pai fazia visitas supervisionadas na casa da mãe; e um tempo depois, ela voltou a ver o pai, sob os cuidados da avó de Penélope.

O pai de Penélope também sofria de alcoolismo havia muitos anos. No período da entrevista, ele já havia parado de beber há alguns anos. Contudo, quando Penélope tinha

uns quinze anos, foi com o namorado para casa do pai passar alguns dias e, mais uma vez, O pai voltara a beber, depois de um longo período que conseguira se manter sóbrio, e discutiu com o namorado de Penélope. Outra vez, ela se sentiu muito mal com o comportamento do pai. Foi embora e, ao chegar em casa, pediu que a mãe avisasse ao pai que não queria vê-lo nunca mais. Ficou por volta de três anos sem vê-lo de novo. A reação do pai foi chorar e pedir desculpas, mas não fez nada efetivamente para se reaproximar. Por anos, eles só se falavam por telefone brevemente, nas datas comemorativas. Anos depois, a mãe de Penélope a questionou sobre esse distanciamento, alegando que ela poderia se culpar, caso o pai, que estava muito obeso, morresse. Mais velha e com mais capacidade de se defender, Penélope se reaproximou, contudo mantém uma relação formal e distante com o pai.

Já César, em relação aos seus pais, sentia-se como se estivesse em uma montanha-russa. Até os 30 anos, ele morou com os pais e não tinham problemas. Após sua saída para seu primeiro casamento, ele começou a perceber questões antes não visíveis em relação à sua família de origem. Com essa mudança na forma de ver o mundo, alguns conflitos surgiram. César não se sentiu aceito e acabaram se afastando um pouco. César optou por morar perto de Penélope e mais distante da sua família. Outro ponto de conflito foram as interferências quanto ao seu papel de pai do Tadeu. Eles enxergavam a paternidade dele de uma forma totalmente diferente de como César via, e até mesmo de como Tadeu sentia. Esses desentendimentos dificultaram a relação deles por um bom tempo. Depois que começou a fazer psicoterapia, houve uma melhora na relação de César com sua família. Ele aprendeu a falar mais “nãos”, fazer mais o que queria e não se sentir culpado pelo que escolhia. Assim, houve um resgate de uma parte boa da relação com seus pais, que era a amorosidade. Eles são muito afetivos, gostam de abraçar, beijar, conversar. Ainda existem alguns problemas em relação a preconceitos dos pais e questões de comunicação que César também identificou em si mesmo. Quando os conflitos emergiam, havia dificuldades de resolvê-los e de conversar sobre. Tudo ficava meio escondido, o mal-estar passava por um tempo e a situação conflituosa voltava a se repetir.

Os irmãos de César têm filhos e o irmão de Penélope, ainda não. Eles costumam conviver com primos que têm filhos da mesma idade que a Luiza, e de quem eles são muito próximos.

Penélope percebeu pouco espaço para conversas mais afetivas com sua mãe, que tem características muito racionais. Ela costumava desviar o assunto, quando lhe parecia difícil. Foi somente com o irmão que se abriu um espaço para conversar e elaborar um pouco mais o que aconteceu com a família.

César foi muito bem-recebido pela família de Penélope, desde a mãe até a família estendida. Por sua vez, Penélope não se sentia à vontade com a família de César. O fato de Penélope ser a segunda companheira de César e terem iniciado um relacionamento logo após sua separação poderia ter contribuído para esse distanciamento, uma vez que é comum surgirem resistências para a aceitação da segunda esposa nas famílias recompostas.

6.2.3 Pandemia de covid-19

Outro fato importante para o casal foi o falecimento da avó de César. Ela estava ficou debilitada e não se recuperou. Apesar de saber da doença da avó, César ficou muito mal, porque estava impossibilitado de ir à casa dos avós devido ao isolamento da pandemia de covid-19. Após receber a notícia do falecimento dela, ele interrompeu a ida ao trabalho, entrou em licença de saúde, começou tratamento psiquiátrico e psicoterapia. A morte da avó foi o gatilho para a depressão de César. Os avós maternos eram muito próximos dele, tanto na infância como na adolescência. Mesmo depois de adulto, ele tentava vivenciar essa relação, cuidando da manutenção da casa deles (pintava, limpava o quintal, etc.). Outra afinidade que o ligava à avó era o fato de os dois gostarem muito das atividades esportivas. Até idade avançada, ela ainda praticava esportes.

Além de César, Penélope também está fazendo tratamento medicamentoso. Quando começou a pandemia, ela ficou com medo de morrer porque estava bem acima do peso. Procurou um médico, começou a tomar medicação e emagreceu. Antes da pandemia, ela havia perdido as avós paterna e materna. Recentemente, uma tia-avó faleceu e ainda tiveram de lidar com um tratamento de câncer que a mãe de Penélope teve. Felizmente foi detectado em fase inicial e ela ficou bem.

Com a saída de César da escola em que trabalhava e o aumento de trabalho de Penélope, a situação financeira do casal passou por mais uma mudança. Inicialmente, eles planejaram usar o dinheiro da rescisão quando fosse necessário. Contudo isso não foi necessário, porque Penélope conseguiu pagar sozinha todas as contas da família. A

disponibilidade do horário de trabalho autônomo de César foi muito bem-recebida por Penélope, que passou a dividir mais ainda as rotinas da casa e da Luiza. César costumava trabalhar no período em que Luiza estava na escola e cuidar dela e da casa no restante do tempo. Como Penélope estava com maior demanda de trabalho, eles optaram por priorizar o trabalho dela naquele momento. Nesse período, César estava ficando mais responsável pelas atividades com a filha do que Penélope.

César disse que, no início, essa mudança foi complicada para ele, porque, desde que havia começado a trabalhar, ele nunca tinha vivido essa situação de trabalhar poucos horários. Sua impressão é que essa nova proposta iria dar errado em algum momento. Com o tempo e com o apoio de Penélope, ele foi se adaptando e estava gostando de vivenciar mais o lado doméstico. Ele disse que tem sido importante participar ativamente da vida da Luiza, porque, antes da demissão, ele trabalhava o dia inteiro e só cuidava dela à noite. Penélope estava se sentindo mais aliviada das tarefas domésticas e podendo se dedicar ao trabalho.

6.2.4 Vida financeira do casal

O casal já viveu diferentes arranjos em relação à vida financeira. No início, César era coordenador e Penélope era professora, em meio período. Depois que se formou, ela se tornou professora de sala e trabalhava período integral. Com a promoção dela, eles ficaram ganhando quase o mesmo salário. Um tempo depois, César saiu da coordenação e ela ficou ganhando um pouco a mais que ele. Depois da gravidez, Penélope voltou a trabalhar meio período e, ele passou a ganhar mais, até quando foi demitido da escola. O dinheiro deles sempre foi junto, desde que começaram a namorar. E o combinado era: quem ganhava mais pagava mais contas. As contas correntes são separadas, mas ambos sabem quanto cada um ganha.

Penélope relatou gostar muito da nova configuração do casal. Alguns ajustes ainda precisam ser feitos, porque Luiza esteve um pouco ansiosa com o menor contato dela com a mãe. Penélope gostaria de poder organizar melhor seus horários para poder estar mais com a filha. Ela voltou a pensar em ter outro filho e, como ainda não estão em condições financeiras de pagar uma babá, contariam com a ajuda da mãe dela, que sempre a ajuda com a filha, mesmo sendo uma avó que ainda trabalha.

Familiares e amigos sabiam que César fora demitido e que o casal estava passando por mudanças, mas, segundo Penélope, talvez as pessoas não tivessem ideia do quanto a situação havia se invertido. Ele antes pagava tudo e ela pagava bem pouco; e, após a pandemia e demissão de César, ela paga quase tudo e ele paga bem pouco. César chegou a conversar com seus amigos mais próximos sobre o mal-estar que estava sentindo por estar ganhando menos do que antes e da responsabilidade financeira ser toda da Penélope naquele momento. Os amigos o apoiaram dizendo que isso seria uma fase e que logo se reequilibrariam de novo e que eles deveriam ser gratos por um deles conseguir dar conta do sustento da família.

As decisões financeiras foram tomadas em conjunto, mas Penélope, que era mais organizada e planejadora que César, era quem controlava diretamente os gastos e fazia as planilhas. Ela observava onde estavam gastando mais e como poderiam economizar. Ela contou ter muito prazer em ter essa função, mas que preferia fazer o balanço das despesas sozinha e depois levar o resultado para discutirem juntos em que gastar menos, onde investir. O dinheiro deles sempre foi junto, desde que começaram a namorar. E o combinado era: quem ganhava mais pagava mais contas. As contas correntes são separadas, mas ambos sabem quanto cada um ganha.

Os gastos do casal aumentaram após a demissão de César. A curto prazo, Penélope gostaria que César voltasse a pagar três contas: as duas escolas das crianças e o plano de saúde. Ela disse que, se ele conseguir pagar essas contas, ela se responsabilizaria pelas restantes, mesmo que o valor fosse maior. Apesar dos recebimentos de César terem diminuído, Penélope conseguiu suprir as despesas da família e eles não estão usando a reserva da demissão dele no dia a dia.

6.2.5 Momentos de crise vividos pelo casal

Quando Luiza estava com quase um ano, eles engravidaram sem planejar. Ela optou por tomar a pílula do dia seguinte. Foi difícil a decisão de interromper a gravidez. Penélope optou por encerrar e teve todo o apoio de César. Penélope relatou que se sentiu muito exigida como mãe e que seria demais para ela ter um bebê de um ano e nove meses e outro recém-nascido. Algum tempo depois, ela também percebeu que teve um pós-parto muito difícil. Achou que ficou deprimida com sintomas que mais afetaram o humor (irritabilidade) e falta de concentração do que sintomas físicos que a impediam de fazer suas tarefas cotidianas. Um ano antes da data da entrevista, Penélope tinha procurado um

psiquiatra e estava em tratamento. Sentindo-se melhor e com a filha já com quatro anos, ela afirmou desejar ter outro filho e que César ainda não estava querendo naquele momento. Tadeu fica com César, Penélope e Luiza nos fins de semana, de quinze em quinze dias.

A comunicação também era um dos principais motivos de conflitos entre eles. César assumiu ter mais dificuldade em se comunicar do que Penélope. No começo do relacionamento, sempre que entravam em atrito, ele queria parar de conversar e ficar sozinho, enquanto ela queria continuar conversando para resolver o conflito. No primeiro ano de namoro, já foram morar juntos e tiveram muitos conflitos. Aos poucos, foram se adaptando. Penélope atribuiu sua ansiedade a algumas brigas do casal. Ela tinha pouca paciência para esperar o tempo de César e sentia que, muitas vezes, esse tempo era atropelado pela sua ansiedade. Quando Penélope era muito insistente, César ficava irritado e agressivo verbalmente.

No início do namoro, Penélope tinha muito ciúme de César. O ciúme de Penélope ainda existe, mas hoje conversam tranquilamente sobre isso, em vez de brigar.

Eles também discordam em relação à educação da filha. Segundo Penélope, César costuma ser mais duro do que ela com a filha. Ela se percebe mais flexível e acolhedora. César não gostava de sair como o ruim da história. Em uma das discussões sobre o assunto, chegaram até a falar em separação. Ao perceberem a importância do assunto para César, eles conversaram seriamente e conseguiram se entender melhor.

Penélope relatou que César já consegue falar mais do que gosta e do que não gosta para ela, mas que ainda é difícil, porque ela é uma debatedora veloz e rápida. A insistência no debate e o poder argumentativo de Penélope acabam dificultando o diálogo com César, que fica cansado e irritado com seus argumentos. César fica muito bravo, porque ele não consegue argumentar da mesma forma. Ele se irrita por não estar sendo ouvido e eles acabam brigando. Penélope não percebia que havia um clima de rivalidade e de não escuta no casal.

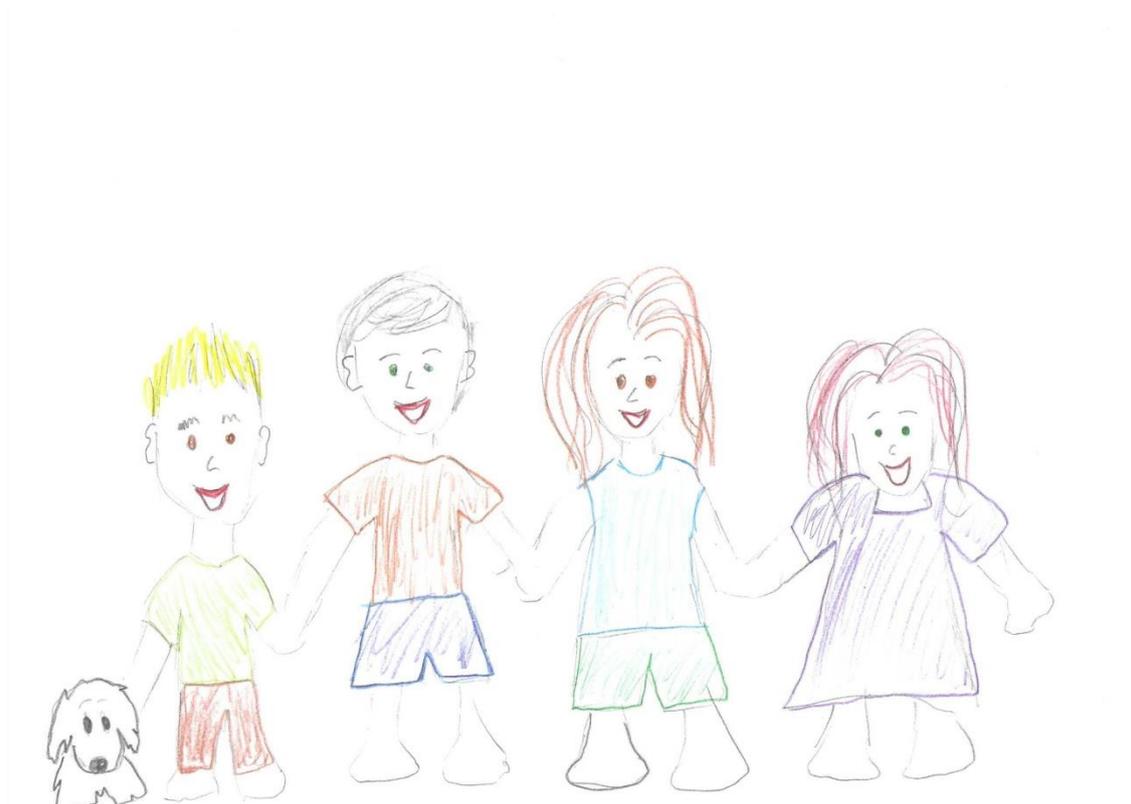
Todos os conflitos e resoluções foram construindo o casal que eles se tornaram, com mais parceria. Foi iniciativa dela a participação na pesquisa, mas César concordou prontamente.

6.2.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias

São apresentadas a seguir as UP de Penélope e de César e suas respectivas interpretações.

6.2.6.1 César

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



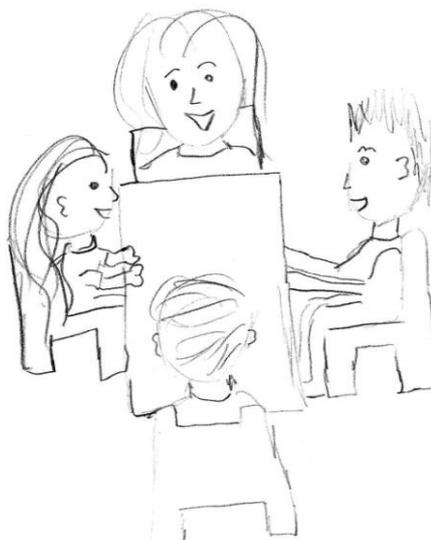
Verbalização: *Olhando para o meu desenho eu vejo uma família completa aqui, porque tem um cachorro. O cachorro representa qualquer tipo de animal em questão e completa o sentido de família. Nesse momento, eles estão chegando numa praça. A ideia é brincar com as crianças e brincar com o cachorro também. E aí eles vão passar a tarde no parque e fazer um piquenique também. É como se fosse um domingo. Acho que, até pelo desenho, a sensação deles é que é aquele dia sempre esperado. Na semana, é sempre aquela correria. No final de semana, é de ficar todo mundo realmente junto. No caso deles, o dia inteiro todo junto. Acho que é no sentido de fazer uma coisa realmente de família, coisas juntos, todos, no mesmo lugar, no mesmo espaço. Eles estão felizes, até o cachorrinho está feliz. Está todo mundo feliz aqui. Estava todo mundo esperando esse momento, para descontrair.*

Título 1: Tarde no parque

Interpretação

Na primeira UP, César desenha uma família feliz em um momento de lazer. Na narrativa, ele destaca a figura do cachorro como a mais importante, representando cuidado e afeto. Todos estão de mãos dadas, indicando conexão entre os membros da família. A “Tarde no parque”, título da unidade, parece trazer uma família idealizada, com completa ausência de conflitos e noções de felicidade e união, em que todos fazem a mesma atividade para realmente estarem juntos, parecendo assim não haver discriminação das individualidades. As figuras masculina e feminina têm o mesmo tamanho, o que pode representar o espaço de cada um na família. O desenho é bem distribuído e colorido, remetendo a uma boa estrutura psíquica.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *Família que gostaria de ter porque eles ficam uns sentados de frente para o outro, se olhando, conversando e se escutando, todos. Uma família de escuta ativa. Pelo semblante você pode ver que eles estão felizes, conversando, só não dá para ver uma pessoa que está de costas, que é o pai. A mãe está em frente e as crianças, ao lado. Estão conversando sobre assuntos variados. Tem tantos assuntos individuais que cada um traz. Uma criança traz o que aconteceu na escola dela. A outra traz o que aconteceu. A mãe traz o que aconteceu no dia. O pai traz o que aconteceu no dia e eles conversam ali. Todo mundo se escuta e todo mundo ouve a história do outro e há uma brincadeira entre eles de música. Um fala uma palavra e todos têm que cantar uma música.*

Eles estão na mesa da cozinha na casa deles. Estão só sentados, como se fosse um ponto de encontro da família à mesa, para compartilhar o dia de cada um. Tudo muito tranquilo, felizes, bem alegres, por compartilhar, por ser ouvido, por escutar um pouco do outro também, bem descontraídos por esse momento que é da família também.

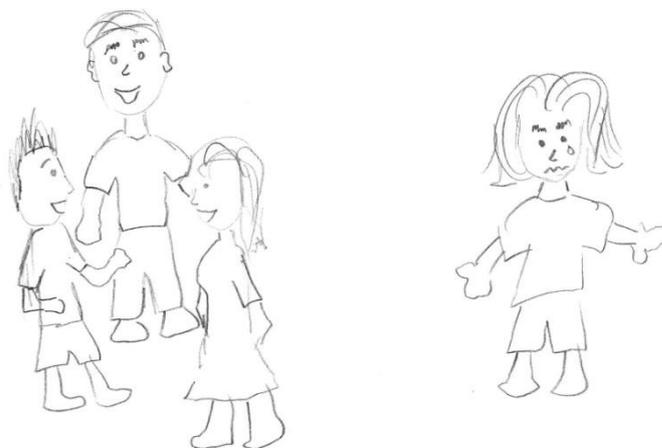
Título 2: Escuta ativa

Interpretação

Nessa unidade de produção, a família está em volta da mesa em mais um momento de brincadeira e comunhão. O desejo de ser ouvido é revelado por César no desenho e na narrativa. Por outro lado, o pai é o que está de costas e que, em um primeiro momento, ele diz não saber quem é, podendo revelar um não saber sobre si mesmo dentro dessa

família hoje. O título “Escuta ativa” reforça esse desejo de ouvir e ser ouvido. Novamente todos juntos, fazendo a mesma coisa e brincando, idealização da família.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Então... a família estava todo mundo junto ali, e os dois adultos e uma das crianças começaram a conversar e a brincar de um jeito que a outra criança não gostou, se sentiu afastada, como se não fizesse parte daquilo. E ela se afasta, primeiramente para chamar atenção. Como ninguém presta atenção que ela saiu por não se sentir parte, então ela começa a chorar. Fica realmente triste, começa a chorar efetivamente, enquanto os outros três estão ali no mundinho deles. Depois que ela realmente começa a chorar, é que os três param para tentar entender o que aconteceu, mas tem um buraco aí nessa informação. A criança precisou sair, precisou chorar para todo mundo perceber que ela não estava fazendo parte daquilo. Eles estavam brincando de adivinhar os objetos. Você esconde um objeto atrás da mão e os outros dois têm que adivinhar o que é, se está no ambiente. É tudo uma brincadeira. A mãe está aqui com a mão para trás, escondendo o objeto. O pai está de frente e um menino está do lado mais esquerdo de lá, de uns 9, 10 anos. E, do lado direito, é uma criança menor, de uns 5 anos, uma menina. Depois que eles percebem que efetivamente ela está chorando por conta*

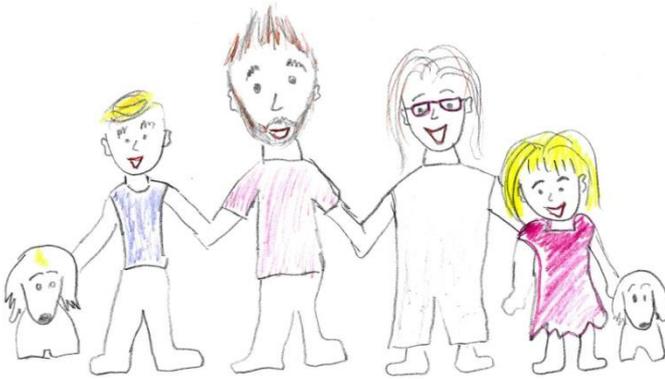
deles, por não terem dado atenção ao que estava acontecendo com ela, eles ficam... o menino fica bravo com a menina porque ela parou a brincadeira. Os adultos tentam... como eu posso definir, não é consertar, mas dialogar com a menor, meio que se desculpando por não terem prestado atenção nos sinais antes de chegar nesse ponto que chegou.

Título 3: E eu?

Interpretação

Nessa UP, aparecem mais sentimentos: exclusão, tristeza, raiva. Surge um antagonismo: três pessoas da família estão felizes, brincando, e uma não se sente bem com aquela brincadeira e se afasta. Isso pode indicar aspectos da dinâmica da família recomposta de César, que foi relatado na entrevista por Penélope, ao dizer do movimento de adaptação que vivem, pois, em alguns momentos, eles são três e, quando Tadeu está, eles são quatro. O afastamento não foi suficiente para que a criança fosse vista em sua necessidade, então ela chora muito para demonstrar seu mal-estar, revelando não ter recursos para lidar com a frustração. Pode-se dizer que parece não ser fácil expor sentimentos como tristeza, dores e conflitos, confirmando o que César trouxe na entrevista sobre não conseguir falar dos seus sentimentos. Os cuidados com alguém que não está bem só surgem após um aumento na sinalização do incômodo. Há conflitos entre as duas crianças e raiva. E finalmente a brincadeira (diversão permanente) cessa. Aqui talvez apareçam os sentimentos de divisão de César entre a família do casamento anterior (com Tadeu) e a nova família (com Penélope e Luiza), e os rearranjos necessários nas psicodinâmicas das famílias recompostas. A menina mais nova, que não estava gostando da brincadeira proposta, que foi explicitamente excluída, pode representar o tema de alguém com menos recursos emocionais para se fazer ouvir, e que acaba por utilizar um recurso mais primitivo como o choro para chamar atenção dos demais. Essa psicodinâmica remete à mesma que César vive em suas discussões com a esposa, quando não consegue ser ouvido ou se fazer ouvir. Ele fica bravo e nervoso e o casal acaba brigando e não conseguem ter um diálogo.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *Aqui, na minha história, tem uma cachorrinha nova na família. Ela se chama Ti. É... na verdade, o nome foi até uma brincadeira que a gente fez, porque meu nome tem 6 letras, o da minha mulher tem 5, o do meu filho tem 4, o da minha filha tem 3 e a Ti tem 2. É uma escadinha. E aí, esse é o dia que ela chegou, então está todo mundo reunido para recebê-la e para fazer a interação entre ela e o Big, que é o cachorro mais velho. É o dia da descoberta: tanto da Ti, reconhecendo a casa, quanto da gente, conhecendo a Ti. É muita brincadeira. A Ti é uma filhote de 3 meses. O Big tem 6 anos. A Ti é a referência desse dia. Brincadeira o dia inteiro, para cansar também a cachorrinha, porque cachorrinha filhote tem energia. Estamos em casa. Para estar todo mundo em casa, brincando, tem que ser final de semana. Tem que ser sábado. É um dia de alegria, para todo mundo, menos para o Big, que ficou com ciúmes (risos). Agora já estão bem, mas, quando ela chegou, ele ficou com ciúmes. Mas a gente conseguiu dar bastante atenção para ele se sentir... A Luiza acolheu muito o Big também. Ela falava para ele: “Você também é importante, Big”. O Tadeu estava maravilhado. Ele sempre quis ter um cachorro filhote, porque ele tem gato na casa da mãe dele e ele sempre quis ter um cachorrinho. Eu e a Penélope pegamos o Big, quando o Tadeu já tinha quatro anos. Quando adotamos o Big, ele já tinha 2 anos.*

Título 4: Bem-vinda, Ti!

Interpretação

Ti, o novo membro da família, representa uma tentativa de união. O tema da brincadeira reaparece na forma de um jogo com o número de letras dos nomes de todos da família. Todos estão de mãos dadas, até mesmo os cachorros, podendo levar a pensar que separação (ou a individualidade) pode estar sendo vivenciada como algo ruim. Como na UP1 e UP2, o momento de lazer do fim de semana aparece outra vez. O retorno ao tema do lazer pode ser visto como uma tentativa de reorganização dos sentimentos da UP 3. A nova cachorrinha, cujo nome “Ti” dá título à UP, parece simbolizar uma harmonia familiar idealizada, como na UP1 e UP2. No desenho, a expressão do pai não parece ser de alegria e satisfação.

6.2.6.2 Penélope

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



Observação: A intensidade dos traços e das cores no desenho original é mais clara e suave. Optamos por aumentar a intensidade para que o desenho pudesse ficar mais visível ao leitor.

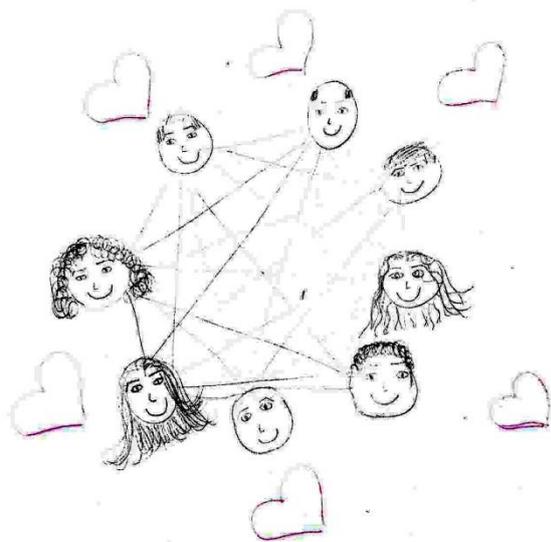
Verbalização: *É uma família comum, as crianças passam o período da manhã na escola e à tarde ficam em casa com o [...] não é com os pais porque os dois trabalham, os dois trabalham fora, o dia inteiro e as crianças ficam de manhã na escola e à tarde tem uma pessoa que cuida da casa e delas. Elas também têm algumas atividades extracurriculares. No final de semana, eles ficam juntos, passeiam, assistem filmes, enfim, tem programas em família e ficam junto. Durante a semana é mais difícil, porque os pais trabalham, mas eles ainda assim se encontram à noite. Eles não chegam muito tarde, mas o momento deles de estarem juntos é no final de semana. Para mim, olhando assim o desenho, eu acho que eles estão em casa. Acho que estão no momento de fazer o almoço. Enquanto as crianças brincam ali por perto dos pais, estão cozinhando, conversando, enfim, estão todos juntos ali na cozinha. É um fim de semana. Meio caótico, as crianças ficam correndo, brincando, mas tudo bem, porque é um momento gostoso. Mesmo com a bagunça, não tem obrigação, não tem horário, não tem compromisso, enfim, é um momento de relaxar.*

Título 1: Uma família ideal

Interpretação

Penélope falou muito durante a aplicação do procedimento. A UP 1 foi a que ela levou mais tempo para fazer, mostrando sinais de ansiedade, tanto pela fala quanto pelo tempo utilizado. Todas as figuras estão com os braços para trás indicando pouco contato entre eles. Na narrativa, Penélope traz um contraponto entre a semana, em que os filhos são cuidados por alguém que a ajuda, e o fim de semana, em que podem ficar todos juntos, em atividades prazerosas. Esses sentimentos antagônicos de obrigação e prazer também aparecem no caótico e prazeroso momento de estarem cozinhando juntos. Parece que algo precisa ser vivido e ainda não é possível: o momento do encontro do casal. O título dado (“Uma família ideal”) mostra que a família sonhada por Penélope se aproxima de sua família pelo número de membros, mas se afasta porque aqui todos estão bem atendidos e contentes, apesar de algum caos e bagunça.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *Na verdade, eu não pensei numa família só, eu acho que pensei que a família ideal pode ser várias. Eu desenhei várias pessoas, várias mulheres, homens, tentei desenhar neném, um senhor, enfim todas as idades e todas as conexões possíveis entre eles. Eu acho que a família ideal pode ser qualquer uma, então qualquer junção aqui de família, dessas pessoas, pode ser a família ideal. Seja de uma com outra, seja de uma com todas, enfim, qualquer esquema aqui dessas pessoinhas ou outras (que eu não consegui desenhar), pode ser a família ideal e aí eu coloquei os coraçõezinhos em volta, para representar um pouco do meu ponto de vista. A família ideal ela necessariamente precisa ter bastante amor, acho que ela precisa de várias coisas, mas o amor é essencial. Na verdade, eu tentei desenhar o mais variado possível, porque eu, de fato, acredito que família pode ter qualquer formato. Se isso daqui fosse uma família, se todas essas pessoas fossem uma família, eu acho que elas estariam juntas num almoço de domingo (risos). O neném é o menorzinho e que está lá embaixo. Acho que esse seria o neném e, ao lado dele, acho que poderia ser a mãe, indo pela minha esquerda. A de cabelo liso, aqui, comprido, aqui em cima dela, poderia ser a avó. Do lado, poderia ser um tio do bebê. Do lado do tio paterno, poderia ser o avô. Aqui embaixo do avô, pode ser um primo. Aqui embaixo do primo, pode ser a tia que é a mãe desse primo. E aqui, embaixo da tia, pode ser o pai. Eles estão num almoço de domingo, acho que o bebê está feliz, porque está*

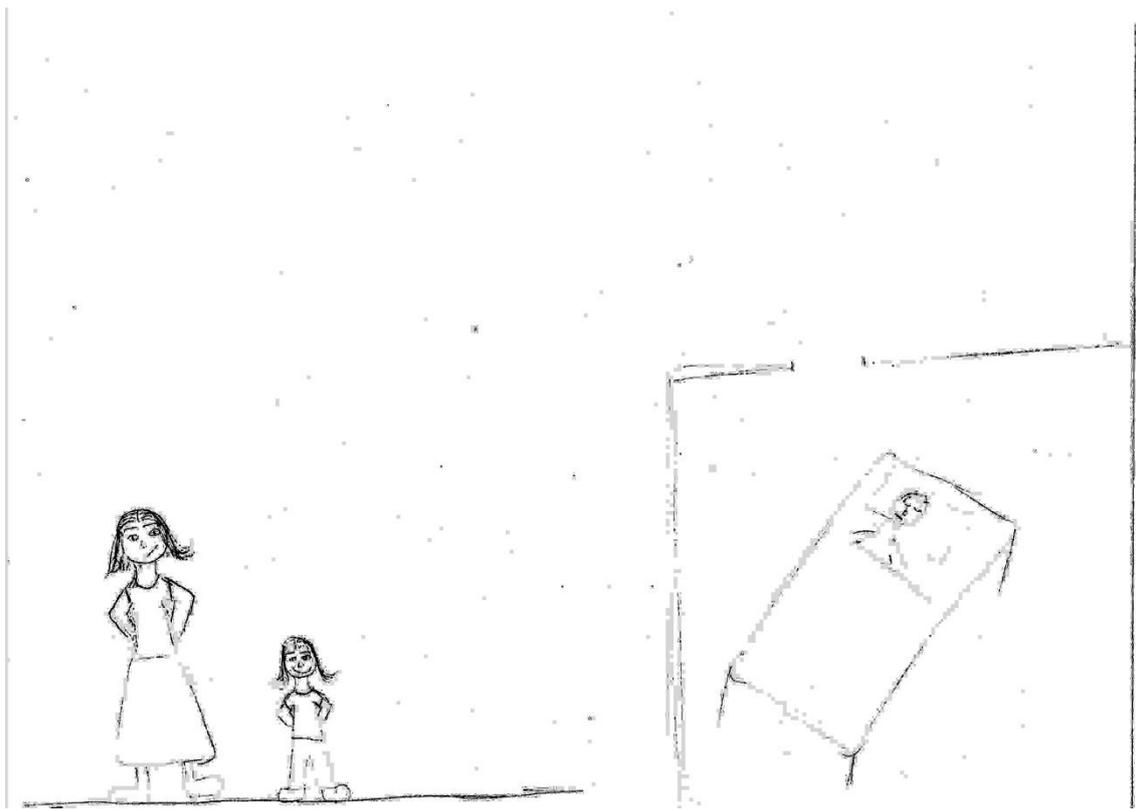
todo mundo dando atenção para ele. A criança nem tanto, porque almoço de família nem sempre é confortável para as crianças, nem sempre é agradável, ele é um pouquinho mais velho, já está na pré-adolescência, talvez, e já começa a achar tudo um saco. Mas os adultos estão felizes, acho que se reunir, não em todos os domingos, em um domingo especial, tipo aniversário de alguém. Estão na casa da tia. Estão felizes porque é uma situação que eles gostam de poder viver juntos, de conversar, de comer, de cantar os parabéns, enfim, de passar esse tempo juntos, em família. Acho que é o aniversário da avó. E o tio que eu falei que era tio paterno, né, mas não é não, é materno, eu falei errado, porque é família da mãe (risos).

Título 2: Família é onde tem amor

Interpretação

Na UP 2, o desenho foi feito mais para a esquerda e para cima, indicando aspectos fantasiosos em relação ao passado. Nesse desenho só os rostos são trazidos. São vários parentes se relacionando que remete a uma família estendida e não uma família nuclear. A família é representada aqui como um modelo com múltiplas configurações, destacando a importância do amor como o que une as pessoas. Parece uma família ligada por uma teia e o amor está em volta, representado pelos corações. O conflito é trazido nas figuras da criança e do pré-adolescente, que estão incomodados e entediados com o encontro familiar. Penélope parece estar defendida, não revelando qual seria a família que ela gostaria de ter. A ampliação da família nuclear também parece ser utilizada para diluir os conteúdos inconscientes que poderiam emergir. A experiência traumática com o seu pai, relatada na entrevista, pode ter impossibilitado a família que gostaria de ter tido.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *É, temos um... é muito ruim, porque a gente percebe que não consegue fugir das histórias que a gente vive. O pai está deprimido. A criança está felizona, porque a criança não está entendendo o que está acontecendo, então ela está só sendo criança, continua vivendo a vidinha dela ali. Acho que ela sente a ausência do pai, mas ela não consegue ainda compreender. A mãe está preocupada, muito brava porque está sobrecarregada, mas, enfim, tentando dar conta, tentando cuidar da criança, dar conta da casa, do trabalho e do marido, e ser acolhedora, uma boa parceira. Eu acho, nesse momento, que ela está cansada, não está fácil e o pai está ali na cama, no quarto. Eu coloquei as paredinhas ali para mostrar. Não faz muito tempo que ele está passando por isso, mas é intensamente. Não foi uma coisa gradativa, acho que foi uma coisa que aconteceu de repente assim, a depressão bateu. Só a esposa está cuidando efetivamente, de estar preocupada, de estar ali todo dia, de ir atrás de médico, de levar quando precisa, enfim, de conversar, cuidando no dia a dia. Tem a família dele que se preocupa, mas não faz nada, não aparece, de fato não entra para ajudar e ela tem a mãe dela, que é quem dá suporte minimamente para ela. Mas não com ele.*

Título 3: O impacto da depressão

Interpretação

A primeira fala de Penélope anuncia que ela vai trazer as repercussões da depressão em sua vida e finaliza com o título que é dado à UP 3: “O impacto da depressão”. A pessoa que está deprimida aparece isolada no quarto, precisando de muita ajuda. Aparecem sentimentos de negação na figura da criança, que não sabe o que está acontecendo, e a sobrecarga de quem cuida de alguém deprimido. A criança sente a falta do pai, mas sem um entendimento do que realmente acontece. Essa fala pode ser associada à história de vida de Penélope com a família de origem e com a família construída com César. O homem fragiliza e a mulher torna-se responsável sozinha por todas as demandas, contando apenas com a ajuda da própria mãe. O tema da depressão também foi vivenciado por Penélope recentemente após o nascimento de sua filha. Ela teve dificuldade em dar o título, o que pode remeter ao contato dela com um assunto tão cheio de vivências dolorosas. Mãe e filha estão juntas, mas os braços para trás indicam pouco contato entre elas.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *É uma mistura das outras histórias todas (risos). Bom, sendo a minha família, é um pouquinho diferente das outras histórias, porque o Tadeu, que é esse*

menino maior, tem a Luiza, que é minha filha, o Tadeu não é meu filho, mas é meu enteado, o César, meu marido, e eu. A diferença é que a nossa rotina não é do jeito que eu coloquei. Eu trabalho bastante, essa família não está sempre assim, porque o Tadeu está aqui a cada 15 dias. Então ela não está sempre toda reunida. A gente tem a cachorrinha nova, que são esses dois contornos que tem aí. Esse é o cachorro que a gente já tinha e esse final de semana chegou outra cachorrinha. Eu acho que a história dessa família é uma história comum, de dificuldades, mas uma história muito bonita de parceria, enfim, a história da minha família com ele. É uma história muito bonita, de parceria, de cumplicidade, de problemas, mas de superação de problemas conforme eles vão aparecendo. Eles estão em casa. Eu não consigo sair da cozinha, porque é onde a gente fica (risos). Fazendo exatamente o que aquela família da primeira história está fazendo. A gente está cozinhando, tomando uma cerveja, as crianças estão brincando, correndo pela casa, os cachorros também. Às vezes as crianças vêm, conversam, brincam um pouco. O Tadeu fica um pouco mais, porque ele é mais velho, então ele gosta de ficar conversando, a Luiza fica indo e vindo, pedindo atenção, mas, enfim... Estamos nos sentindo muito bem, caótico de vez em quando, mas muito bem. Caótico quando o Tadeu está, porque a Luiza fica muito agitada. Parece que, por ela não ver sempre o irmão, ela dá uma endoidada, corre, grita, pula. Mas é um caos que faz sentido, que é gostoso, não é um caos que deixa necessariamente irritado. Nesse momento aqui, eles estão todos felizes (risos).

Título 4: Minha família

Interpretação

Nessa última UP, ao fazer o desenho, Penélope perguntou se podia apagar e disse que ia ficar muito feio, indicando uma crítica à sua produção e contato com sentimentos difíceis. A família de Penélope aparece completa, inclusive com os cachorros. A filha é desenhada no mesmo plano dos cachorros, podendo representar o mundo da fantasia, da alegria, enquanto os dois adultos (pai e mãe) e o filho de César estão mais acima, retratando a esfera da realidade. Como nas unidades 1 e 2, as mãos dos membros da família estão para trás, indicando pouco contato entre eles. A alegria dos sorrisos parece padronizada e não há o uso de cores. A família se reúne mais uma vez na cozinha, que é trazido como o espaço mais gostoso da casa. Sentimentos de alegria e encontro convivem com a agitação intensa da filha, frente à presença do irmão, dinâmica vivida nessa família

recomposta. Contudo as dificuldades de relacionamento parecem ser mais intensas entre Penélope e Tadeu.

6.2.7 Síntese do casal

Penélope e César estavam juntos há 8 anos. São uma família recomposta com filhos crianças. César teve um casamento anterior, no qual teve um filho, Tadeu, de 10 anos. Para ela, era seu primeiro relacionamento. Juntos, tiveram uma filha, que estava com 4 anos.

Foram muitas as fases do casal quanto ao papel de maior provedor. Na maior parte dos anos juntos, essa posição foi ocupada por César. Houve períodos que ambos contribuíam igualmente e, na pandemia de covid-19, Penélope passa a ser a maior provedora. Cabe indicar que, mesmo quando César ganhava mais, ela era a responsável pela organização financeira do casal, que relatou parceria e poucos conflitos nessa área. Não foram identificados incômodos conscientes no casal em relação à posição de provedora estar sendo exercida pela mulher naquele momento. Falaram abertamente sobre o assunto e também o fizeram com amigos e familiares, que valorizaram o fato de estarem conseguindo se adaptar às novas exigências para ambos.

Os momentos de crise vividos pelo casal foram apresentados em relação ao passado e ao presente: desde os ciúmes dela, no início do relacionamento, a interrupção da gravidez que optaram por fazer, os desafios de Penélope na construção de um vínculo com o filho do primeiro casamento de César, até as incompatibilidades e sensação de deslocamento de Penélope com a família de origem de César, a rivalidade do casal quanto à educação de Luiza e as dificuldades de comunicação, como um dos pontos a serem desenvolvidos pelo casal. A importância para César de ser ouvido reapareceu nas unidades de produção 2 e 3 do DF-E, indicando um ponto crucial para o casal.

Percebe-se que as questões individuais de cada um foram destacadas no relato do casal. Talvez esse destaque se deva à intensidade do que estavam vivendo naquele momento de pandemia de covid-19. César teve sua rotina completamente alterada. Pela primeira vez, estava sem emprego fixo, com poucas aulas particulares, enlutado pela recente morte da avó materna, tratando psiquiátrica e psicologicamente de um transtorno depressivo. Penélope também estava em tratamento de depressão que havia começado no pós-parto e que só foi percebida um tempo depois. As questões de confiança, decorrentes

das traumáticas experiências de sua infância e adolescência, apareceram na entrevista e no DF-E.

Como alguns casais, a pandemia aproximou César e Penélope e permitiu experiências inéditas na vida de ambos. Com o aumento do trabalho de Penélope e a demissão de César, eles inverteram os papéis de provedora e maior cuidador do lar e dos filhos sem muitos conflitos. César é um homem que já gostava de cuidar da casa e dos filhos, o que complementa a competência de Penélope em assumir quase completamente o sustento da família, inclusive da escola de Tadeu. Um foi para o outro um apoio emocional e concreto para ajudar a atravessar os desafios daquele momento.

O aumento das responsabilidades de Penélope apareceu como sobrecarga na UP 3, pois, apesar de ter conhecimento e recursos emocionais, sente-se sozinha para ajudar o marido e a si mesma frente às demandas existentes. Pode ainda estar havendo uma repetição da experiência de sua mãe, que também ficou sozinha com dois filhos frente a um homem adoecido, sobrepondo-se pai e marido como homens com quem ela não pode contar. Talvez a busca de ajuda e de mais recursos tenha sido o motivo de ela ter se interessado em participar dessa pesquisa.

Na última UP, apesar de César e Penélope comporem o desenho da própria família com os mesmos elementos, eles se apresentaram de forma diferente. No desenho de César, as pessoas e os cachorros estão de mãos dadas, representando contato entre eles, além do uso de cores e detalhes trazendo uma força vital e individualização de cada membro. No desenho de Penélope, todos estavam com as mãos para trás e não há mais cor, o que poderia indicar a dificuldade de contato de Penélope, que também apareceu nas unidades anteriores, revelando obstáculos no estabelecimento de vínculos. Na narrativa, Penélope trouxe sentimentos ambivalentes de agitação e alegria em relação à união da família.

6.3 Casal 3: Lita e Pablo

6.3.1 História do casal

Pablo (50) e Lita (52) estavam juntos há 30 anos e, apesar de nunca terem oficializado a união, consideraram estar em união estável. O casamento de Pablo e Lita foi o primeiro de ambos. Pablo e Lita tinham dois filhos com idades de 22 e 26 anos. Antônio é o mais velho e Melissa, a mais nova. Antônio estava fazendo faculdade na área de exatas em uma universidade pública, mas já mudou de curso várias vezes. Melissa ainda não havia prestado vestibular. Ela estava trabalhando em uma empresa e estava muito comprometida com o trabalho.

Pablo e Lita tinham uma amiga em comum que os apresentou. Pablo contou os detalhes desse primeiro encontro. Já no primeiro encontro, gostaram um do outro. Ambos tinham terminado recentemente um longo namoro anterior. Lita afirmou que isso os ajudou a saber o que queriam. Um mês depois que se conheceram, começaram a namorar. Em um ano e pouco de relacionamento, descobriram que estavam grávidos. Ele tinha 24 anos e ela, 26, quando Antônio nasceu.

A gravidez não planejada foi recebida de forma diferente pelas famílias de origem do casal. Para a família de Lita, foi um choque. Eles eram muito católicos e uma gravidez antes do casamento levou um tempo para ser aceita. A mãe foi mais acolhedora que o pai de Lita. Ele só superou totalmente a surpresa da gravidez quando Antônio nasceu e veio com algumas semelhanças físicas com o avô materno. Lita relatou muito sofrimento com a reação de sua família, mas, ao mesmo tempo, nunca se sentiu rejeitada. Por outro lado, a mãe de Pablo os apoiou em tudo, inclusive dando uma festa para comemorem a notícia da chegada do neto. Os pais de Pablo não eram pessoas religiosas. Pablo morava com o irmão e ambos ainda cursavam a faculdade. O casal começou a vida conjugal morando com o irmão de Pablo no apartamento sustentado pela mãe de Pablo. Depois de um ano, conseguiram mudar para um apartamento só deles.

O primeiro curso de Pablo foi um curso técnico que ele não concluiu. Depois de um tempo, fez graduação em música, tendo trabalhado até 2019 na área, em diferentes instituições. Ainda chegou a dar algumas aulas particulares de música, mas atualmente dedica-se à profissão de artista plástico. Pablo disse não estar ganhando nada naquele momento, indicando um descontentamento com essa situação. Em muitos momentos, ele atacou a própria vulnerabilidade ou fragilidade, apontando questões relacionadas à autoestima.

Pablo conseguiu se formar antes de Lita. Ele já começou a trabalhar como músico desde a faculdade. Nesse período, Pablo conseguia prover a família, pois conseguia conciliar vários trabalhos. Lita estava estagiando em um escritório de arquitetura e pediu demissão por estar muito cansada da rotina: faculdade, estágio e gravidez. Para não ficar sem renda, Lita começou a fazer pães, que eram vendidos por Pablo nos teatros e festas em que ele trabalhava.

Quando Antônio tinha um ano e pouco, ele começou a frequentar a creche para que Lita voltasse a trabalhar. Apesar das dificuldades enfrentadas na volta ao trabalho, eles resolveram ter o segundo filho, quando Antônio tinha 3 anos. Após o nascimento da filha, Lita parou de trabalhar fora de casa e tentou conciliar o cuidado com os filhos e o trabalho autônomo. Ela foi contratada como prestadora de serviços pelo próprio escritório onde havia sido funcionária.

A filha mais nova tinha por volta de 5 anos, quando Lita abriu sua empresa com a amiga que os apresentou. Ela continuava trabalhando em casa, mas agora buscando seus próprios clientes. O trabalho em casa trazido pela pandemia para algumas famílias já era a modalidade de trabalho de Lita há mais de 20 anos.

Em determinado momento, o casal tentou montar um escritório juntos. Ele recebia as noivas que contratavam os músicos para casamentos e ela, os clientes do escritório. Não foi uma boa experiência para os dois. O custo financeiro ficou alto e eles fecharam o espaço e voltaram a trabalhar de casa.

O casal contou com alegria sobre essa fase da vida quando estavam educando os filhos, trabalhando bastante e se ajudavam muito, apesar das dificuldades que sempre existiram na vida deles.

Como o trabalho de Pablo tinha muitos deslocamentos entre capital e interior e Lita trabalhava *home-office*, ela sempre foi mais responsável pela rotina das crianças e da casa e, só em poucas ocasiões, tiveram uma funcionária para ajudar com os afazeres domésticos.

Pablo chegou a ser funcionário concursado de uma orquestra e deu aula no centro de música. Ele contou em detalhes suas peripécias para conciliar trabalhos. Ao contar, parecia lembrar de uma fase promissora de sua carreira que pertence ao passado, talvez em uma tentativa de relembrar a potência que já tivera.

Por volta de 5 anos atrás, Pablo pediu demissão das orquestras em que tocava porque estava cansado desse tipo de trabalho. Planejou viver das aulas particulares e dos cachês de eventos para os quais era chamado. O novo trabalho como artista plástico começou há três anos, mas foi muito impactado pela pandemia. Eles estavam preparando uma exposição quando a pandemia começou. Ao falar desse novo trabalho, Pablo contou dos materiais utilizados e de que como tudo era feito. Ele pareceu ser um profissional dedicado ao seu ofício, mas, ao mesmo tempo, ele vivia muitas dificuldades financeiras. Destacou, contudo, nunca ter se dedicado ao máximo em nenhuma das profissões.

Entre a vida de músico e de artista plástico, Pablo tentou trabalhar com agricultura de produtos orgânicos. Por um ano e meio, ele e uma sócia vendiam os produtos orgânicos para escolas de regiões próximas ao sítio da mãe de Pablo, que, nesse interim, havia adoecido, deixado de morar no sítio e voltado a morar com Lita. Foi nesse período no sítio que Pablo se aproximou do vizinho, um artista plástico conceituado, com quem começou a ter aulas. Após algum tempo, eles montaram juntos um ateliê no sítio e eles estavam preparando uma exposição. Devido à pandemia, muitas das galerias foram fechadas, e a exposição deles foi cancelada. Ainda no período de isolamento, o professor de Pablo teve problemas familiares e não podia mais morar no sítio dele. À época da entrevista, Pablo havia emprestado o seu sítio para seu professor e vizinho, perdendo a possibilidade de usar o próprio sítio na pandemia e até mesmo como uma fonte de rendimento, visto que o imóvel poderia ser alugado.

Para Pablo, a arte dependia muito do presencial, do contato, da conversa. Até a data da entrevista, ele não havia conseguido exercer seu trabalho de forma remota, como alguns colegas dele fizeram. Lita sorriu ao ouvir o marido e, ao ser perguntada por que sorria, falou do orgulho do trabalho dele e que gostaria de se envolver mais na parte de venda desse trabalho. Percebeu-se uma nostalgia em relação à parceria de trabalho que já houve entre o casal ou um resgate da admiração por ele, uma vez que ela afirmou que ele diz estar bem, mas que ela sabia que ele estava angustiado com a situação em que se encontrava depois do adoecimento e da morte da sua mãe.

Lita demonstrou sua preocupação em ajudar o marido a vender suas peças, mas se justificou dizendo que estava sem tempo para ajudá-lo. Para a área de construção em que Lita atua, a pandemia trouxe muito trabalho. Pablo afirma que ela trabalha muito mais que seis horas por dia, como ela havia dito, pois, além dos trabalhos remunerados, fazia

trabalhos voluntários para instituições diferentes. Pablo chamou atenção para o uso do tempo de trabalho da esposa. Talvez um pedido discreto e subentendido de que, se ela focasse menos nos trabalhos voluntários, ela poderia ganhar mais.

Grande parte da potência de Pablo parece ter ficado no passado. A iniciativa da esposa de participar da pesquisa pode ser vista como uma tentativa de mobilizar o casal e ela confirmou isso no início do encontro individual. Pablo afirma não ser uma pessoa que gostaria de trabalhar de maneira excessiva. Afirmou se permitir descansar e apreciar o ócio, além de gostar de variar as atividades. Contou que, na época em que era músico, alguns colegas estudavam mais de seis horas por dia. Para ele, de duas a três horas era seu tempo limite.

Ao serem perguntados sobre quais motivos atribuiriam à escolha do parceiro, Pablo afirmou ser os olhos e o sorriso de Lita. Ela disse que a relação dele com a arte, com a música sempre a encantou. Pablo brincou dizendo que havia sido escolhido, fígado e que não havia como escapar, mas que nem havia tentado. O amor de Lita pela música veio do seu avô materno, que gostava de música erudita e ela o acompanhava nos concertos.

6.3.2 Famílias de origem

Pablo iniciou a entrevista, antes da primeira pergunta ser feita pela pesquisadora, contando que, em sua família de origem, sua mãe sempre foi a maior provedora da família. Ele disse que quis trazer o assunto para não esquecer, porque não sabia se seria perguntado e se seria relevante. Pareceu que o tema já o havia mobilizado antes mesmo do nosso encontro para a entrevista. A entrevista o fez revisitar sua relação com a mãe e a falta que ela estava fazendo.

Os pais de Pablo se separaram quando ele era criança. Nessa fase, seu pai estava desempregado e não deu pensão por alguns anos. Ele retomou o pagamento da pensão quando voltou a ter emprego, ficando a cargo da mãe de Pablo, que sempre teve rendimentos maiores e mais estáveis que o pai, uma maior responsabilidade em relação aos filhos.

Pablo tem três irmãos: um do casamento de seus pais e outros dois do segundo casamento do pai. A mãe de Pablo era professora universitária e faleceu em 2019, em consequência de câncer. O pai de Pablo faleceu quando ele tinha 15 anos. Ele era formado

em direito, mas trabalhava como professor em cursinho e era também funcionário público do governo federal. Pablo, como o pai, exerceu mais de uma profissão. Os pais não chegaram a se separar oficialmente; quando ele faleceu, a mãe de Pablo ficou como a viúva oficial do ex-marido.

Para Pablo, ter uma mãe provedora é algo familiar. Sua mãe sempre ajudou a ele e a seu irmão em todos os momentos da vida. A mãe de Pablo ficou doente por 13 anos. Nos últimos três anos em que estava viva, Pablo deixou de trabalhar para cuidar dela. Pablo relatou sentimentos ambivalentes em relação a ter parado de trabalhar para cuidar da mãe: uma forma de gratidão e, ao mesmo tempo, voltou a depender completamente dos recursos financeiros dela. Para Lita, a sogra tinha mesmo esse perfil de provedora, chefe de família e, conseqüentemente, era uma pessoa que gostava de ditar as regras. Apesar de eles serem adultos, sempre falavam sim para ela.

Lita tem 52 anos e veio de uma família de quatro irmãos, em que ela é a mais velha. Os cinco – duas mulheres e três homens – são do mesmo casamento. Os pais de Lita são casados ainda e, naquele ano das entrevistas, fariam 55 anos de casados. Lita tem formação em arquitetura e trabalha de forma autônoma. Seus pais sempre trabalharam. Sua mãe foi professora de educação infantil. O pai foi bibliotecário de formação, mas trabalhava com almoxarifado de empresas públicas e privadas. Ambos estavam aposentados.

A mãe de Lita sempre a alertava sobre o tempo que ela gastava fora de casa e lhe recomendava que ela cuidasse mais de Pablo. Lita respondeu que os tempos são outros, que Pablo tinha as coisas dele, que ele se virava. Como Pablo, a mãe de Lita pedia para que ela prestasse atenção ao tempo que dedicava ao voluntariado e ao tempo que dedicava à família. A mãe de Lita também tinha maiores rendimentos do que seu pai. Ela demonstrava preocupação em não constranger o pai de Lita por sua posição de maior provedora. Ela contava isso para as filhas em segredo, mas pedia que elas não comentassem com o pai esse assunto. Lita disse desconhecer o que seu pai pensava dessa situação porque nunca falou com ele sobre isso, cumprindo as recomendações da sua mãe. Diferente de Lita e Pablo, os pais de Lita sempre tiveram contas conjuntas e o pai era o responsável por administrar o financeiro da família.

6.3.3 Pandemia de covid-19

A pandemia de covid-19 trouxe muitas mudanças para o casal. A maior delas é que eles voltaram a morar juntos todos os dias na mesma casa. Já há alguns anos, antes da pandemia, Pablo passava a semana no sítio e voltava para casa nos fins de semana. Acabavam por ficar pouco tempo juntos mesmo no fim de semana, porque Lita tinha compromisso dos trabalhos voluntários.

Outro impacto na vida de Pablo e Lita trazido pela pandemia foi a interrupção da carreira de artista plástico de Pablo e consequente paralisação de seus rendimentos com a venda de suas peças. Pablo também perdeu alguns alunos de música, porque ele não conseguiu levar as aulas para o ambiente virtual e eles não puderam continuar, por causa do isolamento.

Lita relatou que, quando Pablo passou a ficar durante a semana no sítio, foi aberto um espaço para ela na casa para que pudesse comer o que gostava e como gostava. Pablo era o que sempre cozinhava porque os filhos gostavam mais da comida dele do que da dela. Ela disse que havia desistido de cozinhar. Lita gostou de ficar sozinha porque pode fazer tudo do jeito dela, cozinhar, dormir no horário de que gostava. Quando começou a pandemia, ela teve medo de que talvez eles não se adaptassem a morar juntos de novo. Para surpresa de Lita, se adaptaram. Essa reaproximação trouxe limite para as horas de trabalho de Lita, que sempre trabalhava até tarde quando estava sozinha. O casal criou também o hábito de assistir a filmes e séries juntos durante a pandemia.

A convivência com os filhos também ficou diminuída com a pandemia. Antônio morava em outra cidade e vinha pouco ver os pais e Melissa passou a ficar quase todo o tempo na casa do namorado por ser mais próximo do trabalho dela. Pablo gostava quando a filha trazia a roupa para lavar em casa ou quando ele podia dar uma carona para ela até o trabalho. Tanto em relação aos filhos como em relação à esposa, foi no relato de Pablo que apareceu a falta que ele sente da convivência com eles, provavelmente fruto do seu afastamento para cuidar da mãe enferma e para a realização de projetos profissionais.

6.3.4 Vida financeira do casal

O casal nunca administrou as contas juntos nem conseguia falar sobre o assunto. Pablo contou que tentaram fazer isso por um tempo, mas, como Lita se atrapalhava demais, ele preferiu não misturar para não brigarem. Eles dividiram algumas contas entre

eles e não tocaram mais no assunto. No momento da entrevista, a situação estava crítica. Lita estava ganhando mais que Pablo, contudo não sabia gerenciar os gastos. Pablo não se sentia no direito de interferir no que ela ganhava por não estar contribuindo financeiramente.

Enquanto a mãe de Pablo estava viva, eles nunca tiveram problemas financeiros porque ela sempre os ajudava. Apesar de não lhes faltar nada, Lita disse perceber Pablo se sentindo inútil e incomodado ao receber o dinheiro da mãe. Ele concordou com a percepção dela e falou que talvez por isso tenha começado a nova profissão de artista plástico. Ele queria algo concreto que pudesse ser vendido. Ao serem perguntados como estariam vivendo após a morte da mãe de Pablo, ele diz que estavam sobrevivendo, não vivendo. Lita imediatamente complementou assumindo que gerenciava muito mal seus recebimentos. Ela disse gastar muito com cursos e presentes e que, quando era o Pablo que estava gerenciando os gastos da família, as contas estavam mais organizadas. O gerenciamento de Pablo terminou com a interrupção da ajuda de sua mãe, revelando uma parceria frágil entre ele e Lita.

Pela primeira vez, o casal estava com algumas contas da casa em aberto. Apesar da grande dificuldade, o casal não conseguia conversar e mudar comportamentos. Lita expressou sofrer por ter de gerenciar as despesas da família. Ela continuava a gastar com cursos e presentes e não conseguia pedir ajuda de Pablo ou de outra pessoa. Pablo tentou resolver as questões financeiras pedindo para os amigos comprarem seu trabalho, ao que eles atenderam prontamente. Contudo parte do dinheiro das vendas foi usada com materiais e para montar outro ateliê na casa de Pablo. Diante da pergunta se Pablo poderia ajudá-la com o gerenciamento, Lita respondeu que não e que gostaria de aprender a fazer essa administração sozinha.

Pablo sempre foi o responsável pelas compras e manutenção da casa. No momento da entrevista, ele estava sem receber nenhum recurso financeiro e não se sentia à vontade para perguntar à Lita como ela gastava o dinheiro que ela ganhava. Ele já intuía que ela continuava gastando com cursos e presentes para os amigos, não conseguindo priorizar contas da casa e da família. A opção dele era de não falar para não entrar em conflito e para não se confrontar com o incômodo de não poder contribuir. Ele comentou que ela poderia usar o dinheiro como quisesse, mas que ele achava que isso seria um problema no futuro. Pablo falou do dinheiro de Lita como se eles não fossem um casal e, ao mesmo

tempo, pareceu depositar somente em Lita uma responsabilidade que é de ambos, provavelmente devido à impotência que estava sentindo naquele momento.

Pablo afirmou que sua mulher ganhava relativamente bem, mas que ele não entendia como os recursos eram distribuídos. A sensação dele é que o dinheiro sumia. Ele falou de se sentir um pouco culpado, pois ele também escolheu gastar o dinheiro que ganhou montando um novo ateliê, sendo que já tinha um montado no sítio. Ele afirmou querer voltar a trabalhar no sítio, mas parecia não se sentir seguro para retomar a rotina de antes da pandemia. Isso pode ser atribuído a questões concretas como ele ter montado um novo atelier em casa, o carro da família, que não estava em bom estado, e as questões emocionais de Pablo, como o medo de se contaminar, que ainda era forte, apesar de já ter tomado a primeira dose da vacina. A reaproximação com a esposa e o resgate de um convívio prazeroso entre eles também pode ser uma das razões da dificuldade de retomar seu trabalho no sítio.

Lita comentou que, como Pablo não interferia em suas escolhas, especialmente as atividades do voluntariado, ela também não opinou sobre ele usar o dinheiro que ganhou em um momento de dificuldades financeiras da família para comprar materiais para o seu novo trabalho. A individualidade de cada um foi priorizada em lugar da conjugalidade e da parentalidade, e pareciam ter dificuldades de mostrar seus limites um para o outro.

Somente depois da morte da mãe de Pablo, ele pediu para cada um dos filhos adultos, que já trabalhavam, pagarem a parte deles na conta familiar de celular que sempre havia sido paga inteiramente por Pablo.

As maiores aquisições feitas pelo casal foram presentes da mãe de Pablo. Logo, eles nunca haviam tido de tomar uma decisão financeira importante juntos. Tanto os imóveis quanto os carros que já tiveram e têm foram comprados pela mãe de Pablo. Em relação aos imóveis, Pablo participou também da decisão. O valor do carro, cor, modelo eram escolhidos pela sogra. Lita sentia-se fora do processo. Até mesmo quando Pablo decidiu morar e trabalhar no sítio durante a semana, ela voltou a usar o transporte público e ele ficou com o carro.

Depois de 30 anos juntos, Lita e Pablo estavam vivendo uma mudança de papel para ambos. No modelo anterior, Pablo era o maior provedor e responsável pela casa com a ajuda de sua mãe e Lita gerenciava seu dinheiro com despesas mais pessoais do que as

que diziam respeito à família. Faz dois anos e meio, com a morte da mãe de Pablo, que surgiu a necessidade de o casal criar uma forma de se organizar financeiramente. Lita estava aprendendo sobre a função de maior provedora em que foi colocada e Pablo sentia-se como um observador passivo de todo o processo do casal.

6.3.5 Momentos de crise vividos pelo casal

O casal contou que nunca teve muitas discussões e crises. Pablo destacou que, no período em que ele passava toda a semana no sítio, sentiu que eles estavam distantes. Lita disse que achou bom esse período porque ele voltava com muitas saudades. Aqui encontramos percepções diferentes de cada um sobre como o casal estava. Ele sentia que estavam distantes um do outro e ela disse que a distância possibilitou que ele voltasse com saudades.

O adoecimento da mãe de Pablo por 13 anos trouxe muitas mudanças e desafios para a relação dele e Lita, mas não são reconhecidas como um conflito entre eles. Nos últimos anos da doença da mãe de Pablo, ele pediu demissão do emprego de músico de uma orquestra para ser o principal cuidador da mãe. Ele esteve com ela em todas as internações e passou a morar com ela em seus últimos meses de vida. Em um primeiro momento, haviam preparado um quarto da casa de Pablo e Lita para receber a mãe enferma. Um pouco antes disso acontecer, a mãe de Pablo decidiu continuar morando na sua própria casa. Nesse período, Lita ia visitá-lo na casa da sogra, que ficava bem próxima à casa do casal.

Pablo disse que nunca havia falado em separação. Lita discorda e diz que, em alguns momentos, ele ameaçava que iria embora, mas que ela sempre tentava apaziguar a situação e o convidava a pensar positivamente em relação ao problema que estavam vivendo. De maneira geral, eles afirmaram não gostar de conflitos.

Lita afirmou que eles não passaram por muitos conflitos porque ela costumava ser conciliadora. Ela muitas vezes percebeu que Pablo estava angustiado por não estar podendo contribuir financeiramente para o sustento da casa. Quanto ao problema da falta de manutenção do carro, Lita disse acreditar em boas energias que ela mentaliza e no final apareceria um trabalho para que pudessem consertar o carro. Disse ainda que não gosta de falar diretamente do problema, prefere dar voltas para não doer. Pablo contou que prefere falar diretamente e de forma sincera.

Lita reclamou da divisão das tarefas de casa com Pablo. Geralmente ele cozinhava e lavava metade da louça. Todas as demais tarefas eram responsabilidade de Lita, o que ela sentia como uma sobrecarga, já que era a que estava com mais trabalho nesse momento. A recusa de Pablo em assumir mais tarefas domésticas podia ser relacionada com a dificuldade de o casal perceber as mudanças que estavam vivendo. Foram mais de 27 anos de casados em que ele era o maior provedor e ainda podia contar com os recursos financeiros de sua família e Lita assumia grande parte das responsabilidades com os filhos e com a casa. A inversão que ocorreu após a morte da mãe de Pablo não estava sendo completamente percebida pelo casal.

Outro momento crítico relatado pelo casal foi o recém-descoberto câncer de uma das irmãs de Lita, que estava se recuperando bem.

6.3.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias

6.3.6.1 Pablo

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



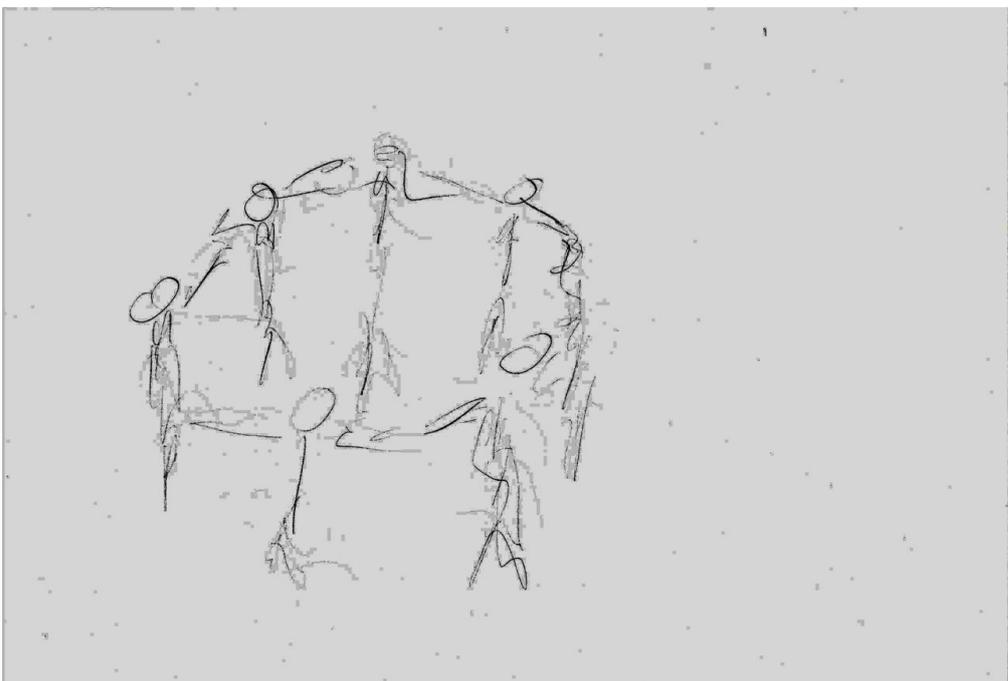
Verbalização: *Uma mãe amamentando, dois cachorrinhos e o pai olhando ali. Só para você identificar meus garranchos. São cachorros. A mãe, a cachorra lateral, tem dois cachorrinhos mamando nela. E o pai, o cachorro está só olhando assim. Aqui em frente, à esquerda, é o macho olhando. Só observando. Eu imaginei aqui ele está... enfim, que a mãe aqui está amamentando e que o cachorro está aqui protegendo o momento da amamentação aqui. A proteção da família. Bem machista, mas é isso aí mesmo. São filhotinhos de um mês de vida e estão mamando na cachorra aqui. Não pensei numa história muito elaborada. Tem que inventar uma história muito elaborada? Tem que inventar uma história? Você quer que invente? Eu só imaginei isso: uma cena de uma cachorra amamentando e o pai ali só observando, esperando e fazendo a guarda, a proteção da família. (Falou de forma irônica e rindo). Os cachorrinhos estão felizes porque estão mamando. Que gostoso o leitinho. A mamãe está toda... Olha como sou gostosa, como alimento vocês e o pai está todo orgulhoso, olha eu estou aqui olhando para vocês e protegendo vocês. É isso. Eu inventei essa história.*

Título 1: A família canina

Interpretação

Na primeira UP, Pablo parecia resistente e ansioso com a aplicação. Ele nomeou seus desenhos de garranchos de forma crítica. Os desenhos parecem rascunhos e denotam um disfarce, uma camuflagem. Parecem ser feitos para que não haja nitidez e que não se veja o que precisa ser visto. A família trazida tem uma mãe nutridora de seus filhos e que conta com o apoio de pai para proteger a família de ameaças, lembrando um modelo idealizado de família em que os papéis estão determinados tradicionalmente. A escolha da família de cachorros pode significar uma tentativa de distanciamento. Ao ser perguntado sobre os sentimentos dos cachorros, Pablo apresentou um incômodo que transformou em ironia, trazendo uma ambivalência em relação aos sentimentos de boa autoestima da mãe e de orgulho do pai. O que nos leva a pensar em agressividade ou inveja de Pablo frente à capacidade da mãe de amamentar e do pai, de proteger. O título “Família canina” foi uma descrição do desenho, revelando aspectos defensivos.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *Me veio em mente assim. Uma família numa roda, brincado de roda assim, circulando... Avô, avó, mãe, pai, filho, todo mundo. Não defini tamanho de ninguém. Só essa ideia circular. Estão num parque. Imaginei simplesmente um momento de lazer, um momento de descontração gostoso em que está todo mundo ali dançando*

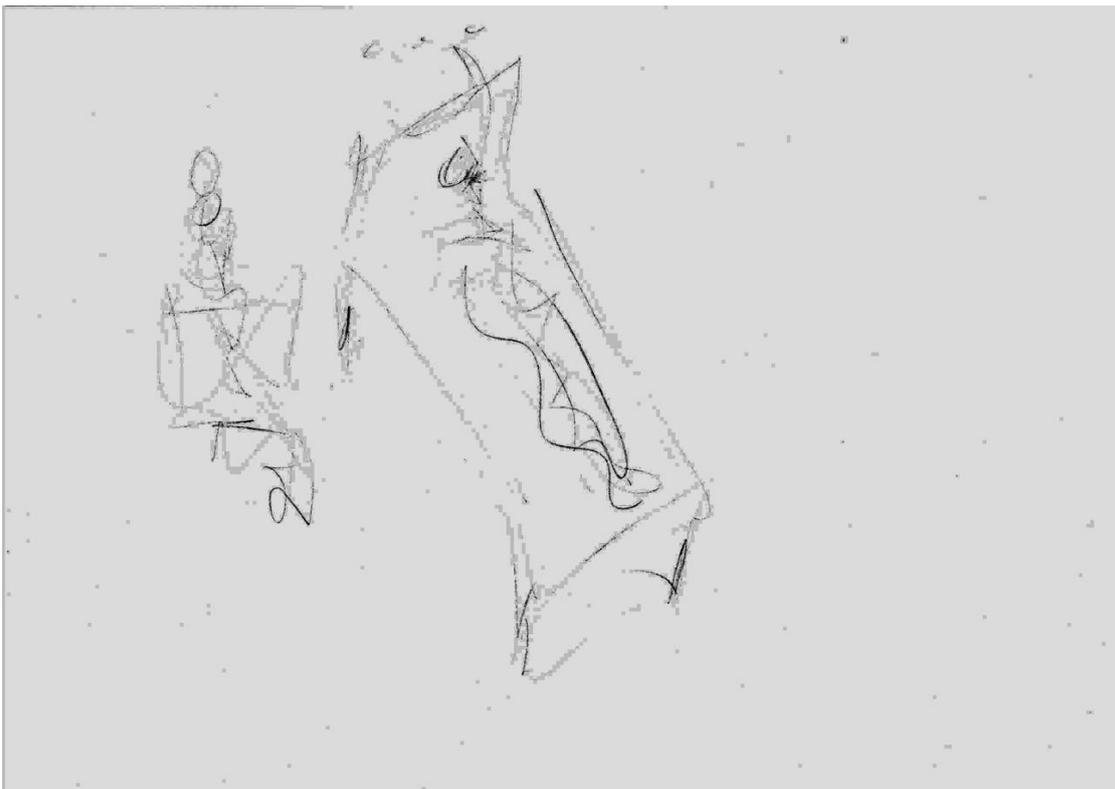
junto, fazendo uma brincadeira de roda. Não imaginei uma festa, só um momento gostoso.

Título 2: Uma ciranda familiar

Interpretação

Depois de uma forte recusa inicial para fazer o desenho, a família desenhada é uma família estendida (avós, pais e filhos) em um momento de lazer. A experiência comprovou que não existe a família ideal. Parecia que não era possível nem pensar a respeito dessa família ideal. Pablo ficou visivelmente irritado nessa UP. Elementos defensivos apareceram na não identificação de quem era quem no desenho, além de uma indiscriminação. Famílias estendidas não costumam ir a parques em dias quaisquer, mas Pablo afirmou não imaginar uma festa, só um momento gostoso. Sentimentos de descontração apareceram talvez como defesa aos conteúdos inconscientes desta e da unidade anterior. No final da narrativa, ele conseguiu imaginar uma família coesa. Pessoas em círculo poderiam indicar um desejo de união em um momento bom de alegria e prazer, mas também um fechamento.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Simplesmente eu lembrei na hora que você falou, eu lembrei: eu com a minha mãe no hospital. Que foram anos e anos, eu com ela ali, do lado dela. Ela na cama, nos aparelhos lá, sempre com oxigênio lá e eu sentado ali do lado dela, cuidando dela. A família se resumiu só a mim e a minha mãe nesse momento. Foi o que eu lembrei na hora que você falou dessa ideia de alguém da família doente. Ela ficou hospitalizada muito tempo, foram várias idas e vindas. Porque ela teve o primeiro tumor, ela fez a cirurgia, ela fez aquela traqueostomia total, aí o pós-cirurgia, ela já ficou um tempão até recuperar, quase dois meses. Aí depois saiu e teve várias complicações que ela teve que ir e voltar, ir e voltar e ficava um mês, dois meses, saía e voltava de novo, até o fim da vida que ela também ficou um mês internada até falecer. Aqui eu imaginei no hospital mesmo. Que era o mais recorrente de ficar com ela. É a lembrança mais triste que eu tenho de ficar no hospital mesmo com ela, a acompanhando as várias vezes.*

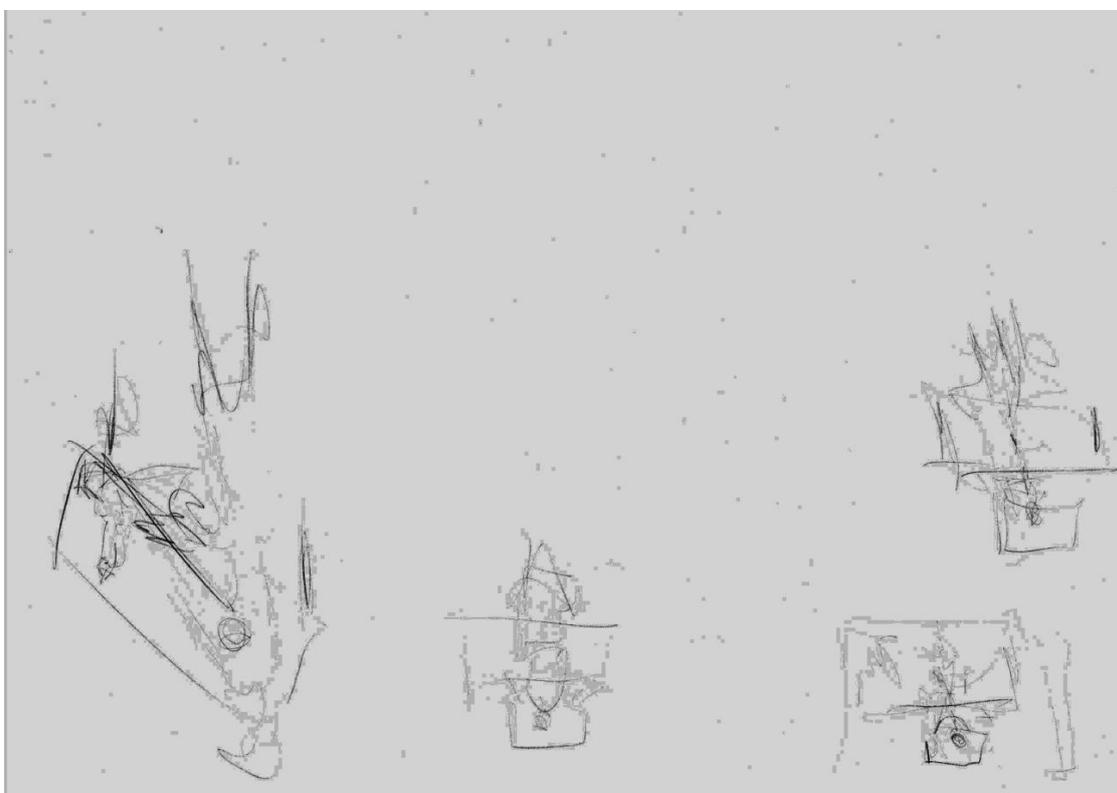
Título 3: Mãe e filho no hospital

Interpretação

Pablo não conseguiu imaginar uma história e trouxe a história real do seu trauma nessa UP. Ele utilizou o desenho para contar como foram difíceis os anos em que cuidou de sua mãe doente, virando quase que exclusivamente o filho cuidador. Cabe destacar a

presença de apenas ele e a mãe no desenho, mostrando uma forte ligação com ela. Como nas unidades anteriores, os desenhos parecem rascunhos indiscriminados. Percebe-se que existe um luto da mãe a ser elaborado. Ele trouxe uma lembrança traumática de viver o adoecimento da mãe que o amamentava. A pessoa que não está bem parece ser o próprio Pablo depois do acompanhamento da doença e da perda de sua mãe e das instabilidades da vida profissional decorrentes de suas escolhas e da ausência da ajuda financeira da mãe.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *É assim... Eu imaginei na verdade cada um no seu canto de trabalho assim. Eu aqui nessa mesa mexendo nas coisas que eu estou fazendo. Esse segundo desenho é a Lita no computador. Ela está sempre no computador fazendo os trabalhos dela de arquitetura e lá longe, em cima, é o meu filho, que agora mora longe em outra cidade, mas também vive no computador, trabalha no computador. E minha filha também, que agora está trabalhando numa fábrica, e na fábrica ela também vive meio que no computador, que é a maioria dos trabalhos dela. Eu os coloquei meio distantes por conta disso, deles estarem cada um num lugar, meu filho bem longe, trabalhando.*

Minha filha relativamente longe, mas também trabalhando, e eu e a Lita aqui em casa, trabalhando em casa mesmo. Ela, no computador e eu, no meu canto trabalhando. Então foi isso que eu imaginei nesse momento que eu estou vivendo, da família está só nessa ideia de trabalho, cada um num canto. É até meio triste, mas é isso que a gente está vivendo atualmente. A gente quase não está tendo reuniões familiares e a gente só tem trabalhado muito, cada um no seu canto, fazendo suas tarefas, suas coisas. Essa é a rotina que eu tenho visto mais recentemente assim. Tentei descrever um pouco isso na minha família hoje. Assim que eu estou vendo a minha família hoje: cada um num canto trabalhando. Distantes uns dos outros. Eles também não estão muito felizes, não. Não só por conta necessariamente do lance da distância da família, mas ... enfim da vida monótona que a gente vem levando de certa forma por conta da pandemia e desse isolamento que a gente está tendo nesse momento. A gente acaba praticamente não se reunindo. É muito raro acontecer. Enfim, cada um num canto. Isso já estava acontecendo um pouco antes da pandemia. Talvez eu ficasse mais distante porque eu ficava no sítio, como eu te falei antes. Eu ficava um pouco mais distante, mas aí quando eu vinha para cá, a gente se via mais, acabava se forçando pelo menos a estar junto, de estar junto em alguma festa, uma reunião, se reunir um pouco. Mas, nesses últimos dois anos, eu vi meu filho uma vez apenas, que nós fomos na cidade dele visitá-lo, senão nós nem o teríamos visto. Foi na mudança dele definitiva para lá. Nós fomos levar algumas coisas dele pessoais. E a minha filha, eu tenho visto mais por que ela está aqui, eu acabo dando carona, levando para o trabalho, indo e vindo. É até uma maneira de eu me forçar a estar um pouco com ela. Na verdade, eu fiz isso de propósito, não só para evitar que ela ficasse pegando ônibus durante a pandemia, mas também para estar próximo mesmo. E agora eu estou nesse momento que eu vou começar a me afastar de novo porque a minha ideia é começar a voltar para o sítio para trabalhar lá. Eu estou trabalhando aqui, mas tem alguns inconvenientes porque eu faço barulho, sujeira. Felizmente eu estou sem vizinho aqui do lado, se tivesse eu já teria tido problema porque eu sou muito barulhento, eu mexo bastante com ferramenta, assim. Faço bastante barulho e, quando faz fundição, tem uma certa poluição. Na hora que eu derreto o ferro sempre faz alguma fumaça, sujeira, barulho.

Título 4: Minha família nos tempos de pandemia

Interpretação

Nessa UP, houve mais verbalização espontânea na história e no inquérito, indicando que ele conseguiu se reorganizar depois da angústia das primeiras UP. Aqui aparece uma percepção por meio do desenho e da estória do grau de isolamento da sua família. Todos estão envolvidos com os próprios trabalhos e com pouco contato entre si. Aparecem sentimentos de tristeza e tédio. Como na unidade anterior, Pablo conta uma história muito próxima da realidade que está vivendo, indicando que a capacidade de sonhar e fantasiar estava comprometida. A família que ele trouxe nessa unidade foi oposta à família ideal na UP 2. Cada um no seu quadrado, como se não houvesse elos entre eles. Ele parecia ser o que estava mais livre por não estar preso ao computador. Percebe-se uma ameaça de manter o espaço criativo dele que era alimentado pela mãe da UP 1, sem ter um contexto protegido. Ele encontrou essa proteção no sítio que a mãe lhe deixou, revelando um desejo de reencontrar o colo materno e uma não aceitação da perda da mãe.

6.3.6.2 Lita

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer

Verbalização: *Uma história? Era uma vez um espaço vazio que foi sendo preenchido por pessoas. Primeiro chegaram... Pode dar nome? Primeiro chegaram a Lita e o Pablo e ficaram bem pertinho da árvore, nesse espaço. E, de lá, foram chegando, primeiro o Antônio e depois a Melissa, mas não bastavam só os quatro. Então começaram a aparecer outros animais. Primeiro apareceu a gatinha, trazida pelo Antônio. Depois apareceu a cachorrinha Chia, adotada pela Melissa, e, por fim, foi adotado o Zito, pelo Pablo. E aí formou-se. Onde é esse espaço? Na verdade, eu vejo um campo aberto. Não tem um espaço definido. Eles estão só observando o espaço e se observando. Estão sentindo calor, mas ao mesmo tempo um vazio. Tudo um pouco monótono. Essa sensação de calor, de aconchego, mas sem completar inteiramente. Os animais... para eles, o aconchego é suficiente. Eles se bastam. Os três se bastam. O aconchego nosso. Estar perto da gente. O calor de estar por perto. É... (pausa). Eu acho que talvez mais a Lita e a Melissa. O Antônio e o Pablo não sentem esse vazio. Sentem o calor, mas não sentem o vazio. Para eles, está bom do jeito que está. Na verdade, na escolha das cores. O que*

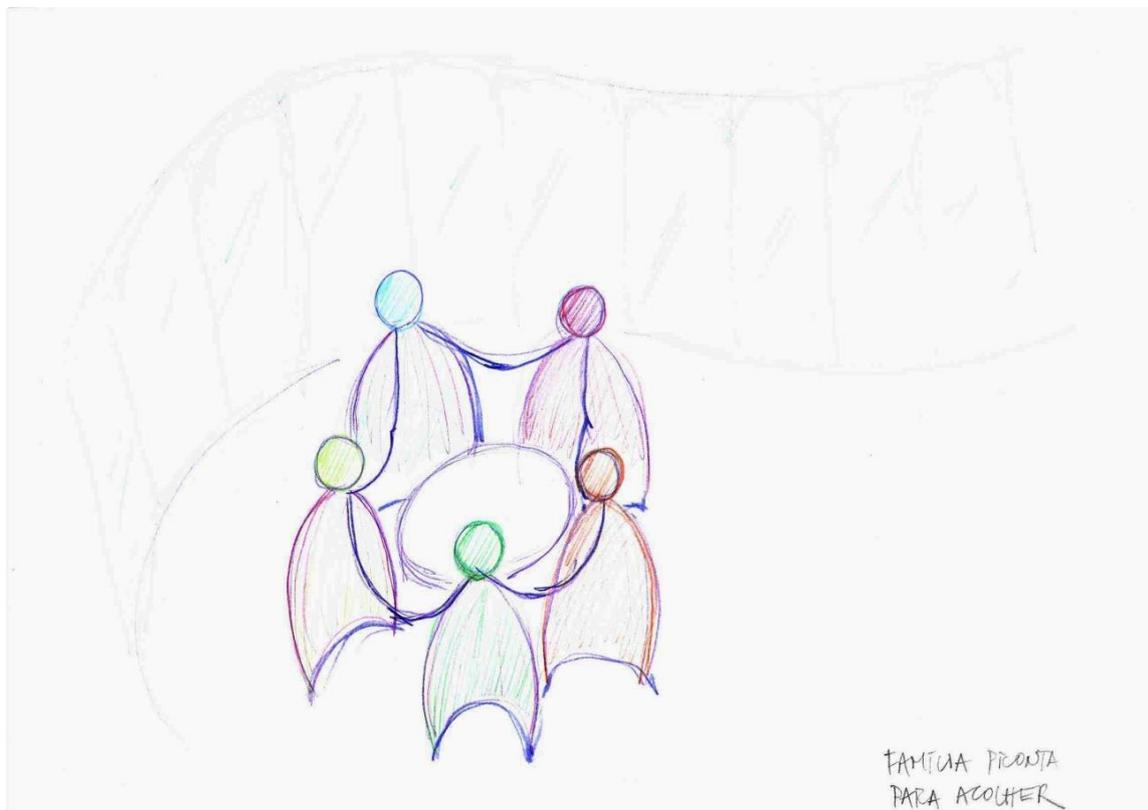
eu escolhi sem perceber. A Melissa é vermelha porque ela tem isso. Ela é sangue nos olhos. O Antônio está com verde claro. Está bem familinha. Ele é da paz. Está tudo bem com ele. Eu estou verde escuro. Talvez eu tenha mais identificação com o Antônio, e o Pablo, com a Melissa. O Pablo está laranja.

Título 1: Uma família em formação

Interpretação

Nessa UP, Lita revela sentimentos de vazio e tédio. A árvore, que pode representar segurança e proteção, todavia tem o tronco desproporcional, trazendo insegurança para a cena. A copa da árvore é uma copa esvaecida, como se fosse uma nuvem, algo etéreo. As figuras humanas estão sem rosto, sem braço, sem contato um com o outro, o que indica um distanciamento entre os membros da família. Das quatro figuras, três trazem para o espaço vazio animais de estimação que podem representar o aconchego da presença física calorosa. Lita é a única sem animal de estimação, ou seja, sem o calor do aconchego. O espaço vazio parece não ter sido preenchido pelas pessoas. Supomos que esse vazio pode ser uma falta essencial que Lita carrega. A família tal como ela apresentou não é suficiente para preencher esse vazio. Parece faltar algo mais visceral. Os animais, além do aconchego, podem representar esse visceral que está ligado aos três outros membros, exceto a Lita. Ao descrever as cores de cada um, há uma apresentação sutil da personalidade de cada um e das identificações, sendo destacada a filha Melissa com a mais intensa. O título pode representar o que Lita sente, uma vez que, após o falecimento da sogra, sua família tem começado uma nova formação, o que contrasta com o fato de a família ser composta de filhos jovens adultos que estão mais na fase de ir embora da casa dos pais, podendo também indicar um luto pela perda da família com filhos menores. Apesar de o título dar uma ideia de movimento, a narrativa é estática.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *Engraçado. Era uma vez um espaço vazio. Daí chegaram, foram chegando as pessoas. E eu não conheço as pessoas. Mas foram chegando. Quando eu comecei a desenhar, eu pensei no Pablo, em mim e três crianças. Um a mais. Mas não é necessariamente. Daí eles chegaram no espaço e foram construindo espaço, né? Eles fizeram essa parte de volta e foram construindo espaço para ficarem mais protegidos. E tinham o hábito sempre de se reunir ao redor da mesa redonda. No espírito de tábua redonda. Estão reunidos. Estão abraçados, de alguma forma se tocando. Não é uma refeição, é um momento de encontro. Quando eu fiz a mesa, eu pensei na mesa de refeição, que é uma coisa que eu gosto, mas aqui não precisaria ser uma refeição. Pode ser um momento de encontro. E não tem animais. Não precisa. Se tiver, bem; se não tiver, não faz falta. Mas é um espaço aberto, tem espaço aberto para chegar mais gente. Eles estão só se olhando. Apesar que, no outro, eles estavam olhando e observando o espaço. Aqui, não. Aqui eles estão concentrados olhando para eles mesmos. Eles sentem aquele mesmo calor que o outro... o estar junto. Mas há um sentimento de completude aqui. Eles se completam. Eu coloquei de vermelho. A de vermelho, sou eu. Que era a cor da minha filha. Eu acho que eu precisava ficar um pouco mais forte, então eu coloquei vermelho. Estava muito verdinha. E ela ficou com o laranja, ela está mais próxima quando eu*

desenhei. O Pablo, eu o coloquei de azul claro, mas daí os outros dois estão de verde escuro. Na verdade, na hora que eu desenhei, eu não pensei quem seria. Pode não ser filho. Pode ser outra pessoa que se tornou da família, outros membros. Quando fiz o espaço, fiz espaço aberto. Era para ter mais coisa do outro lado. Era para acolher. Mas eu preciso te dizer que eu sou uma péssima anfitriã. Morro. Acho muito chato quando tem que ser anfitriã, receber gente em casa. Não sou festeira. Mas... (risos). Tem alguma coisa aqui.

Título 2: Família pronta para acolher

Interpretação

Lita começou com o espaço aberto que vai sendo preenchido, como na unidade anterior. O espaço aberto contrasta com o círculo fechado e com o título: “Família pronta para acolher”, que poderia ser mais um desejo a ser realizado. O anseio podia ser não só de acolhimento, mas também de afetividade, de continência, revelando faltas pessoais e fragilidade. Ela trouxe o sentimento de completude, de encontro também, como se fosse um sonho e não uma experiência. Em parte do relato, as pessoas eram indefinidas; ao falar das cores, ela traz os integrantes da sua própria família. Esse ir e vir poderia ser compreendido como a percepção de família idealizada, e não a família real. A disponibilidade de Lita para o encontro, reuniões e festas aparece mais uma vez como um desejo, uma vez que ela afirmou não gostar de receber as pessoas. As figuras são indiscriminadas graficamente, mas as cores trouxeram especificidades. A cor vermelha, que era da filha na Unidade 1, é trazida na figura de Lita como uma representação de força. A filha é de cor laranja, mostrando maior identificação entre as mulheres. O(A) novo(a) integrante da família não foi identificado. Pode ser uma autorrepresentação de uma outra Lita idealizada ou a sogra que sempre estava com eles. A família ideal possui algo mais instintivo de acolhimento, de integração. Ao se atacar dizendo que é uma péssima anfitriã, Lita poderia revelar que não está conseguindo ser essa mulher que cuida e acolhe a todos na família. Ela se vê destituída dessa condição de unir todos os membros da família. O círculo é uma tentativa de continência, mas não tem chão, a família está solta no ar.

Unidade de Produção 3: Uma Família em que alguém não está bem



A CUBA
AGLUTINADORA

Verbalização: *Era uma vez uma família que estava num espaço e cada um num espaço. Estavam todos meio separados. Até que uma das pessoas ficou doente. Daí, com essa pessoa doente, toda a família ficou em torno dela. Colocaram ela num espaço especial e o espaço tinha a cara dela, a cor dela. Foi tudo feito para que ela ficasse bem naquele espaço. E as pessoas começaram a apoiar essa pessoa que estava doente e surgiu uma necessidade de as pessoas se apoiarem também para enfrentar esse momento. A primeira pessoa que me vem é minha sogra. Mas eu coloquei o doente em amarelo, por ser uma cor vibrante. Apesar da doença, eu acredito que a doença tem um porquê de existir. E aqui ela tem uma função de aglutinar, de trazer as pessoas para perto. Como se ela fosse luz. Estão no quarto dela ou em casa. Mas é uma coisa que é tudo amarelo. É tudo para a pessoa. Ou foi mudado ou é dela. Tipo... as pessoas que estão cuidando estão em função dessa pessoa, mesmo que a casa seja de todos. Eles estão em função da pessoa. Estão com dor, mas ao mesmo tempo tem essa coisa do calor, do se juntar por uma causa, para apoiar essa pessoa que está doente. É uma rede de apoio aqui. E não tem aquele vazio. Engraçado. Está preenchido. Tem um motivo. Tem uma causa. Que legal! Nem pensei nos animais (risos). Nem cabe animal aqui. A atenção tem que ser exclusivamente para*

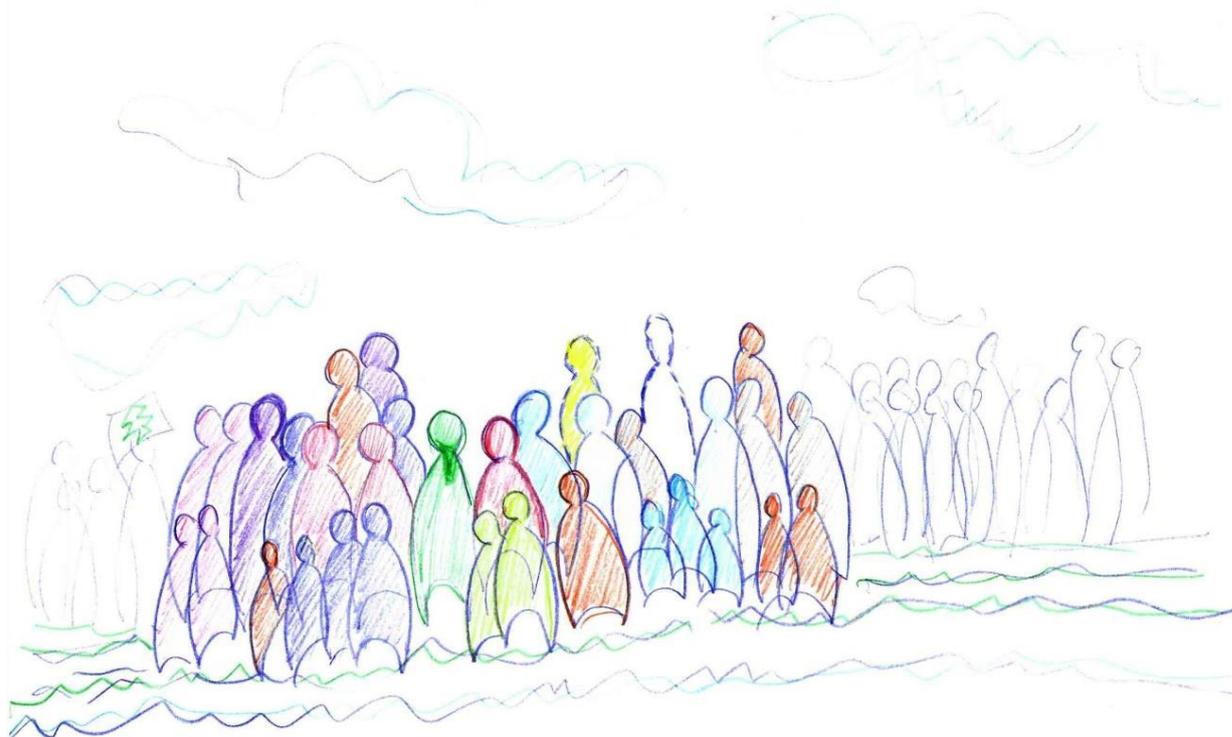
quem está lá doente. Engraçado. Eu pensei na minha sogra, mas acabou de vir também na cabeça a minha mãe, que fui acompanhá-la num exame e meu pai caiu e eu fiquei lá com os meus pais. Nem tinha pensado neles aqui. Que engraçado.

Título 3: A cura aglutinadora

Interpretação

A família que estava separada nas UP anteriores, conseguiu se unir em um momento de dor para cuidar de um dos membros. A pessoa adoecida foi a mais iluminada e dominava completamente o ambiente. Tudo deveria ser feito para ela e do jeito dela, aqui representado pela cor amarela. Vimos aqui como Lita sentia a força dominadora da sogra, antes e mesmo durante a sua doença. Na época do seu maior adoecimento, ela desistiu de ir para a casa de Pablo e Lita e preferiu ficar em sua própria casa, o que provocou um distanciamento entre o casal, porque Pablo passou a ficar mais tempo na casa da mãe do que com Lita e os filhos. O vazio desaparece com esse propósito de cuidar da sogra. Não ficou claro com quem Lita se identificava, levando a pensar em uma indiscriminação. O acolhimento desejado na UP anterior aparece aqui em torno da pessoa doente. A UP trouxe o temor da perda, da morte, da fragilidade, que pareceu ser da sogra, dos pais, mas que também poderia ser dela mesma frente aos novos desafios que estavam enfrentando como família. Quando apareceu uma doença, o afeto apareceu e o círculo familiar se fechou, tanto em torno da sogra como também na reaproximação dela e Pablo frente à pandemia de covid-19. Ela colocou a doença como algo que veio para curar e não para provocar a morte. Como se, para se curar, tivessem de adoecer. Lita relatou ser uma pessoa que tende a evitar contato com as fragilidades, os conflitos, produzindo então as defesas. Adoecer seria entrar em contato com o que realmente importa e buscar a cura, o sentido. O vazio foi preenchido pela união e cuidados frente a alguém doente. Ao perceber a iminência da perda, a família se uniu, contudo parece existir em Lita pouco envolvimento com a própria família, onde ela talvez não se sentisse tão valorizada como nos outros grupos dos quais faz parte. O vazio de alguma forma se manteve. Lita talvez precisasse entrar mais em contato com as faltas, em um espaço com continência, proximidade e afetividade para poder curar suas dores.

Unidade de Produção 4: A sua família



MINHA FAMÍLIA
QUE NÃO PARA DE CRESCER

Verbalização: *Era uma vez um campo vazio, um gramado. E chegou uma família para ocupar o espaço. E era a minha familinha: Pablo, eu e as crianças. Antônio e Melissa aqui. Eu estou de vermelho e o Pablo está de azul, bem no meio. Antônio, de verde e Melissa, de laranja. Mas estava muito vazio o espaço. Então a gente começou a chamar as pessoas próximas. O Antônio trouxe a Hilda, namorada dele. Eu trouxe os meus quatro irmãos. Tem um único que tem uma coisa que é a barba (em verde), que é um dos meus irmãos. E daí vieram os maridos das minhas irmãs, os meus três sobrinhos e a minha sobrinha, os meus pais. As minhas duas irmãs estão em vermelho, os maridos estão em azul. Tem dois sobrinhos de uma irmã e um casal de outra. Meus pais estão em cima, de laranja e roxo. Meu irmão também está de roxo. Meu irmão tem umas companheiras. Duas mulheres aqui. É que uma a gente adora, uma que tem dois filhos que a gente meio que adotou, e uma outra namorada oficial. Mas a que ele namorou, ela sempre volta. Os filhos da namorada antiga são só dela. E a menina mais velha torce para que eles voltem. Do lado direito é a família do Pablo. Trouxe o irmão dele com a esposa e os três filhos. Tem dois irmãos de azul clarinho, as duas esposas em laranjinha e a irmão caçula dele*

em laranjinha também. Daí tem os três em azul claro, são meus três sobrinhos, e as duas laranjinhas são minhas duas sobrinhas. E eu coloquei a minha sogra aqui, de amarelo pontilhada, e meu sogro, que eu não conheci, em cinzinha. E em laranja é a minha sograstra, mãe dos irmãos do Pablo. As pessoas não coloridas do lado direito... Tem muita gente da família da parte da minha mãe que a gente considera muito. A princípio, eu coloquei uma família de uma prima da minha mãe cujos filhos a gente não vê muito, mas a gente gosta de encontrar. Do lado direito... se eu for colocar, é infundável as pessoas que a gente sente próxima e a gente convidaria para uma festa. É grande. Do lado esquerdo, eu coloquei minha família de coração, até coloquei uma bandeirinha do meu grupo do bairro. Que hoje eu estou muito próxima deles. Então é uma familinha mesmo. Estão todos posando para uma foto. Não estão fazendo nada de especial. Quando eu fui colocar o fundo... é engraçado... Quando eu comecei a ambientar, que eu comecei a colocar o gramado, me pareceu água, como se eles estivessem navegando, todos juntos. Como fosse meio que uma arca de Noé. Mas, na verdade, pode ser um gramado, mas é uma coisa agitada. A gente não para tranquilamente. A vida de família é muito agitada. Nunca vai ficar todo mundo sozinho numa foto assim. Vai sempre ter um chegando, um saindo numa foto assim. Agora estou pensando em outras pessoas que poderia ter colocado. E aqui eu entendo, como família, agregados também. Aqui eu estou pensando até em parceiros. Tem um empreiteiro que é uma graça com quem eu trabalho, um senhorzinho. Eu colocaria aqui também.

Título 4: Minha família que não para de crescer

Interpretação

Na unidade anterior, Lita pareceu ter entrado em contato com as vulnerabilidades da vida: o adoecimento e morte da sogra, a saída dos filhos de casa, o envelhecimento dos seus pais, as dificuldades financeiras. Nessa unidade voltou a se defender, colocando quase todas as pessoas com quem se relaciona como família, em um movimento de evitar entrar em contato com as faltas e as responsabilidades advindas delas. A história ficou na descrição de todas as pessoas que ela desenhou em detalhes, que se uniram para tirar uma foto. Ela partiu de espaços vazios (UP1 e UP2), onde nada está acontecendo, tem apenas os cachorros com qualidades afetivas que os humanos não têm. Ela parece perdida frente ao pedido de desenhar a própria família. Houve uso de palavras diminutivas demonstrando lados mais primitivos e em busca de afetividade. Ela estava se

comunicando consigo mesma. Ela definiu quem eram todos, mas não foi possível perceber um afeto especial em alguém. O uso de diferentes cores foram tentativas de discriminações das pessoas por grupos.

6.3.7 Síntese do casal

Pablo e Lita é o casal que estava há mais tempo juntos (30 anos). Estavam numa fase da vida, com os filhos adultos saindo de casa, em que o casal costuma passar por adaptações. Durante esses 30 anos, eles viveram muitas fases. Na entrevista, ao relembrem as memórias dos anos iniciais do relacionamento, sentiram-se nostálgicos com essa boa fase da vida deles. Passaram por problemas: gravidez não planejada, término de faculdade, entrada no mercado de trabalho, educação dos filhos, entre outros. Contaram como foram companheiros e os recursos que usaram para lidar com os desafios da vida.

Desde o momento em que descobriram que estavam grávidos até a morte da mãe de Pablo, eles puderam contar com o suporte financeiro dela. Essa presença construiu uma dinâmica a três: Lita, Pablo e a mãe dele, que tomava algumas decisões sobre a família, às vezes em conjunto com Pablo ou sozinha. Lita não sentia que podia participar das deliberações sobre sua própria família e acabou desenvolvendo um papel de se adaptar ao que surgia com aparente facilidade. O adoecimento da mãe de Pablo por 13 anos também trouxe um distanciamento para o casal, visto que muitas vezes Pablo estava ausente física e emocionalmente por ter se tornado o único cuidador dela. Isso também foi encontrado no DF-E. O casal trouxe o mesmo tema na UP3: o adoecimento da mãe de Pablo. Para Lita, esse momento uniu a família e ela representou a sogra doente como alguém ainda muito iluminado, sugerindo a força que esteve presente na vida deles. Na UP3, Pablo relatou a fase em que ele e mãe doente estavam sozinhos no hospital. Apesar de a mãe/sogra ter falecido há 2 anos e 8 meses, o casal ainda demonstra estar elaborando esse luto.

Houve também repercussões psicodinâmicas para o casal. Após a morte dela, Lita passou a ser a maior provedora do casal. Observou-se que o casal ainda estava se adaptando à nova configuração familiar sem os recursos que vinham da mãe. A ausência da figura materna provedora e segura os fez perceber que estão sozinhos para lidar com as responsabilidades que nunca haviam assumido. O título (“Uma família em formação”) da UP 1 de Lita, os sentimentos de insegurança e distanciamento ilustraram o que ela

estava vivendo naquele momento em que uma nova formação familiar começara. Nas UP, Pablo se apresentou frágil e inseguro. Sua UP1 trouxe uma família de animais rascunhada, com modelo tradicional, onde o macho estava protegendo e cuidando da fêmea. Na narrativa dessa unidade, ele ironiza a proteção dada por esse pai, confirmando os sofrimentos trazidos por ele na entrevista, por não estar podendo prover e cuidar da sua família.

Quanto ao distanciamento vivido pelo casal na época em que Pablo passava a maior parte do seu tempo no sítio, eles têm percepções opostas. Pablo sentiu que eles estavam distantes. Lita disse que achou bom esse período porque ele voltava para casa com muitas saudades. Talvez ela, ficando longe dele, sentia falta de sua presença e de seus aspectos bons. Pouco mudava sua vida com a ausência de Pablo, já que cabia a ela a administração da casa, dos filhos e o provimento financeiro, além de ela poder aproveitar o tempo sozinha para ter sua rotina como gostava, o que indiretamente dizia que, quando estavam juntos, isso não era possível. Observou-se um antagonismo de percepção do casal em relação à própria família na UP4, que talvez revele a mudança do paradigma do casamento tradicional, em que o homem é provedor, para o atual, em que a mulher é provedora. Pablo aceitava a mulher provedora como filho, mas não parece ter empatia para o significado desse lugar nem para sua mãe, nem para sua esposa. Ele se mantém na posição de filho, mesmo que pareça insatisfeito.

Contudo, quando perguntados na entrevista sobre crises e conflitos, afirmaram que não tinham, o que confirmou o relato deles sobre serem um casal que evitava falar de assuntos conflitivos para não brigarem. Os resultados do DF-E ajudaram a revelar os conteúdos latentes vividos pelos membros do casal. Sentimentos de solidão e isolamento aparecem na UP 4: a própria família, em que cada um dos membros da família aparece separado um do outro.

O modelo de casal com a mulher como maior provedora estava sendo um desafio para Pablo e Lita, apesar de ambos terem mães mais provedoras do que seus pais. Pablo teve a facilidade em se apresentar como filho de uma mulher chefe de família, contudo não estava conseguindo falar com sua esposa, que se tornou maior provedora sobre as responsabilidades que achava que esse papel exigia dela. A forma como Lita gerenciava o dinheiro que ela produzia sempre incomodou Pablo, mas ele havia optado por falar o mínimo possível sobre isso. Com a nova posição de Lita e a paralisação de sua atividade

produtiva, era mister que falassem sobre isso. Segundo Lita, sua expectativa em relação à pesquisa era que ela pudesse falar com Pablo sobre a tristeza dele e sobre a divisão das tarefas domésticas que a incomodava. Pablo se limitava a cozinhar e lavar metade da louça como sempre o fizera, mostrando não ter internalizado que Lita estava trabalhado mais e que, portanto, seria natural se o contato com essa realidade não estivesse dificultado, que ele ampliasse sua participação nos cuidados com a casa. O que ele podia ver eram as deficiências de Lita no gerenciamento dos gastos, o que era real e foi confirmado por ela. Contudo, ao concordar que ele poderia ajudá-la a gerenciar o dinheiro que só ela estava ganhando, diz que a administração da conta corrente dela ficaria fora desse acordo. Isso pode ser atribuído ao fato de Lita não se sentir vinculada ao marido, que por muito tempo dedicou-se à mãe, trazendo muita desconfiança do potencial cuidado de Pablo. Lita aqui faz diferente de seu modelo familiar, em que os pais tinham uma conta conjunta, gerenciada pelo pai dela, mesmo que os rendimentos da mãe dela fossem superiores.

6.4 Casal 4: Eduardo e Mônica

6.4.1 História do casal

Ele tem 41 anos, era formado em turismo e trabalhava com eventos. Estavam juntos há 10 anos e tinham Heitor, um filho de 5 anos. Ela tem formação em artes, trabalha com consultoria de imagem e tem 44 anos. Eduardo e Mônica se conheceram durante um evento de trabalho. Quando se conheceram, Mônica tinha acabado de terminar um relacionamento; Eduardo, por sua vez, estava há um bom tempo sem ter um relacionamento e estava começando a pensar em namorar alguém. Eles foram convidados para trabalhar juntos por um colega em comum. Após alguns poucos dias de trabalho, reuniões e jantares, Mônica e Eduardo se encantaram um com outro. Às vezes, Eduardo a achava um pouco enigmática demais: parecia que queria e depois se afastava. Mônica contou que ela estava em dúvida porque ele era muito “hippie”, diferente dos homens com que ela havia se relacionado antes. Os namorados anteriores de Mônica eram bem-sucedidos financeiramente e profissionalmente. Ela tinha o mais novo celular e um bom carro que a havia salvado de um acidente de trânsito poucos dias antes de ela conhecer Eduardo, que, por sua vez, andava de bicicleta, tinha um celular muito antigo e morava de aluguel.

Alguns dias após o evento, Eduardo convidou Mônica para ir ao apartamento dele tomar um chá. Ficaram juntos pela primeira vez e ambos sentiram uma forte conexão

física e emocional. Eduardo, que já estava querendo ter um relacionamento fixo com alguém, planejou uma festa para apresentar Mônica para os amigos dele. Três dias antes da festa, Mônica falou para ele que era melhor que eles parassem de se relacionar, porque ela achava que eram muito diferentes e que não conseguia ver um futuro para eles. Eduardo ficou chateado e disse que ele os via no futuro: os dois se cruzando e ele lamentando que havia deixado passar o amor da sua vida, mas aceitou a decisão de Mônica. Eduardo manteve a festa que havia planejado para os amigos conhecerem Mônica. Seus amigos ficaram chateados por não ter dado certo, pois sabiam das qualidades pessoais de Eduardo.

Como não parava de pensar em Mônica, Eduardo voltou a procurá-la dizendo que não sabia por que ela havia terminado com ele, mas que ele continuava pensando nela. Mônica estava em um jantar com um dos seus pretendentes e respondeu que estava com saudades dele também. Sua resposta acalmou Eduardo, que percebeu que o relacionamento ainda tinha chances de continuar. O convite para uma ópera foi o ponto de inflexão para Mônica. Ela investigou os prós e contras dos homens com quem havia se relacionado e os de Eduardo e optou por viver um relacionamento em que o mais importante era o desejo dos dois de investir no relacionamento e fazer tudo que fosse necessário para ficarem bem juntos. Segundo Mônica, até mesmo quando brigavam, o faziam para acertar as arestas e conseguir permanecer juntos, o que não é muito fácil porque ambos têm personalidade forte e que, às vezes, é difícil chegar a um acordo.

Depois de decidir namorar Eduardo, Mônica saiu da casa do ex-namorado e foi morar com uma amiga. Ela já havia terminado o namoro, mas ainda dormia lá alguns dias. Ela morou com o ex-namorado que era 15 anos mais velho e com boa situação financeira. Eduardo manteve seu apartamento alugado, mas ficava mais tempo na casa dela do que na dele. Em um segundo momento, alugou sua casa para uma amiga e começaram a morar juntos. Eles consideram que já moravam juntos desde que começaram a namorar, há 10 anos. Alguns meses depois de começarem a namorar, noivaram e se casaram oficialmente em junho de 2012, um ano e meio depois do início do namoro.

Para Mônica, um dos pontos fortes do relacionamento foram os amigos do Eduardo. Sentia-se muito acolhida por eles, mesmo não tendo comparecido na festa de apresentação. Mônica morou em diferentes países devido ao trabalho da mãe dela. Ela relatou que sempre se sentiu sem turma de amigos, pois sua família mudava muito de

lugar. Eduardo nasceu e sempre morou na mesma cidade. Ele não tinha uma turma específica, fazia parte de diferentes e múltiplas turmas de amigos. Uma turma em especial era a de amigos espalhados pelo mundo que ele fez quando trabalhou por alguns anos viajando a trabalho em navios. Ele, como Mônica, conheceu vários países a trabalho e a turismo, e falava várias línguas. O casal ressaltou a importância dessa afinidade entre eles, pois muitas vezes eram julgados como arrogantes quando falavam das viagens que haviam feito e dos países que conheceram. É importante destacar a capacidade de se vincular que Eduardo tem e que apareceu nas relações construídas por ele ao longo dos anos e que foi ao encontro de faltas vivenciadas por Mônica em sua história de vida.

Eduardo sempre foi muito gentil com todos que conhecia. E não foi diferente com Mônica, que sentiu que foi sendo conquistada por ele pouco a pouco. O primeiro presente que ele deu para ela foi um bilhete único, com carga, e explicou quais os ônibus que ela poderia utilizar para ir para a casa dela e dele. Nesse momento, ela estava sem carro, pois havia sofrido um sério acidente.

Outra característica especial do marido relatada por Mônica é a capacidade de acolhimento que ele tem. Ela destacou uma fase em que o pai dela estava passando por problemas no trabalho e estava muito desgastado. Mônica foi visitá-lo para apoiá-lo e voltou muito triste com a situação. Ao voltar para casa, sentiu-se muito acolhida pelo marido.

Mônica diz ter ficado insegura ao mudar o modelo de relacionamento com homens provedores e estáveis economicamente a que estava habituada. Após conhecer Eduardo, percebeu que, juntamente com a estabilidade econômica proporcionada pelo ex-namorado, vinham críticas a sua aparência física e a desvalorização da sua profissão. Ela destacou a generosidade e capacidade de proteção e cuidado de Eduardo para com ela, com o filho e com as pessoas em geral.

Eduardo ressaltou que investiu no que ele tinha de bom para oferecer para Mônica e não se intimidou de ela vir de relacionamentos em que os aspectos financeiros eram os mais valorizados.

Para Eduardo, que estava há alguns anos sem ter um compromisso sério antes de Mônica, conhecê-la o ajudou a amadurecer em muitos aspectos, tanto no pessoal quanto

profissionalmente. Para Mônica, as surpresas em relação a Eduardo foram positivas. Ele se mostrou responsável, diferente das impressões iniciais de alguém mais alternativo.

Eduardo mostrou-se muito organizado com as finanças, com a rotina da casa (documentos, compras, compromissos, atividades com o filho), além de ser muito habilidoso com trabalhos de eletricitista, pedreiro, marceneiro. Essas características de Eduardo tornaram-se mais evidentes na relação que ele construiu com Mônica. Embora ele seja muito envolvido em tudo que faz, disse precisar se isolar em alguns momentos, o que é aceito por Mônica, que percebia seu marido maduro e preparado para as decisões.

Segundo Mônica, a postura madura de Eduardo lembrava a de seu pai e seu avô materno, homens que ela admirava por serem responsáveis e éticos. Por outro lado, ela também conviveu com o segundo marido de sua mãe, pai de sua irmã Zaz, que foi uma figura paterna muito imatura. Eduardo também valorizava as características e habilidades de Mônica. Ele contou que ela era muito eficiente em ajudar os outros a resolverem problemas, tinha muita facilidade para sugerir soluções para os amigos que a procuravam. Após algum tempo e em conversas com o marido, ela transformou isso em ajuda profissional, que se propõe a desenvolver autoestima e aperfeiçoar a autoimagem. Fazendo uma síntese de suas experiências pessoais e profissionais, ela criou um método de autoconhecimento. Muitas vezes, se entusiasmava com o trabalho e acabava trabalhando muito, o que incomodava Eduardo, que sinalizava que era importante respeitar alguns limites. Eduardo aconselhava Mônica a não ser disponível o tempo todo no seu trabalho. Ele achava que isso a desvalorizava como profissional. E ele ainda identificou em Mônica uma dificuldade de começar e terminar os trabalhos. Para Mônica, Eduardo era sua referência de alguém com uma boa autoestima e a ajudava a perceber quando estava se excedendo no trabalho.

6.4.2 Famílias de origem

Mônica e seu irmão mais novo, Gilberto, são filhos do primeiro casamento dos pais. Eles se separaram quando Mônica tinha por volta de quatro anos. Após alguns anos, os pais dela se casaram novamente e tiveram outros filhos: dois irmãos por parte de pai e uma irmã, Zaz, por parte de mãe.

Após a separação, a mãe de Mônica aceitou um trabalho em um órgão internacional que demandava que ela trabalhasse em diferentes países. Ela levou os filhos

com ela e, por 17 anos, Mônica e o irmão moraram em sete diferentes países, voltando sempre que possível para o Brasil. O trabalho de sua mãe, com todas essas mudanças, proporcionou a Mônica experiências ricas em diferentes países e mostrou a importância do trabalho em sua vida; por outro lado, os deslocamentos exigiram emocionalmente de Mônica e do irmão, que constantemente tinham de se adaptar a um novo lugar, uma nova escola, uma nova língua, novos amigos. Mônica atribuiu a sua desorganização às inúmeras mudanças pelas quais passou. Era muito difícil criar uma rotina quando em pouco tempo estava de mudança para um país diferente, uma escola nova, uma nova cultura. Todos os recursos psíquicos eram usados para se adaptar. Ao mesmo tempo, ela creditou parte do seu trabalho como consultora de imagem às experiências que teve nesses diferentes países, apesar de também concordar que, se possível, as crianças não deveriam ser expostas a esse tipo de vivência. Mônica teve um importante contraponto de estabilidade e de modelo de casal que ela admirava com seus avós maternos. Sempre que ela e o irmão mais velho voltavam das viagens com a mãe, eram acolhidos na casa dos avós, que tentavam compensar, com muito carinho e acolhimento, a instabilidade que os deslocamentos exigidos pelo trabalho da mãe traziam para a vida dos netos.

À época da entrevista, a mãe de Mônica havia fixado residência no Brasil e tinha se divorciado do seu segundo marido, que decidiu voltar a morar no exterior. Zaz veio morar na mesma cidade que Mônica, onde foi bem recebida por Eduardo, Mônica, família e amigos. Mônica pôde dar à irmã o mesmo acolhimento recebido por ela quando começou o relacionamento com Eduardo. Passados alguns anos, Zaz estava adaptada à cidade, com um bom trabalho, casada e com dois filhos. Tanto Zaz como os outros irmãos tinham em Mônica uma referência de mulher e mãe.

O pai de Mônica é formado em direito, e sempre trabalhou no setor público, e em diferentes cargos. Em 2021, ele estava trabalhando em uma fundação. Devido ao trabalho, ele já morou em diferentes cidades no Brasil, mas atualmente residia na sua cidade de origem.

Eduardo veio de uma família tradicional de classe média. Os pais de Eduardo foram casados por muitos anos, até o falecimento do pai, em 2016. Tiveram três filhos. Eduardo é o filho do meio. O pai de Eduardo faleceu um mês e meio depois do nascimento de Heitor, filho de Eduardo e Mônica. Após algum tempo de viuvez, a mãe de Eduardo

superou o luto do marido e voltou a viajar com as amigas, apesar de ter optado por continuar morando na mesma casa onde os filhos nasceram e foram educados.

Sua mãe era formada em comunicação e foi professora universitária por muitos anos. O pai dele também havia sido professor universitário, mas teve outras atividades profissionais. Chegou a ser sócio e diretor de uma grande empresa e teve uma empresa de consultoria financeira. Os pais de Eduardo tiveram algumas dificuldades financeiras ao longo da vida. Seu pai sempre foi o maior provedor, exceto em um determinado momento em que o banco, do qual era sócio, faliu. Eles haviam acabado de ter o terceiro filho e a mãe de Eduardo assumiu completamente o sustento da família com as aulas que dava. Mônica não sabia dessa história que o sogro havia sido sócio de uma grande empresa. Depois de um tempo, o pai de Eduardo se reergueu e a mãe pôde diminuir a quantidade de aulas que estava dando e voltou a se dedicar mais aos cuidados com os filhos e com a casa.

Os pais de Eduardo conseguiram fazer algumas reservas financeiras que permitiram que eles se aposentassem. Nesse período, o pai quis se dedicar a cuidar do sítio da família. As reservas não eram muitas, talvez ele até tivesse de voltar a trabalhar, mas faleceu antes disso acontecer. O pai de Eduardo deixou de herança alguns imóveis, nenhum dinheiro e nenhuma dívida. Mônica não conviveu com os sogros quando eles trabalhavam. Eles já estavam aposentados quando ela os conheceu, ao contrário dos pais dela, que têm por volta da mesma idade e ainda continuavam muito envolvidos com seus respectivos trabalhos. Mônica relatou que seus pais amam trabalhar e que eles têm dificuldades de se reconhecerem sem a atividade laboral.

6.4.3 Pandemia de covid-19

Antes do isolamento da pandemia, Eduardo e Mônica já haviam vivido um outro difícil período de isolamento, quando o filho deles nasceu. Nesse período, logo em seguida, o pai de Eduardo faleceu. Nesses dias, só puderam contar um com o outro e a situação de cuidar de um recém-nascido os mantinha muito em casa. Nesses dois momentos, não puderam trabalhar.

O início da crise da pandemia de covid-19 os fez reviver esses momentos. Eduardo havia acabado de se preparar para um novo trabalho e estava em negociação com seus clientes, quando tudo parou. Todos os trabalhos agendados foram cancelados.

Prontamente, ele teve a ideia de reformar um sítio e, em seguida, o colocou para locação, o que se tornou uma renda significativa para a família durante toda a pandemia. Mônica teve crises de ansiedade por estar preocupada em como iriam pagar todas as contas: escola, aluguel, etc. Eduardo, com sua segurança e otimismo, escreveu um bilhete para ela que dizia: “somos ricos”. Mônica o agradeceu, pois o que Eduardo escrevera a fez perceber que estava querendo controlar o incontrolável e, mais uma vez, ela sentiu o apoio de Eduardo e reafirmou a crença de que eles seriam capazes de lidar com mais aquela adversidade. Eduardo foi muito rápido em perceber que seu trabalho ia parar totalmente e em transformar o sítio em renda para família, além de ter assumido mais funções com o filho e com a casa para ajudar sua esposa a ter mais tempo para trabalhar.

Também foi na pandemia que o trabalho de Mônica se ampliou. Eduardo sugeriu que Mônica propusesse aos seus clientes que fizessem os encontros *on-line*. A proposta foi muito bem aceita e aumentaram as indicações, inclusive de outros estados e de outros países. Eduardo ficou contente de ver o trabalho dela mais valorizado.

6.4.4 Vida financeira do casal

A vida financeira conjunta começou logo que foram morar juntos. Eduardo propôs a Mônica que ela entrasse como sócia no lugar do pai dele na empresa que ele tinha. A partir daquele momento, eles tinham a conta conjunta da empresa que usavam para receber o que ganhavam nos seus respectivos trabalhos e mantinham suas contas individuais também.

Eduardo era o responsável financeiro do casal, contudo todas as decisões eram tomadas pelos dois. Para ele, seus pais conversaram pouco sobre a vida financeira da família. A responsabilidade sempre fora exclusivamente de seu pai e Eduardo achava que, caso sua mãe tivesse participado, algumas decisões ruins poderiam ter sido evitadas. Ele queria fazer diferente com Mônica, por acreditar que duas cabeças sempre pensam melhor que uma. Mônica elogiou a atitude do marido de compartilhar com ela as decisões, inclusive as financeiras. Ela se sentia muito sortuda por ele ter esse comportamento, pois conhecia muitas mulheres (amigas, clientes) que não tinham nenhuma informação sobre a vida financeira do marido e, conseqüentemente, da família.

Durante muitos anos, os rendimentos de Eduardo pagaram integralmente as despesas do dia a dia da família. A receita de Mônica ficava sob sua administração para

despesas pessoais. Em alguns momentos pontuais, Mônica precisou prover a família, geralmente quando o trabalho de Eduardo não estava sendo suficiente. Um desses períodos foi logo depois do nascimento de Heitor e do falecimento do pai de Eduardo. Com isso, o trabalho de ambos sofreu impacto, mas no de Eduardo as consequências foram maiores. Pela primeira vez, depois de alguns anos com Eduardo provendo a casa e a família, Mônica o substituiu, pois seu trabalho foi voltando aos poucos, e começou a trazer rendimentos antes do dele. Depois de alguns meses, Eduardo conseguiu um projeto importante e voltou a contribuir significativamente em casa.

Um pouco antes da pandemia, houve um outro momento em que a contribuição de Mônica para a família aumentou. Com algumas despesas extras (compra de carro, mudança de casa, viagens) e a boa fase do trabalho de Mônica que estava se expandindo, ela começou a contribuir com uma boa quantia para a família. Eduardo pensou em aproveitar a boa fase da esposa e sugeriu que ela separasse 15% dos seus rendimentos para reserva financeira, o que não ocorreu, pois ela não soube se organizar para realizar essa proposta. Destaca-se aqui que a capacidade de gerenciamentos dos recursos financeiros ainda era mais bem exercida por Eduardo, com os rendimentos produzidos por ambos. A vida financeira do casal estava estável, mesmo durante a pandemia. Eles possuíam investimentos, seguros de vida, de trabalho e um especial para os estudos do filho Heitor, além de não ter nenhuma dívida.

Mônica se considera uma pessoa moderada com gastos e tanto ela quanto o marido tinham por hábito comprar o que precisam à vista ou em poucas parcelas. Costumavam planejar o que queriam comprar, esperavam ter o valor completo ou grande parte e realizavam a compra. Ela também destacou os diferentes perfis de ganho dela e do marido. Ele fazia alguns trabalhos em que era muito bem remunerado; pelo lado dela, os rendimentos eram menores, mas mais regulares, especialmente a partir de 2019, quando ela fez a transição de carreira para a área de consultoria de imagem. A capacidade de prover, de organizar e de planejar de Eduardo foi elogiada por Mônica, que também reconheceu estar ainda desenvolvendo esses recursos. Ela destacou, contudo, que seus rendimentos melhoraram ao longo dos anos e que, sempre que Eduardo pediu sua maior participação, ela respondeu prontamente.

Na pandemia, as maiores contas fixas (escola, seguro saúde e aluguel) da família migraram para Mônica, pois os ganhos de Eduardo foram interrompidos. Quando Mônica

falou que ela começou a ser a maior responsável pelas despesas da família, Eduardo ressaltou que ele fez isso por mais de 10 anos, além de destacar que ele sabia que, naquele momento, ela estava podendo pagar com tranquilidade essas despesas. Eduardo demonstrou seu cuidado em não estar sobrecarregando Mônica e consciência e orgulho de ter provido sozinho por muitos anos as despesas da família. Apesar de ele estar temporariamente fora da função de maior provedor, ele conseguiu manter sua participação no gerenciamento financeiro da família, capacidade reconhecida e valorizada pelos dois. O papel de maior provedora também exigiu de Mônica algumas habilidades que o casal discutiu em conjunto. Eduardo pôde ir compartilhando com a esposa suas habilidades de provedor, tais como o controle financeiro, autoconfiança, capacidade de lidar com riscos e inseguranças, continência das preocupações e medos em relação ao futuro. Quando Mônica contou para a mãe que a renda de Eduardo estava instável e que ela estava conseguindo prover mais com seu trabalho, sua mãe a parabenizou por estar tendo a capacidade de substituir o marido nessa função.

Mônica comparou o funcionamento do casal em relação às tarefas domésticas com o que fazem os músicos de *jazz* ao improvisarem. Os dois cozinham, os dois limpam, os dois varrem. Eduardo era muito claro quanto aos seus limites do que faria em casa. Tudo, exceto guardar e passar roupa e lavar louça. Para abrir espaço para Mônica, que estava trabalhando mais, Eduardo assumiu as atividades com o filho e com a casa, especialmente na pandemia. Heitor, segundo os pais, era uma criança educada, legal, sem manhas e birras, e que sempre colaborava com o que a família pedia para ele fazer.

6.4.5 Momentos de crise vividos pelo casal

Depois do casamento, eles planejaram engravidar. Eles engravidaram por três vezes e perderam. Mônica, sentindo-se sem esperanças de levar a gravidez a termo, falou que sabia como ter uma família era importante para Eduardo e que ela não queria privá-lo de ter filhos e entenderia se ele quisesse terminar o relacionamento deles e tentar com outra mulher. Eduardo respondeu que só gostaria de ter filhos se fosse com ela. Caso a história deles fosse de não ter filhos, ele aceitaria porque era a ela que ele amava e com quem ele queria estar. E acrescentou dizendo que ter um filho seria até fácil, o difícil era achar uma boa mãe para educar com ele esse filho. Mônica sentiu-se aliviada após essa conversa.

Mônica consultou sua antiga médica para exames de rotina que lhe perguntou como iam os planos de engravidar. Mônica respondeu que, depois de tantas gravidezes interrompidas, estava com pouca esperança de ter seu filho. Dias depois, Eduardo percebeu que a esposa estava diferente. Fizeram o teste de gravidez e deu positivo. Ela ligou para sua ginecologista e ela lhe encaminhou para um médico especialista em gravidez de risco. Eles ficaram o dia inteiro na clínica fazendo muitos exames, até descobrir o diagnóstico. Ele iniciou o tratamento, a gravidez correu muito bem e nasceu Heitor, que, no momento da entrevista, estava com 5 anos.

Quando parecia que tudo ia ficar tranquilo, visto que a gravidez, o nascimento e os primeiros dias com Heitor estavam indo muito bem, a vida os surpreendeu com o adoecimento e, em poucos dias, a morte do pai de Eduardo. A mãe de Eduardo, que era a única pessoa que morava na mesma cidade que eles, ficou muito abalada com a repentina perda do marido e não pode ajudá-los nos cuidados com Heitor. O casal relatou que se sentiu muito sozinho nesse período, mas ao mesmo tempo sentiram que essa crise trouxe crescimento e união para eles. Mônica chamou essa fase de travessia e que sentiu mais amor ainda entre eles. Não havia uma combinação explícita de quem fazia o que, eles iam se revezando entre descansar e os cuidados com Heitor, com a casa, com a alimentação. O trabalho de ambos parou quase que completamente nesse período. Aos poucos foram se reorganizando e voltando para os respectivos trabalhos.

Outro momento difícil destacado pelo casal, foi quando um familiar de Mônica teve um relacionamento complicado que o afastou de toda a família. Mônica ficou muito abalada com esse afastamento. Após alguns anos, ele se divorciou e voltou a se relacionar com a família.

O casal relatou que passaram os dois primeiros anos de Heitor praticamente sozinhos. O que os confortava era que a dificuldade para Heitor nascer era diretamente proporcional à felicidade que sentiam por estar com ele nos braços. Eles sentiram falta de um tempo para o casal e de uma rede de apoio, mas foram lidando com a situação um dia de cada vez. Eduardo também contou como foi difícil para ele ficar sem trabalho, viver o luto da morte do pai, mas ele não gostava de ficar reclamando, então direcionou sua atenção para o filho e para a casa, a fim de apoiar Mônica, que era a única do casal que estava trabalhando naquele período. Eduardo se descreveu como uma pessoa que não fazia muito drama, muito menos quando o que estavam vivendo era sério.

Quanto aos conflitos do dia a dia, Mônica disse que seguiram a dinâmica aprendida com os seus avós maternos para sua resolução, o que consistiu em nunca dormir brigado, tentando fazer com que os problemas não se acumulassem e virassem uma bola de neve. Eles tentavam priorizar sempre o relacionamento frente às outras demandas, até mesmo em relação ao trabalho. O exemplo trazido por Mônica foi o de que, quando eles precisavam resolver algo importante para a relação do casal e alguém tinha trabalho no dia seguinte, eles conversavam até chegar a um acordo, mesmo que entrassem na madrugada. No dia seguinte, estariam cansados, com a pendência resolvida e unidos.

O casal se apresentou como muito discreto. Eles não tinham o hábito de ficar contando suas vitórias nem derrotas. Tentavam não dar trabalho para ninguém. Pode-se dizer também que as experiências vividas pelo casal o levaram a aprender a contar bastante um com o outro, mais do que esperar ajuda de outros. Os conflitos mais difíceis trazidos pelo casal estavam no passado (gravidez, morte do pai, falta de trabalho, falta de rede de apoio, isolamento do casal, afastamento dos irmãos). Os problemas vividos na pandemia pareceram uma reedição do momento crítico vivido pelo casal na época do nascimento do filho e morte do pai de Eduardo, encontrando-os preparados emocionalmente para lidar com isolamento, falta de trabalho, ausência de rede de apoio. E, mais uma vez, tanto o trabalho de Mônica foi essencial para manter financeiramente a estabilidade da família, pois não só não parou, como cresceu, quanto a presteza de Eduardo para se adaptar à situação crítica, usando todos os recursos disponíveis em prol do bem-estar da família.

6.4.6 As produções dos Desenhos de Família com Estórias

6.4.6.1 Eduardo

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



Verbalização: *Dizendo o que acontece... Antes, durante, depois? Ou como chegou? A história é que pessoas que sempre foram muito verdadeiras, sempre foram muito autênticas se conheceram em um momento assim, que se não fosse para ser com essas pessoas nem estariam juntas, e estaria tudo bem. E só juntaria se fosse alguém muito semelhante, muito compatível. E aí, essas pessoas se encontraram e falaram: “Poxa, com você eu consigo continuar sendo quem eu sou e conseguimos fazer a nossa história juntos”. A gente consegue criar uma família, a gente consegue se immortalizar. Eu falo muito isso: se immortalizar, ter um filho, que é uma coisa que eu sempre prezei. Deixar uma história, deixar alguém que vai vir que carrega história, carrega a família, carrega a tradição. E essas pessoas se juntaram e elas continuaram sendo elas mesmas, elas se adaptaram à vida a dois e mesmo assim continuam sendo dois indivíduos que criaram juntos com amor, tiveram um terceiro, um filhote, e a gente faz tudo para essa pessoa, para esse filhote ser um cara muito legal e tomar boas decisões principalmente na vida pessoal, em particular, assim como nós tomamos, ou essas pessoas, esses personagens*

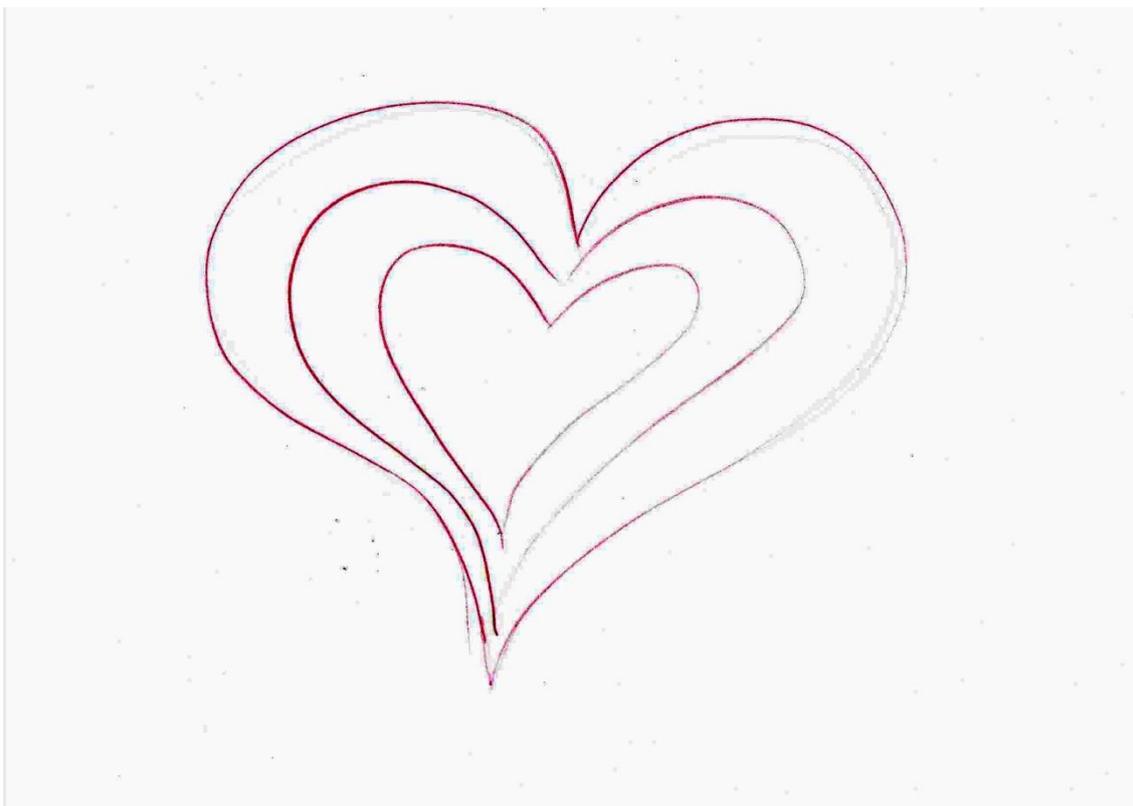
aqui. Eles estão aqui nesse momento assim. Eles estão, tipo assim, posando para uma foto para a eternidade do momento. Estão muito felizes. Eles estão... o que vale a pena está tudo certo. O que realmente importa está indo tudo bem. Então, eles estão bem. Estão tranquilos, estão confiantes. No momento que estão os três bem, está tudo certo. Tranquilo. Não tem erro. Acho que é isso aí. Foi gostoso. Faz bem ver.

Título 1: Sorria! Você está sendo amado!

Interpretação

Ele falou dele e da família dele de forma positiva, mas tentando colocar em outra família. Ele enfatizou o “continuar sendo quem eu sou” e “com você eu consigo continuar sendo quem eu sou e fazermos nossa história juntos”. Aqui parece surgir um medo de se perder de si mesmo ao se relacionar. A personagem não sentia ameaça externa que imponha sobre ele exigências ou ações ou identificações negativas ou positivas que a pessoa tenha de ser alguma coisa, indicando aspectos narcísicos. Ele se descreveu como uma pessoa que sabe quem é. Ele trouxe um bom contato com ele mesmo, sabendo o que ele é e o que está fazendo no mundo. Tem um propósito simples: casar-se com alguém com quem ele possa estar seguro de manter sua identidade própria e que a parceira também possa ser o que é, além de deixar um legado por meio de um filho. Ele quer manter a tradição da família por meio do filho e ser lembrado como alguém bom que teve o que transmitir. Não há uma relação de dominador e dominado, nem simbiose. São dois indivíduos. Ele está falando de uma família qualquer que representa aparentemente a própria família e uma família ideal. Como deveriam ser as famílias. Ele quer passar essa imagem de que está tudo bem com ele e com a própria família, sem denunciar que é da própria família que ele fala. Contudo, quando ele traz na narrativa que “O que vale a pena está tudo certo”, que foi precedida por uma breve pausa na sua fala, vê-se uma escolha mais pela ideia de viver bem e não confrontar. Existem brechas, pois nada é perfeito. Existem altos e baixos, mas eles estão confiantes. A família qualquer carrega uma confiança em si mesmos e na vida, revelada pelo título: “Sorria, você está sendo amado!”. Pareceu que há fé e confiança de que tudo ficará bem.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



Verbalização: *O que acontece é que, quando você é quem você é de verdade, você atrai pessoas semelhantes. E, se essas pessoas sabem quem elas são, fica fácil de você juntar, e, cada vez que você junta um amor... aqui representado pelo coração, que é a personalidade... O coração me traz muito a personalidade, um amor, além do amor de amar. O amar mesmo. Amar o planeta, ser uma boa pessoa, bom cidadão. A história é que, quando você tem um coração de verdade, que você preza pelas coisas que você prega, é fácil você agregar outro coração que pensa do mesmo jeito, e assim por diante. Vai aparecendo... cada vez que aparece um novo membro dessa família, ele vai seguir esse caminho do coração, de ser verdadeiro.*

Título 2: O amor dá certo

Interpretação

Nessa UP, ele trouxe uma autorreferência muito positiva: do bem, da bondade e do amor. O valor de ser verdadeiro foi o mesmo relado na UP1. A “família que gostaria de ter” só necessitava de amor e verdade para que tudo corresse bem. Há uma reafirmação de que, se há amor, tudo está bem. Demonstra uma idealização quando coloca o amor

como único componente de uma relação, excluindo a convivência como parte importante da família. Com essa visão, ele pode reprimir ou excluir a agressividade, a rivalidade, a oposição, o negativo, que também fazem parte da relação do casal. No grafismo, ele não desenhou personagens, e sim três corações dentro um do outro, o que pode ter sido um movimento defensivo depois do contato com questões que não estão bem, mas que não vale a pena entrar em contato. Pareceu ser essa a forma de Eduardo lidar com as adversidades: não entrando muito em contato, mantendo a fé e buscando soluções para os problemas. Essa hipótese foi confirmada com sua fala na entrevista, em que ele disse não ser uma pessoa que fazia drama e que gostava de partir para a resolução do problema que tivesse pela frente.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Uma família se prezou em ter tudo aquilo que se queria ter. Uma casa, um carro, filhos, cachorros, tudo. E, a um certo ponto, as coisas se invertem porque essa família não para de focar no trabalho, trabalho, trabalho, deixando um pouquinho de lado uma educação, um divertimento, uma brincadeira, um sexo, uma parceria. Eles estão bem focados em trabalho. É um casal com dois filhos. A filha está no computador.*

O filho até quer brincar com o cachorro. Mas aí tem... um está no computador, a outra está no celular. Ele (o filho) está assim: “Pô, e aí? O dia está bonito! Vamos brincar?”. O pai fala: “Já vou, filho. Calma. Só rapidinho. Eu só preciso fazer esse post aqui porque acabou de entrar esse tanto e a gente vai ganhar tanto, se for até tal hora, então eu preciso fazer logo esse post”. Enfim... eu vejo um pouco assim essa família do tempo hoje. Eu até coloquei um telefone mesmo, que nem existe mais. Mas antigamente seriam aquelas famílias que o cara fica o dia inteiro fora e pega 10 dias de férias no ano. E agora, podendo trabalhar de casa, essa família diz sim para todo tipo de trabalho que dê dinheiro. Desde que dê dinheiro, eu estou aceitando. E aí você começa a colocar na frente o dinheiro, o sucesso, na frente de uma relação, na frente de brincar com os filhos, de sexo. Essas pessoas precisam continuar sendo namorados. Precisam ter tempo livre. Não conversar sobre coisas que não sejam trabalho. Eu acho isso uma tristeza. Toda hora celular. Toda hora, chega uma mensagem, atende. Aí eu não posso deixar de ver essa mensagem. Vai que muda minha vida. E não é. A gente está disponível demais, às vezes. Aparentemente todo mundo acha que está bem. Mas eu acho que quem não está bem aí é meio que todo mundo. O menino é uma pena. Não é que ele não está bem, mas talvez ele nem saiba como é estar de outro jeito. Ele gostaria de estar um pouco mais moleque. A menina está falando assim: “Bom, já que os meus pais estão fazendo isso, então tudo bem, eu posso fazer também. Já passei da idade de brincar, eu vou ficar aqui no meu computador mesmo”. Acho que eles nem sabem o que seria a possibilidade de estar diferente. Sabe, meio assim, A mãe está se ocupando muito do trabalho. Dois telefones, porque ela não quer pensar em resolver uma questão que ela está querendo com o marido. Trocar uma ideia. Voltar a namorar. Vai que essa coisa mais pessoal, de namoro, vai tirar tempo, aí eles vão ganhar menos. E o marido está conformado. Beleza. Já que a gente está ganhando bem, vamos continuar. A gente vai cuidando disso aí. A gente dá uma namorada de vez em quando, o que importa agora é grana.

Título 3: A família que não sabia

Interpretação

Ele elegeu como alguém que não estava bem a família como um todo e não apenas um dos membros. E o mal-estar dessa família era o desconhecimento sobre o que realmente era importante: estar junto, que havia aparecido na UP1. Apareceram fantasias do que poderia destruir a felicidade de uma família que se ama e está bem. Seu maior

medo era que elegessem como mais importante os valores materiais do que os cuidados com a relação com os membros da família. Essas fantasias poderiam estar relacionadas ao fato de, no período da entrevista, que coincide com a pandemia, sua função de ganhar dinheiro estava pausada devido ao isolamento. Ele tenderia a valorizar o que ele estava fazendo bem: cuidar da casa, da mulher e do filho, namorar, brincar ou simplesmente ficar junto. Existia uma filha no desenho que não existe na família real, poderia ser visto como um desejo, que não pode se concretizar, que é ter mais filhos, devido às dificuldades que o casal teve para ter o primeiro filho. Ele pareceu ter uma boa organização psíquica, mas a história revela um incômodo com o muito tempo dedicado ao trabalho e com a ambição em relação ao dinheiro. Na entrevista, ele relata que o tempo que a esposa ficava no celular como algo que o incomodava e que ele sempre pedia para ela diminuir esse tempo. Existia uma queixa embutida nisso. A característica de valorizar bastante o que ele faz apareceu outra vez. Também se observa uma figura paterna que não responde adequadamente ao filho, quando ele o chamava para brincar, o que poderia ser o desejo do pai de estar no lugar de prover e não de brincar com o filho.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: São três pessoas. É uma família que é a minha família: eu, Mônica e Heitor, que a gente se preza muito. A gente tem muito amor e a gente conquistou tudo que a gente precisa para viver. A gente tem uma casa, que é lá no prédio. É gostoso, é colorido, tem flores. A gente tem um carro bem legal, que cabe tudo que a gente quer. A gente está sempre levando um monte de coisas no carro. O carro está sempre cheio. Aqui tem a casinha da montanha, lá do sítio, que é um lugar para onde a gente gosta muito de ir. A gente tem uma casa que é nossa, que a gente gosta de ficar no meio da natureza, no pôr do sol. Esse monte de gente é porque a gente tem amigos em todos os lugares do mundo, amigos de verdade que a gente poderia chegar na casa a qualquer hora e dizer preciso de um abrigo agora. Então, não é nem só aqui, é no mundo mesmo. A gente tem muita vontade, muita saudade de viajar. Podia até pôr um aviãozinho aqui. Mas até no meio do mar, aqui tem um. Eu morei muito tempo no mar, no navio. Amigos de navio mesmo. No globo, tem pessoinhas em todos os lugares, até mesmo no meio do mar. E ali o fogo. É o fogo e a água. O fogo, para mim, uma família tem que ter fogo. Tem que ter uns atritos de vez em quando. Você tem que colocar as coisas em dia. Tem um dia que um está meio ruim e tem outro dia que você está mais água. Está mais tranquilo, está mais quietinho. O fogo também é o sexo que tem que ter. O sexo é uma prioridade muito forte. Eu priorizo muito. Acho muito importante. Eu sou uma pessoa bem dessa parte do fogo. Eu falo, assim, que tem que ter, senão não é casal, é amigo. E aí a música, coloquei um musical, a gente sempre ouve música. Tem certos momentos, eu vou lá e ponho música. Essa relação com música, natureza, amigos. É o que a gente prioriza: viajar, ter amigos, ter o nosso cantinho, ter a nossa paz, manter nossa vida sexual forte, mas também ficar quietinho cada um no seu canto, ouvindo a chuva, que é outra coisa que eu amo. Eu amo a chuva e, se tiver muita chuva e der medo na família, eu protejo também. Tem isso, a Mônica fica “Aí, meu Deus! Que chuva forte!” e eu digo “Pode deixar que eu faço uma coberturinha assim, sabe?”. Estarei lá para o que for. É isso.

Título 4: Tá tudo bem

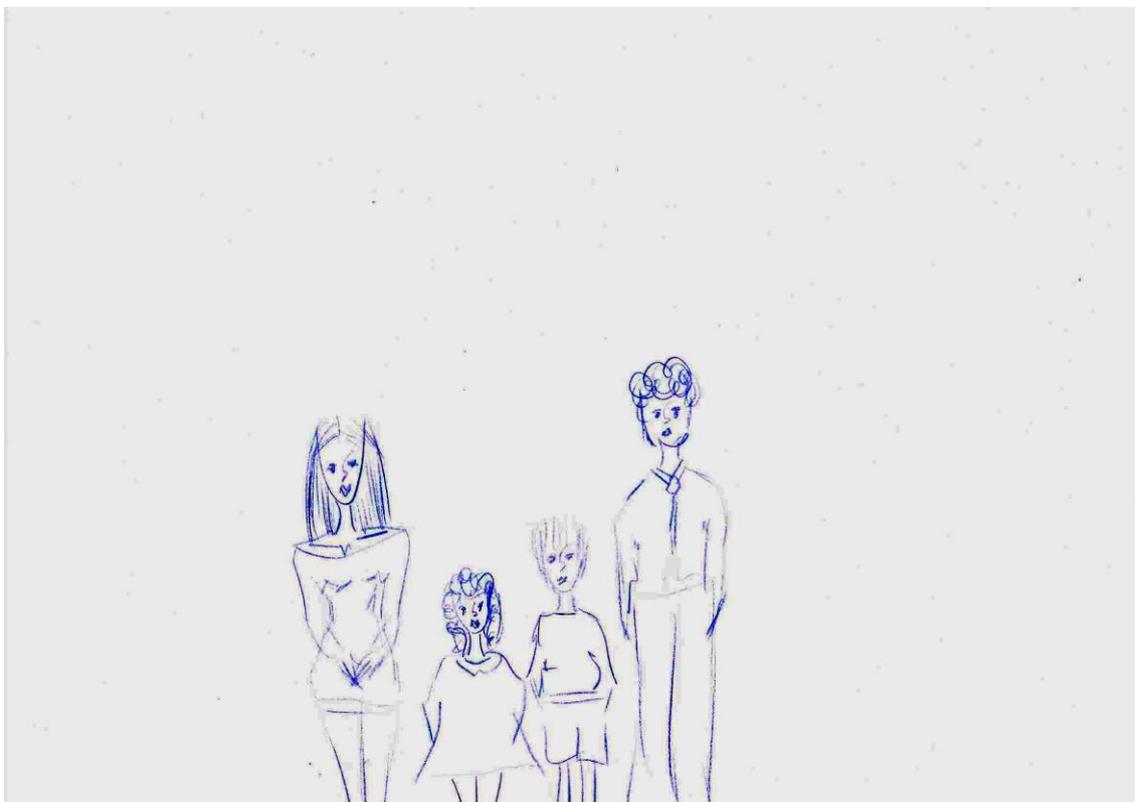
Interpretação

Ele fez um relato de como via a própria família. Eram cercados de privilégios: lazer, amizades, lugares do mundo. Há uma afirmação de que “tudo estava bem”, no título da unidade, como se fosse um mantra que havia aparecido nas unidades anteriores. Questões relativas ao manejo de tantas coisas boas surgem nos elementos do fogo e da

água, que são muito bons, desde que não haja um excesso. O fogo em uma lareira aquece a família, o fogo na mata pode provocar destruição. O medo da água é trazido na fala da esposa, que fica assustada quando a chuva está forte e ele se compromete a protegê-la. Ele falou aqui do seu desejo de proteger sua mulher e filho de tudo, de uma forma onipotente. A água de uma chuva pode ser evitada com uma cobertura, contudo não acontece o mesmo com uma tempestade. Naquele momento, a pandemia pode ser vista como um evento incontrolável da natureza, que não permitiu que ele protegesse sua família de forma onipotente. Ele estava contando com a força de sua esposa, que conseguiu se manter ativa profissionalmente, apesar das intempéries da pandemia. A autoimagem positiva dele apareceu, como nas UP anteriores, aqui talvez de uma forma mais defensiva. Parece que ele sentiu mais a falta dos seus ganhos e capacidade de prover, nesse momento, e compensa com a teoria do que seria ser uma boa família, como se houvesse uma receita. Demonstrou certa irritação por ter uma esposa muito ocupada, sentimento que se opõe à realidade do casal.

6.4.6.2 Mônica

Unidade de Produção 1: Uma família qualquer



Verbalização: *Sim. Eu acabei desenhando minha primeira família. Minha primeira. Porque minha família ela foi se multiplicando e se diversificando. Quando meus pais se casaram, vieram outros irmãos. Mas, nos primórdios, éramos minha mãe, meu pai, meu irmão e eu, que foi o que eu desenhei. Então, assim, a gente é muito cruzado fisicamente. Eu tenho muito do meu pai. O meu irmão tem muito da minha mãe. Mas, de personalidade, eu tenho da minha mãe e meu irmão tem do pai. A gente é muito misturado, nós quatro. Deu uma mistura. Foi supertriturada essa mistura ali. E são pessoas que, de alguma forma, foram matriz para tudo que tem hoje. Porque também é nosso mérito a união de hoje, porque todos nós insistimos nesse amor, que todos nós estamos juntos. Então é mérito de nós quatro tudo que existe hoje, tudo que vem depois de nós. Porque todos os personagens que vieram depois, eles vieram também, de alguma forma, por nosso acolhimento, por nosso mérito. Tipo: meu pai casou de novo e a gente sempre foi muito próximo dos irmãos de lá, porque nós buscamos, porque esses pais buscaram. Então, tudo que veio depois foi também pelo mérito das quatro personagens. É uma fase antes de eu sair do Brasil. Eu saí do Brasil criança. E até eu sair do Brasil, os limites ainda eram muito definidos. Meu pai era o meu pai. Minha mãe era minha mãe. E essas duas pessoas tinham esses filhos. Como meus pais eram muito populares, assim... as pessoas sabiam dos nossos nomes nas ruas. A gente era... Eu me lembro de me acostumar a chegar num lugar e as pessoas saberem que eu me chamo Mônica. Me lembro porque meu pai trabalhava na mídia; então, antes de ele entrar para o serviço público, ele tinha um programa. E então era um cara muito conhecido. Foi um momento de me sentir criança; porque, depois que eu saí do Brasil, eu nunca mais tive a sensação de me sentir criança, porque eu tive que me adaptar demais a coisas que não são necessariamente para crianças. Então eu ainda coloquei essa sensação de pai e mãe. Ainda a gente tinha, mesmo que eles fossem separados, a gente tinha. As coisas estavam bem definidas no seu lugar. Depois elas começaram a se dispersar. Ainda dá essa sensação de uma certa inocência. Uma coisa da mãe definida em relação ao pai. Depois a minha mãe passa a ser pai e mãe por muito tempo. A gente fica sem referência de pai por muitos anos, porque a gente não voltou mais para o Brasil. Então, a gente só tem um homem dentro de casa depois que a minha mãe casa de novo, mas isso eu já era mais velha.*

Título 1: Família matriz

Interpretação

Mônica apresentou sua família de origem nessa UP em um momento em que ela e o irmão ainda eram crianças e os pais estavam juntos. Essa volta ao passado pode revelar uma nostalgia de uma família que ela teve por pouco tempo e que trazia segurança e um lugar de pertencimento. Os membros da família não têm mãos e não se tocam, mostrando pouco contato entre eles. As crianças estão no meio dos pais como que os unindo e, paralelamente, mostrando uma separação do casal que logo veio a ocorrer. O desenho traz uma família idealizada que foi muito cedo perdida, deixando faltas, mas, por outro lado, formando a matriz que a constitui e é modelo para a família que Mônica formou hoje. A fantasia não apareceu, ela não se permitiu criar. Ela ficou pautada na realidade, nos fatos tais como aconteceram. Percebe-se a falta que ela sentiu da figura paterna e um esforço emocional significativo para dar conta das adaptações que teve de viver pela escolha da mãe pelo seu trabalho itinerante. A família dela virou uma família qualquer. Quem sabe, depois de tantas adaptações que exigem um olhar para fora, afastou-se da possibilidade de sonhar e de olhar para seu interior.

Unidade de Produção 2: Uma família que gostaria de ter



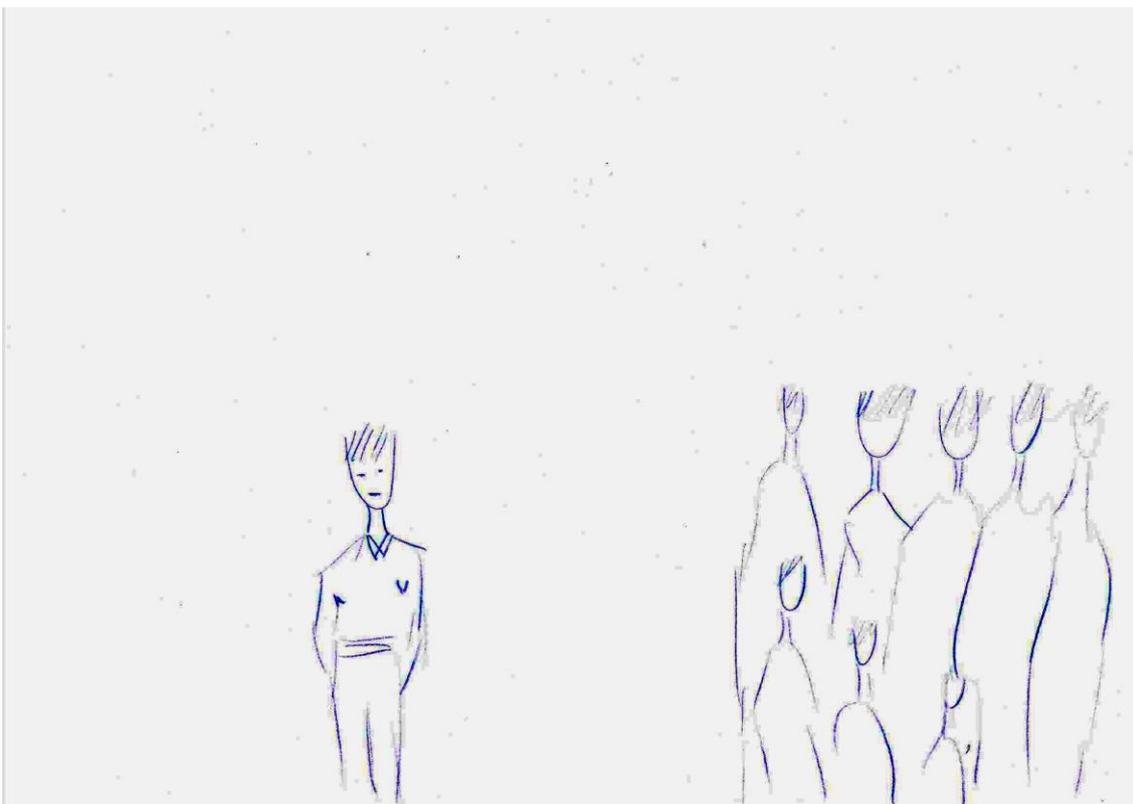
Verbalização: *São pais que se amam muito que desejaram muito um filho. O filho chegou. O filho é absolutamente compatível com esses pais e um motivo de... também é... não é uma criança que veio só para aprender, também é uma criança que veio para ensinar. É... Tem uma palavra que é muito boa, que eu acho que tem muito a ver, que é sinastria. É muito complementar a experiência familiar que eu desenhei, que é a minha. Eles estão outdoors, num fora, provavelmente na natureza, porque são os três... a gente tem uma ligação muito forte com a natureza, nós três. Com o céu, por isso que eu botei o sol; mas, assim... o sol, mas podia ser a lua. Aqui em casa, todo mundo sabe quando é cheia, quando é crescente. A gente é completamente ligado à natureza, ao que está acontecendo. É um lugar com vegetação, grama, enfim... Estão caminhando juntos de mãos dadas. Uma coisa que a gente ama fazer é caminhar juntos de mãos dadas.*

Título 2: Harmonia de amor

Interpretação

Essa UP traz uma família de três pessoas que queriam muito ter um filho e realizaram esse sonho (desejo). A narrativa foi realista, como na UP1. As três pessoas estavam de mãos dadas, revelando conexão entre elas. O sol é muito grande, quebrando a harmonia, podendo ser um sinal de idealização. Tão longe e tão perto ao mesmo tempo, esse é o desejo, mas difícil realizar na relação. Aqui a família idealizada se contrapôs à família de origem, perdida na unidade anterior. Ela sonhava em ter uma família mais unida, em que se aprende e se ensina, o que ela não pôde viver com a família de origem. Caminhar de mãos dadas, vamos todos para o mesmo lugar. A força foi colocada para a família unida, o que ela não pôde viver como criança.

Unidade de Produção 3: Uma família em que alguém não está bem



Verbalização: *Eu acho que o isolamento é uma perda de referência muito forte. As pessoas podem até inclusive ter casos de abuso ou casos horríveis dentro de uma família, mas aí a gente está falando de casos isolados de uma patologia ou algo assim. Pode existir? Pode. Você deve atender um monte de pessoas. Eu mesma vejo isso com muita frequência. Mas vamos dizer assim... o que se espera da família é que ela seja não só um lugar de porto seguro e acolhimento, mas também de referência. E aí eu acho que o isolamento da família, você perde um pouco as suas referências, e aí quando você perde suas referências, você fica extremamente vulnerável, como se fosse assim, à mercê demais... é como se você ficasse um pouco desprotegido. Quando você rompe, quando vira as costas para as suas primeiras referências, de alguma forma isso te deixa vulnerável. Te deixa sem colete (à prova) de balas, como se fosse algo assim... mal ou bem... mas minha família é ignorante, mas a minha família é isso, minha família é aquilo. Todo mundo tem problemas na família, mas a família, ela constitui algo precioso que é uma referência. Então assim... eu posso até não ver sempre, mas eu acho muito triste, eu acho muito sofrido quando uma pessoa precisa romper com a família. Isso para mim é uma família que não está bem. Quando, de alguma maneira, um desses galhos se quebrou, se soltou... porque pode... eu sempre acho que existem maneiras de você, de*

alguma forma, achar um jeito de... num sentido de respeito a ancestralidade. Então assim... não são os ideais, não são os ideais, mas pessoas que me deram a vida, não me deixaram morrer. Sabe, assim, nesse sentido de gratidão. Então, virar as costas para esse começo, eu acho muito triste e muito radical. Quando a família passa por rompimentos, talvez seja a pior dor para uma família. Os rompimentos, não as perdas, porque as perdas são da vida. O rompimento consciente: “eu não falo mais porque eu não quero”. Não é porque eu morri, né? Eu acho isso muito doloroso. Alguém rompeu com o grupo familiar. E ele, de alguma forma, perde a referência. Mas, assim, aconteceu com meu alguém da minha família. Ele começou um namoro e a menina o fez se distanciar da família por 10 anos. Ele se separou e voltou para a família como se nada tivesse acontecido. Hoje eu falo com ele todos os dias. Eu nem sei como é que eu fiquei dez anos sem falar com ele. Eu falo com ele todos os dias. Foi um isolamento muito estranho. Supertriste. Ela pode ser quem ela quiser, ele que aceitou, então a culpa é dele. Ele rompeu e perdeu a referência. Ele ficou completamente à mercê das marés ali. Sem referência. Essa é a sensação que eu tenho. Tive uma experiência na família que foi horrível. Foi extremamente traumatizante que agora, para você ver como as coisas se sanam, já está completamente sanado. Ele começou a esquecer quem ele é. Ele começou a ser o que ela dava como patamar de referência: você é um merda. Não, aqui na nossa família, a gente o acha o máximo. Ele é superdotado. Então, ele começa a perder a referência. A família está nesse lugar de lembrar quem você é, de onde você veio, para bem e para mal. Eu sou uma multimilionária. Sim, mas de onde eu vim. Para todos os sentidos, isso é importante.

Título 3: Solidão

Interpretação

Mônica trouxe sentimentos de solidão, isolamento e medo de se perder, tanto na história como no título, por meio da história de vida de alguém da família, que se afastou provocando mal-estar e retomou o contato com a família. Contudo o afastamento do familiar repete ao afastamento vivido por ela e pelo irmão por 11 anos, quando sua mãe os leva para viajar a trabalho com ela ao redor do mundo, privando-os da companhia do pai, avós, familiares e amigos, que os leva a terem de se adaptar a países diferentes, em situações difíceis e até mesmo em guerra. O afastamento do familiar fez Mônica reviver a impossibilidade de ter a família como apoio e referência. Ela enfatizou a importância

do grupo familiar como um lugar de pertencimento que protege e fortalece e como essa ausência pode fragilizar quem está isolado. Na UP1, ela também trouxe a importância do investimento que deve ser feito para que a família possa ficar próxima, incluir os novos irmãos e se recompor, fato que, nas famílias em que há membros expatriados por trabalho ou voluntariamente, isso se torna um desafio. Estar junto à família de origem recomposta de Mônica e sua família com o marido e o filho parecem ser sentimentos muito caros para ela. Ela fez uma longa introdução antes de começar a contar a estória do desenho, o que indica que a reflexão sobre o tema gerou ansiedade. Como nas UP anteriores, não houve espaço para fantasias, mostrando como as questões trazidas ainda demandavam elaboração.

Unidade de Produção 4: A sua família



Verbalização: *É assim. Eu, meu marido e meu filho, né? Rodeados pelos nossos pais. Eu vou até acrescentar aqui um personagem que já se foi, mas que é muito importante para mim, que é o meu sogro. Que, como diz meu filho, está morando no céu. Aqui tem os avós, como eu te falei, eu sou muito família. Eu prezo demais a velha guarda. Tenho dificuldades de relação. Não é tudo perfeito, não é. Mas eu os coloquei ali nessa coisa*

do amor como redoma. Eu acho que os nossos pais nos ensinaram a amar. Nesse ponto, eu e Eduardo não temos restrições, nem medos, nem nada. A gente não é restrito porque eu acho que eles nos ensinaram, apesar de termos vindos de exemplos muito diferentes. O Eduardo vem de uma estrutura muito bem-posta, diferente da minha, mas eu acho que como sempre não me faltou amor, então eu acho que nunca a gente teve restrições ou medo com a entrega. Isso nunca foi uma questão. A gente estava muito aberto para amar quando a gente se encontrou. E enfim... esse amor que ecoa: quanto mais se ama, mais se ama. Assim, isso. Esses corações que vão se ampliando. Isso é uma coisa que a gente gosta de fazer muito. Quando a gente visita nossa família e quando a família nos visita, a gente gosta muito de dar essa sensação de que a gente está bem, que vocês não precisam se preocupar conosco. Essa é uma forma de amar. É não angustiar o outro. Eu eventualmente posso estar com algum problema, mas eu não angustio a minha família (de origem). Nem o Eduardo. E a outra coisa é isso assim de ser bem-vindo, né? De acolhimento.

Título 4: Amor multiplicador

Interpretação

Como na UP 2, Mônica trouxe sua família nuclear, todos de mãos dadas em sinal de união. A presença das cores indica alegria e harmonia. Ela registrou a presença dos pais de ambos, até mesmo do sogro já falecido, como figuras de referência para a nova família formada por ela, Eduardo e filho. Ela destacou a importância de amar mesmo com as dificuldades inerentes a cada grupo familiar. O desenho mostrou um desejo de pertencimento que foi satisfeito por sua família construída com Eduardo. Como nas unidades anteriores, o empenho foi de manter esse contexto de contenção de si mesma e do marido. Em relação à família de origem, afirmou não gostar de dar trabalho, fala essa que também apareceu na entrevista. Coloca essa preocupação em não angustiar qualquer pessoa da família (tanto nuclear quanto de origem), o que faz com que só o positivo possa ser explicitado. Cria-se assim uma proposta de fusão do bom e do mau; e o mau fica fora.

6.4.7 Síntese do casal

Esse foi o casal que mais estava vivenciando um modelo de casamento igualitário. Parceria, diálogo e apoio mútuo estavam presentes desde o início do namoro e se mantinham pelos 10 anos que estavam juntos. Tinham muitas afinidades. Com a

pandemia, o trabalho de Eduardo ficou paralisado e o de Mônica se ampliou, contudo os desafios de uma situação de isolamento, como a da pandemia, não foi o primeiro vivido pelo casal. À época do nascimento do filho, Heitor, e da perda do pai de Eduardo, eles ficaram sem rede de apoio, sem trabalho por alguns meses e sozinhos desenvolveram recursos e estratégias para lidar com o isolamento, as perdas e os desafios de cuidar de uma criança recém-nascida. As dificuldades que poderiam levar a um distanciamento acabaram por uni-los.

Eles vieram de modelos familiares diferentes. Os pais de Eduardo ficaram casados até a morte de seu pai, que era o maior provedor, mas em uma fase difícil financeiramente para a família, sua mãe conseguiu substituí-lo a contento. Mônica era parte de uma família recomposta. Seus pais se separaram quando ela tinha 4 anos. Eles casaram-se novamente e tiveram outros filhos. Ambos tiveram uma vida profissional que exigiu deslocamentos; nacionais, no caso do pai, e internacionais, no caso da mãe, fazendo com que Mônica e o irmão viajassem por diferentes países por anos, acompanhando o trabalho da mãe. O esforço emocional exigido por essas adaptações trouxe marcas na vida de Mônica que foram observadas nas UP1 e UP3, em que ela trouxe o sofrimento com a separação dos pais, o rompimento de um familiar com a família por alguns anos e as dores de não ter tido uma história de vida mais estável quando criança e adolescente.

A estabilidade buscada inconscientemente por Mônica teve como primeiro ancoradouro relações com homens financeiramente estáveis. Ao conhecer Eduardo, entrou em contato com a estabilidade emocional dele, que suportou as dúvidas e rejeições iniciais do relacionamento. A confiança em si mesmo e a autoestima de Eduardo ficaram evidentes em todas as suas UP. Depois essa positividade em relação ao amor e na superação dos obstáculos passou a ser uma construção do casal, que se apresentou com uma parceria forte, que estava sobrevivendo aos inúmeros desafios: desde o difícil processo de engravidar, atravessado por muitas gravidezes interrompidas, falta de trabalho e de rede de apoio, até o momento da pandemia de covid-19, em que o papel da esposa como maior provedora apareceu.

Mônica já havia sido a maior provedora da família por outro período, após o nascimento do filho, pois o trabalho dela começou a voltar antes que o trabalho dele. A dinâmica do casal era conversar sobre tudo e tomar as decisões em conjunto, sendo Eduardo o responsável pelo gerenciamento da conta conjunta, dos gastos e investimentos

da família, mostrando que a mudança do papel de maior provedor não mudou a coliderança que já existia entre o casal. Apesar de falta de trabalho de Eduardo, eles conseguiram manter a situação financeira estável, com o aluguel do sítio viabilizado por Eduardo, com uma maior carga de trabalho de Mônica e com a responsabilização dele de quase a totalidade das tarefas com a casa e com o filho para abrir espaço para o trabalho de Mônica.

O impacto da pandemia para Eduardo surgiu na UP3, em que apareceram temores em relação ao futuro, não explicitados na entrevista, lembrando o papel masculino tradicional em que o homem não expõe fraquezas e inseguranças. Ele supriu a família com tudo que estava em suas mãos: estar com o filho, cuidar do sítio, assumir as atividades domésticas, cuidar do gerenciamento financeiro. Tudo estava sendo feito, mas havia uma sombra: se cada membro da família se voltar muito para si mesmo, surgiria o medo do vínculo deixar de existir. Ocupar um papel diferente do de maior provedor, que ele teve por muitos anos, implicou adaptações e o surgimento de novos medos e fantasias sem muito espaço de expressão.

Eles pareceram ter representação da família muito semelhante, nos desenhos e em alguns símbolos. Ambos usam corações circuncêntricos, ele na UP2 e ela na UP4. Em ambas as UP, quando a família nuclear deles aparece, eles estavam de mãos dadas indicando a união que também foi falada na entrevista pelo casal. Na UP4, os dois trouxeram a família nuclear e outros elementos. Mônica desenhou os pais de ambos, indicando a importância do tema família para ela. Eduardo trouxe a família nuclear envolta em um coração, representando o amor de que ele falou nas UP1 e UP2, além do que ele considerava bom na vida: natureza, sexo, sítio, amigos e viagens, esses últimos limitados pela pandemia seriam a expressão de um desejo suspenso.

7 DISCUSSÃO

As dificuldades do amor não resultam da existência de um inimigo identificado. Elas são intrínsecas ao processo: o jogo criador da diferença. O inimigo do amor é o egoísmo, não o rival. Poderíamos dizer que o principal inimigo do meu amor, aquele que eu devo vencer, não é o outro, sou eu, o “eu” que quer a identidade em oposição à diferença, que quer impor seu mundo em oposição ao mundo filtrado e reconstruído pelo prisma da diferença. (Badiou; Truong, 2013, p. 40).

Trabalhar com estudos de casos únicos múltiplos foi muito importante para compreender os fenômenos complexos da conjugalidade com inúmeras variáveis (Yin, 2005). Cada história de vida dos casais entrevistados é única e repleta de nuances. Nos Resultados, tentamos enfatizar as diferentes trajetórias em que a esposa era a principal provedora naquele momento, destacando os aspectos interp-síquicos ou intersubjetivos e ainda os intrapsíquicos ou intrassubjetivos encontrados nas narrativas das entrevistas e nos desenhos e estórias do DF-E.

A partir desse ponto, organizamos os casais com base nas semelhanças e destacaremos especificidades que julgamos relevantes nos achados da pesquisa, que podem ser de um participante ou de casal.

Um dos objetivos da pesquisa foi identificar as repercussões da pandemia de covid-19 no cotidiano dos participantes. Observamos que o período foi de muitas mudanças para os casais. De forma geral, todos viveram o isolamento imposto e relataram ter tido uma boa convivência com o cônjuge e filhos. Outro dado comum a todos foi o fato de a atividade laboral dos homens ter sido diminuída ou paralisada, enquanto as mulheres, ao contrário, experimentaram um incremento nas suas atividades profissionais. Com o Casal 1, Laura e Jonas, ela manteve sua atividade na empresa e ampliou o trabalho e os rendimentos, iniciando o atendimento de assistência social *online* no período noturno. Com o Casal 2, Penélope e César, houve o mesmo movimento de diminuição das atividades de César: suas aulas praticamente foram paralisadas, e, após alguns meses, ele foi demitido. Já Penélope viveu um aumento no número de alunos particulares. As atividades do Casal 3 seguiram o mesmo padrão, com a diferença de que o trabalho de Pablo, como musicista, já havia diminuído alguns anos antes, e ele estava iniciando uma nova ocupação, a de artista plástico. Pablo manteve a produção das peças em um novo ateliê montado em casa, mas a possibilidade de exposição e vendas era quase

inexistente. Na direção oposta à de Pablo, mas ao encontro das outras mulheres da amostra, Lita teve um aumento da quantidade de trabalho e de ganho, pois o setor de arquitetura em que atuava ficou aquecido nesse período. O Casal 4, Eduardo e Mônica, seguiu o padrão acima, com a paralisação completa dos compromissos profissionais de Eduardo e um aumento da demanda de clientes de Mônica na sua consultoria de imagem e autoestima.

Homens e mulheres tiveram a pandemia como um dos maiores desafios enfrentados nos últimos anos (Kerbaux; Bartilotti; Sneinerman, 2020). Apesar de encontrarmos essa discrepância frente às atividades profissionais e econômicas dos homens e mulheres da pesquisa, acreditamos que isso não se deva a uma questão de gênero e sim às áreas de trabalho de cada membro do casal.

Duas das mulheres eram profissionais das áreas da saúde e da educação que puderam se adaptar ao trabalho remoto, tal como o setor de construção, que ficou aquecido, o que acarretou a manutenção e o aumento de suas demandas produtivas e salariais. Mônica (Casal 4) desenvolveu um método de autoconhecimento feito de forma remota, com o qual criou um tipo de intervenção de atendimento pessoal. Na época da pandemia, o método teve maior procura, de modo semelhante ao que ocorrera no setor de saúde. Isso se deve possivelmente à pandemia e ao isolamento, que fomentaram o agravamento de demandas psicológicas relacionadas a transtornos de ansiedade e depressão (Carvalho; Rodrigues; Sei, 2023).

As profissões exercidas pelos homens desta pesquisa (educação, artes e setor de eventos) foram profundamente prejudicadas pelo isolamento da pandemia.

Ao analisar as relações amorosas em tempos de isolamento social, observamos que todos os casais mencionaram a adoção de mudanças na rotina da família devido ao isolamento e ao trabalho remoto. Foram levados a desenvolver recursos para lidar com o desemprego, a falta de rede de apoio, a inexperiência no trabalho remoto (Penso; Sena, 2020) e a insegurança em relação ao futuro.

Apesar de os casais terem vivenciado tais experiências, não se pode dizer que a crise provocada pela pandemia foi o motivo da ocupação do lugar de maior provedora pela mulher, pois essa dinâmica já estava estabelecida anteriormente nos casais de diferentes formas. O Casal 1, Laura e Jonas, manteve a configuração conjugal com a

esposa como a maior provedora desde o início do relacionamento deles, o que continuou na pandemia, além de já terem lidado com períodos curtos de desemprego de Jonas. O Casal 2, Penélope e César, já havia experienciado várias posições de um casal de dupla carreira, ou seja, ambos ganhando igualmente ou ele ganhando mais que ela. O período da pandemia foi o primeiro momento em que Penélope assumiu o papel de maior provedora. Esse fato pareceu, nas entrevistas, estar sendo bem-recebido por César.

Fleck e Wagner (2003) também encontraram uma boa flexibilização dos papéis de provedor masculino e feminino quando o casal já havia invertido por vezes, ao longo da relação, essas funções, o que gerava maior aceitação por parte do homem. No Casal 3, Lita foi convocada a ocupar o papel de maior provedora desde a morte da mãe de Pablo há dois anos, que era uma figura forte e provedora, gerando um vínculo de dependência de Pablo e Lita no qual ela provia, deixando-os presos ao lugar de filhos e com muitas dificuldades com os novos papéis a que foram chamados a assumir. No Casal 4, Eduardo e Mônica, a paralisação dos ganhos de Eduardo tornou mais visível à mudança de papel do provedor na família, o que já havia ocorrido à época do nascimento do filho Heitor. Portanto lidar com a alternância do lugar de provimento, sendo o provedor ora ele, ora ela, mostrou-se um processo menos conflituoso, principalmente no período da pandemia.

Para alguns casais, a pandemia, por ter imposto uma intensa convivência, proporcionou aproximações. Destaca-se aqui o Casal 3, Lita e Pablo, que estava convivendo pouco, pois Pablo ficava muito tempo no sítio da família, enquanto Lita criou uma vida quase solitária em relação ao marido. A pandemia foi um elemento agregador para esse casal, que foi obrigado, pelas circunstâncias sanitárias, a ficar junto sob o mesmo teto. Lita revelou seu medo frente a essa aproximação:

É, então, o distanciamento foi super gostoso, eu gosto de ficar sozinha e foi superbom pra mim, tanto que, quando começou a pandemia e teve que ficar em casa, eu me assustei e falei “Putz, e agora, será que vou aguentar o Pablo direto em casa?”, e foi super gostoso, como se fosse um recomeço. E essa coisa do Netflix. A gente tinha horário, 7 ou 8 horas, eu tinha que parar de trabalhar, porque senão eu ficava trabalhando até altas horas. Com ele, eu parava porque agora é hora do cinema.

Souza, Almeida e Gomes (2022) perceberam que a maior convivência dos casais na pandemia colaborou para a revelação de partes inconscientes do vínculo, como o efeito “lupa” proposto por Homem (2020), podendo levar a novos pactos, como no caso de Lita

e Pablo. Segundo Lita, sua motivação para se voluntariar para a pesquisa foi uma tentativa de reaproximação do casal e de reinvestimento na relação, após trinta anos de casados.

Um achado interessante do estudo foi que em todos os casais encontramos, nas famílias de origem, a mulher como maior provedora. No Casal 1, a mãe de Jonas sempre teve rendimentos maiores que o pai, mas a família falava pouco sobre isso. No Casal 2, a mãe de Penélope, divorciada, sempre foi a sustentação dos filhos, visto que seu ex-marido, além de problemas emocionais sérios, pagava irregularmente a pensão alimentícia. O Casal 3 tem mulheres provedoras, tanto do lado de Pablo quanto do de Lita. A mãe de Pablo, com presença afetiva e financeira muito forte na vida do casal, também era divorciada e tinha um ex-marido com conduta instável em relação às pensões. A mãe de Lita, por sua vez, contou para as filhas sobre sua posição de maior provedora e pediu que nunca comentassem isso com seu marido. No Casal 4, a mãe de Eduardo ocupou o lugar de maior provedora uma vez, enquanto o pai de Eduardo passava por uma falência. Logo eles voltaram para o modelo de casal de dupla carreira, em que ele era o maior provedor. Os pais de Mônica eram divorciados. Seu pai se casou de novo e vivia um modelo tradicional de casamento. Sua mãe teve uma carreira muito bem-sucedida e um segundo casamento onde era a maior provedora.

Esses dados confirmam o que foi apontado sobre a existência da transição do modelo tradicional para o igualitário de casamento. Na geração anterior à dos participantes da pesquisa, as mães que eram casadas não tiveram reconhecimento do seu papel de provedora nem por elas nem pelos maridos. Por outro lado, as mães que se divorciaram puderam exercer o lugar da maior provedora com reconhecimento dos filhos e de si próprias, levando-nos a pensar que o não reconhecimento das mães casadas pode ser atribuído à dificuldade de seus maridos em vê-las nesse lugar.

Aqui podemos observar indícios da atuação da transmissão psíquica (Kaes, 2014; Paiva; Gomes, 2008) em cada estória vincular e nos valores sociais. Constatou-se que, na geração anterior à dos participantes da pesquisa, já houve mudanças em relação ao modelo tradicional, mas elas não puderam ser vividas em sua plenitude, devido à forma lenta como ocorrem processos de transformações de valores na sociedade. E ainda encontramos um modelo de conjugalidade igualitária em construção nos casais estudados.

Trachtenberg (2005) afirma que situações traumáticas não elaboradas e segredos podem determinar histórias de silêncio e com pouca ou nenhuma elaboração e

simbolização, sendo transmitidas em gerações sucessivas. O segredo pedido pela mãe de Lita em relação ao fato de ela ganhar mais que o pai pode ser um exemplo desse tipo de transmissão silenciosa e um fator que está impedindo que Lita se aproprie do seu atual papel de provedora, conseqüentemente tendo repercussões em Pablo, que ainda não parece saber como se posicionar frente a essa configuração do casal, uma vez que não é mais sua mãe que colabora com a provisão, e sim sua esposa. Cabe ainda acrescentar que, por ser o casal mais velho, Lita e Pablo poderiam estar socialmente mais presos ao modelo tradicional e ainda sob um Édipo não resolvido da parte dele.

Incômodos relacionados à posição de maior provedora das esposas não surgiram como fonte de conflitos manifestos em nenhum dos casais. As principais crises tiveram diferentes motivações. No Casal 1 (Laura e Jonas), foram relacionadas aos desafios de estarem juntos, uma vez que a dupla carreira de ambos exigiu uma série de deslocamentos, e pela não aceitação de Laura pela família de Jonas no início do relacionamento deles. O Casal 2 (Penélope e César) foi o que mais trouxe a presença de conflitos, demonstrando consciência do que incomodava cada um. Eles tentavam resolver por meio de diálogo e confrontos, quando necessário. Discordavam sobre a educação da filha, talvez como um deslocamento frente ao que não conseguiam elaborar do próprio conjugal. Além disso, viviam as dificuldades de uma família recomposta, tais como a aceitação de Penélope pela família do marido, ciúmes em relação à ex-mulher de César e a construção de um vínculo com Tadeu, filho só de César. O Casal 3 (Lita e Pablo) negou a existência de conflitos por terem como estratégia a evitação dos mesmos. Contudo, como conteúdo latente, surge uma grande dificuldade de falar sobre a situação econômica, pois ambos tinham jeitos muito diferentes de fazer esse gerenciamento, parecendo existir um pacto de negação desse assunto. É somente no momento da entrevista com ambos que se inicia um diálogo sobre o tema. O Casal 4 (Eduardo e Mônica) assumiu que tinha conflitos, mas que discutia e se resolvia por meio do diálogo, característica importante no modelo de conjugalidade igualitária que exige muitas negociações entre os cônjuges. Eles tinham como tônica ser um casal bem resolvido e feliz. Relataram saber lidar com os problemas, não os exteriorizando em detalhes; logo não foram revelados os motivos dos desentendimentos entre eles. As máximas “tudo está bem” e “damos conta de tudo” parece construir um pacto que mantém o casal unido, permitindo a eles o enfrentamento do difícil processo de engravidar, suas crises financeiras, de trabalho, o período da pandemia, pelos quais passaram.

Sobre a divisão de tarefas domésticas durante o período da pandemia, no geral os participantes relataram que se aproximaram e foram colaborativos um com o outro. Pode-se ressaltar que os casais tiveram recursos psíquicos para enfrentar as dificuldades da nova rotina doméstica e de trabalho (Souza; Almeida; Gomes, 2022). Quanto à reclamação sobre o não envolvimento do parceiro nas tarefas cotidianas com a casa e com os filhos, os homens da pesquisa participaram ativamente das atividades domésticas. Destacam-se Jonas (Casal 1), César (Casal 2) e Eduardo (Casal 4), que, possivelmente por estarem com maior disponibilidade de tempo e por gosto, se mostraram muito envolvidos em realizar esses cuidados. Quanto ao Casal 3, Pablo não chegava a dividir de maneira igualitária as tarefas da casa. Isso gerava uma sobrecarga para Lita, que era quem estava trabalhando e ainda continuava fazendo a maior parte das tarefas domésticas, representando assim a dupla jornada da mulher ancorada ainda ao modelo tradicional da família patriarcal heterossexual. Nos casais 1, 2 e 4, os homens eram responsáveis pela maior parte do trabalho em casa, visto que suas esposas estavam trabalhando mais, como Lita.

O comportamento masculino de três homens da amostra, de se responsabilizar igualmente ou mais que as esposas, pode indicar uma importante mudança que vem sendo requerida pelas mulheres desde que entraram no mercado de trabalho. (Bertollini; 2002; Féres-Carneiro; Dantas; Mello, 2019; Neumann; Mosmann; Wagner, 2021; Gomes; 2022).

Apesar dessa importante mudança, tanto nas entrevistas quanto nas unidades de produção do DF-E, a narrativa das mulheres foi de sobrecarga. Laura (Casal 1) e Penélope (Casal 2) trouxeram o tema do acúmulo e do peso das responsabilidades no relato e no DF-E. Lita (Casal 3), levantando o assunto timidamente na entrevista, parece não se sentir no direito de pedir uma divisão mais equitativa, fato que pode estar relacionado à força do modelo tradicional, em que cabe à mulher um lugar de submissão ou ainda de não falar sobre ser a maior provedora do casal, como ocorreu com a própria mãe. Aspectos intrapsíquicos, como a evitação de conflito em Lita, também podem explicar o fato de ela não conseguir propor ao marido uma mudança de papéis mais efetiva do que a que estavam tendo naquele momento.

Ainda sobre aspectos gerais encontrados, observamos que os homens revelaram, de forma implícita, dificuldades de se expressar e falar sobre seus sentimentos e suas

fragilidades. O acesso ao material inconsciente foi possível por meio do DF-E. Jonas, do Casal 1, apresentou sentimentos de medo do futuro e insegurança. César, do Casal 2, trouxe sentimentos de exclusão, tristeza e raiva. Do Casal 3, Pablo revelou, ainda no desenho, tentativas de camuflar suas emoções, mostrando-se defendido e ainda muito entristecido pela perda recente de sua mãe. Eduardo, do Casal 4, apesar de narrativas positivas, com aspectos narcísicos, expôs sentimentos de medo da solidão, de se perder no contato com o outro e fantasias de destruição.

Esse recorte do DF-E ajudou a revelar a importância de uma abertura para que as fragilidades masculinas possam emergir e ser cuidadas, ajudando os homens a se libertarem do dispositivo da eficácia, que identifica os sentimentos “femininos” como território proibido ao homem, uma vez que ser homem seria mostrar domínio de si mesmo e ser impenetrável emocionalmente (Zanello, 2022).

Um achado a ser evidenciado, ocorrido no recrutamento para a coleta de dados, foi a recusa de quatro outros casais interessados em participar da pesquisa ao saber que haveria conversas abertas sobre o fato de a mulher ser a principal provedora, afirmando que isso traria constrangimento ao casal. Revelam-se aqui traços do machismo presente em homens e mulheres, como também encontrado por Campana (2018) em seu estudo sobre parentalidade contemporânea, quando se deparou com a dificuldade de ter em sua amostra um casal em que a mulher fosse a responsável pela renda familiar, com a justificativa de que o(s) marido(s) “não ficariam à vontade”.

O constrangimento dos casais para falar dessa posição da mulher como principal provedora revela-se como tabu, isto é, algo proibido, culturalmente reprovável, interdito para evitar algo perigoso. Sabe-se que acontecimentos que não podem ser falados e elaborados indicam uma incapacidade psíquica para tolerar, conter ou representar os afetos, podendo acarretar impedimentos, formação de segredos que impedem o desenvolvimento dos indivíduos e do casal (Trachtenberg, 2005).

Por último, mas não menos importante, cabe destacar como ocorreu o reconhecimento dos casais de sua condição frente ao papel de maior provedora da mulher. Os casais que participaram da pesquisa já se diferenciavam por se disponibilizarem a falar sobre o tema, ressaltando que estavam se dispondo a quebrar tabus, assumindo uma forma diferente da tradicional de se relacionar e abrindo espaço para falar sobre ela. Em todos os casais da amostra, foram as mulheres que tomaram a iniciativa de participar da

pesquisa e que convidaram seus parceiros. Aqui vemos as mulheres propondo experiências novas ao casal e uma provável busca de um espaço para falar com o marido sobre o tema e suas repercussões, talvez sendo mais uma vez agentes de mudanças (Bertolini, 2002; Oliveira, 2012; Zanello, 2022).

Nesta pesquisa, o conhecimento (ter consciência) do fato de a mulher ser maior provedora fica mais evidente, porém não podemos assegurar que há um reconhecimento, pois este implicaria perceber o que o Outro representa no vínculo, na capacidade de ver e aceitar o que há de verdadeiro no Outro. Para atingir um desenvolvimento normal, o reconhecimento do outro necessariamente passa pelo conhecimento de si mesmo, da alteridade, e da consequente saída do narcisismo, possibilidade de suportar as diferenças e a própria inveja (Blini de Lima, 2022).

Uma vez que a família continua sendo o principal *locus* onde ocorre o processo de transformação sócio-histórico, cultural e psicológico dos indivíduos, é salutar que esse reconhecimento social da função de provedora da mulher não entre como mais uma no rol de suas funções tradicionais, nem se restrinja ao casal. É importante que ela também possa ser reconhecida socialmente para que não haja uma negação da transformação do papel da mulher e consequentemente do papel dos homens e da conjugalidade desses casais (D'Avila, 2011; Santana, 2010).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo está, com certeza, cheio de novidades, e o amor também deve ser considerado dentro dessa inovação. É necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto. (Badiou; Truong, 2013, p. 14)

Esta tese nasceu da trajetória profissional da pesquisadora como psicanalista com experiência clínica em atendimentos individuais e de casais e famílias. Além das famílias recompostas, monoparentais, homoafetivas, das relações abertas, do poliamor, só para citar algumas formas novas, que nos desafiam a pensar e a acompanhar as mudanças no modo como os indivíduos se relacionam na contemporaneidade, os sofrimentos relatados por homens, mulheres e casais em que a mulher é a maior provedora também se tornaram relevantes, provocando reflexões e busca por mais conhecimento.

Devido à grande amplitude do campo da conjugalidade, foi necessário fazer alguns recortes, a fim de estudar mais profundamente um tema e como forma de organização para atingir os objetivos que um estudo acadêmico exige. Assim, escolhemos estudar casais heterossexuais de dupla carreira, de classe média, juntos há pelo menos cinco anos.

O outro ponto a ser destacado foram as informações trazidas pelo procedimento de Desenho de Família com Estórias (Trinca, 2013), que se confirmou como um instrumento eficaz para a pesquisa de aspectos inconscientes dos participantes. O entrelaçamento dos conteúdos das entrevistas com os desenhos e as estórias do DF-E permitiu maior conhecimento da situação psíquica de cada sujeito e novos vértices de compreensão do casal.

Estudos de diferentes áreas afirmam que a provisão feminina não é um fenômeno novo, em especial em camadas pobres da população. O que acreditamos ser novo é a busca dessas mulheres pelo reconhecimento da sua condição de sustentáculo da família pelos seus parceiros, familiares e sociedade; e a análise das dificuldades e recursos advindos dessa escolha para o casal.

Esta pesquisa se propôs a analisar a dinâmica do vínculo conjugal em casais de dupla carreira e de classe média em que a mulher era a principal provedora. Para compreender melhor esse modelo de conjugalidade e seus aspectos intersíquicos e intrapsíquicos, buscou-se investigar se houve conflitos e/ou crises relacionadas com esses novos papéis. A realização da pesquisa, incluindo a coleta de dados, foi atravessada pela pandemia de covid-19, tempo excepcional para todos e para os casais, que se encontravam ainda em isolamento, com intenso convívio e pouco contato social. Portanto foi também objetivo deste estudo identificar as repercussões da pandemia no cotidiano desses casais.

Foi possível para os participantes terem um bom convívio entre eles e lidar com os desafios trazidos pela pandemia, desenvolvendo recursos como maior ou completa responsabilização do homem pelas atividades domésticas, ajudado pelo crescimento das atividades profissionais das mulheres e pela diminuição ou paralisação de seu trabalho. A possibilidade de flexibilização de papéis de maior provedora no casal também se apresenta como algo que possibilita duplicar sua capacidade produtiva e como uma alternativa criativa frente às situações de desemprego, crises, insatisfações com a carreira.

Identificamos em todos os casais a presença de uma mulher como maior provedora na geração anterior, trazendo indícios de transmissão psíquica com suas alianças inconscientes. Não foi objetivo desta pesquisa analisar os processos transgeracionais dos casais, contudo os sinais de uma transmissão psíquica transgeracional poderiam ser explorados, caso esses casais estivessem em atendimento clínico, a fim de elaborar e transformar a herança psíquica recebida.

O contexto contemporâneo constituído pelos dois paradigmas de conjugalidade – do modelo tradicional e do modelo igualitário e sua convivência por vezes harmoniosa e outras vezes conflituosa – é o território que habitamos hoje. Não temos roteiros preestabelecidos a seguir. Cabe aos indivíduos, aos casais e às famílias desenharem seus próprios mapas e seguirem se guiando por eles.

Os casais desta pesquisa ousaram construir seus próprios mapas. Assim, vê-se sua disponibilidade para participar da pesquisa como mais uma criação do casal, na tentativa de quebrar tabus e em busca de espaço para abordar a sua condição. Tudo isso em meio a uma narrativa de conjugalidade igualitária, atravessada pelas contradições do modelo tradicional de casamento, que tende a associar o provedor exclusivamente ao homem e os

cuidados com casa e família, à mulher. A posição de maior provedora da mulher exige de ambos uma reinvenção dos papéis de marido e mulher dentro daquele vínculo.

Esperamos que os achados que a investigação encontrou sobre as repercussões das psicodinâmicas conjugais encontradas nos casais e famílias em que a mulher é a principal provedora possam contribuir para a construção de relações mais igualitárias e com mais compreensão tanto do parceiro quanto da sociedade. E que também possam representar outras famílias que já viviam essa configuração.

Utilizamos aqui o conceito de reconhecimento, que já foi articulado por Eiguer (2013), Blini de Lima (2022) e Zanetti, Sei e Colavin (2013), para referendá-lo e destacá-lo como um dos recursos essenciais para a construção e manutenção da conjugalidade. Consideramos ainda o reconhecimento como um dos mais importantes cuidados que se fazem necessários para uma conjugalidade igualitária, em conjunto com a abertura de um espaço de diálogo e acolhimento dos sentimentos do casal. Uma conjugalidade bem construída é assentada em um bom canal de diálogo, na possibilidade de falar de conflitos e incômodos e até na presença de confrontos, quando necessário; em projetos comuns, em intimidade e em mais parceria do que competitividade (Blini de Lima, 2022).

Nos casais da pesquisa, não encontramos a presença desse reconhecimento, apenas um conhecimento consciente de uma situação real que eles estão vivendo. A importância do reconhecimento pode ser o indicador da mudança de funcionamento, de respeito e de empatia ao novo lugar da mulher na relação conjugal. A negação dessa transformação impede a observação da sobrecarga da mulher e seus sentimentos de não ser vista em sua nova identidade, podendo trazer sentimentos de desvalorização e até a revolta. O reconhecimento pode promover um fortalecimento da relação amorosa ou deflagrar o afrouxamento do vínculo. A falta do reconhecimento pode implicar em relação abusiva e levar o casal à separação, não só nas relações em que a mulher é a maior provedora. Buscar reconhecimento não se trata de buscar poder e hierarquia sobre o outro; isso poderia acontecer em relações narcísicas, em que ambos disputam o lugar de destaque.

Não são poucas as vezes em que nem mesmo as mulheres percebem a mudança de função dentro da família, não dando a si mesmas o valor e o reconhecimento, como encontramos nas esposas deste estudo. A mulher entra no papel de provedora, muitas vezes sem consciência, em uma perspectiva de parceria conjugal, seja de modo a cobrir

um tempo transitório ou a se constituir num lugar permanente, o que se torna um novo modelo de relação.

Quanto ao homem, o não reconhecimento impossibilita que ele expresse sua fragilidade e seus sentimentos, que possa ser cuidado e vir a criar a própria forma de ser homem com aquela mulher, naquele vínculo. Também impede que ele explicita os incômodos de ocupar uma posição “feminina” associada à sensibilidade, às atividades domésticas, que costumam ser desvalorizadas independente de qual gênero, masculino ou feminino.

Esperamos que este estudo contribua para o desenvolvimento do processo de reconhecimento nos casais em que as mulheres são as maiores provedoras, com suas dores e angústias. E que, como profissionais, estejamos abertos ao casal e à família que nos procura, que possamos ter uma escuta para o que se passa com aquele casal, naquela relação. Devemos tomar cuidado para não os observar somente segundo as tradições, pois o amor e o reconhecimento não são só aspectos relacionados a romantismos, ao contrário, eles têm uma representação psíquica muito importante para o bem-estar emocional dos indivíduos.

À medida que fomos nos aproximando da importância do reconhecimento como instrumento de observação e de atendimento na clínica de casais de dupla carreira em que a mulher é a principal provedora, percebemos que ele pode ser útil em todas as configurações de casal e família.

Observamos que, apesar de estarmos em “tempos modernos”, os tabus não foram superados, pois eles são conteúdos inconscientes que ultrapassam gerações, podendo ser transmitidos silenciosamente no contexto do casal, fato que observamos nesta pesquisa. Uma verdadeira quebra desses tabus passará pela aceitação de que eles continuam existindo e que precisam ser elaborados a partir de um trabalho psicanalítico e em discussões sobre os papéis masculinos e femininos nas instâncias sociais. Nesta tese deparamo-nos com outros tabus, para além dos existentes tanto no social quanto na psicanálise, ou seja, o tabu da fragilidade masculina e do empoderamento da mulher que pedem maior elaboração.

Concluindo, retomamos as palavras de Freud ([1914]/1996a), que nos diz que, em última análise, precisamos amar para não adoecer, e que o trabalho é fundamental para a

manutenção do equilíbrio psíquico, pois possibilita, além da sobrevivência e do pertencimento, o nosso potencial criativo e transformador dentro da sociedade. Que possamos amar e trabalhar, sem exclusão de um ou de outro.

REFERÊNCIAS

- A ESPOSA. Direção: Björn Runge. Roteiro: Jane Anderson. [S. l.]: Sony Pictures Classics, 2017. 1 vídeo (101 min.).
- AMARAL, C. da C. S. do. **Mulheres como principais provedoras na renda do casal: uma análise do perfil sociodemográfico**. 2001. 81 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- ARAÚJO, M. F. Gênero e família na construção de relações democráticas. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 9-23.
- BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BADIOU, A.; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer**: curso sobre vincularidade. São Paulo: Via Lettera, 2011.
- BERENSTEIN, I.; PUGET, J. **Lo vincular**. Clínica y técnica psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- BERENSTEIN, I.; PUGET, J. **Curso de psicoanálisis de família, nível I e II, promovido pelo campus virtual da APDEBA**. Buenos Aires, 2004-2005. Disponível em: <http://www.apdeba.org>. Acesso em: 19 out. 2004.
- BERTOLINI, L. B. de A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. São Paulo: Vetor, 2002.
- BLAY-LEVISKY, R. Psicanálise vincular. *In: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. Dicionário de psicanálise de casal e família*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 439-444.
- BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021.
- BLINI DE LIMA, C. M. **O atendimento psicanalítico de crianças em família: o sintoma familiar**. 1997. 312 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BLINI DE LIMA, C. M. Individualidade, conjugalidade, familiaridade. *In*: PENNACCHI, R.; THORSTENSEN, S. (org.). **Psicanálise de casal e família**: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2022. p. 277-303.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução CNS n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e revoga as Resoluções CNS nos. 196/96, 303/2000 e 404/2008. Brasília, DF: CNS, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Brasília, DF: CNS, 2016.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAILLÉ, P. **Um et um font trois**: le couple révèle a kui-même. Paris: Dunod, 1991.

CAMPANA, N. T. C. **A Um estudo sobre a parentalidade contemporânea e a rede de cuidados com a primeira infância**. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARNEIRO, C. O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 314-321, maio/ago. 2018.

CARVALHO, C. H. A.; RODRIGUES, R. P.; SEI, M. B. Possíveis impactos da pandemia de Covid-19 nas famílias: uma revisão sistemática. **PSI Unisc**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 7, n. 2, p. 141-156, jul./dez. 2023.

CENAS de um casamento. Direção: Hagai Levi. Roteiro: Hagai Levi. Nova York: HBO, 2021. 5 episódios.

CORREA, O. B. R. **O legado familiar**: a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

CYPEL, L. R. C. Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do indivíduo nos tempos atuais. *In*: GOMES, I. C.; FERNANDES, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (org.). **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Escuta, 2016. p. 65- 76.

D'AVILA, S. M. G. O lugar do homem em famílias de mulheres provedoras. *In*: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2011, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2011. p. 1-11

DECRETO regulamenta lei da igualdade salarial entre mulheres e homens. *Gov.br*, Brasília, DF, 24 nov. 2023. Igualdade salarial. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/11/decreto-regulamenta-lei-da-igualdade-salarial-entre-mulheres-e-homens>. Acesso em: 17 fev. 2024.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 135-155.

EIGUER, A. **La thérapie psychanalytique de couple**. Paris: Dunod, 1984.

EIGUER, A. **Jamais moi sans toi**. Paris: Dunod, 2008.

EIGUER, A. Desentendimento do casal e luta pelo reconhecimento. *In*: GOMES, I. C.; LEVY, L. (org.). **Atendimento psicanalítico de casal**. São Paulo: Zagadoni, 2013. p. 44-59.

EMIDIO, T. S.; SOUZA, J. B. F. Até que algo os separe: um estudo sobre o estabelecimento e a manutenção do casamento na contemporaneidade. **Vínculo**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 98-112, jan./jun. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.32467/issn.1982-1492v16n1p98-113>.

ETCHEGOYEN, R. H. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

EXPLICANDO. Produção: Ezra Klein, Kara Rozansky, Claire Gordon, Chad Mumm, Lisa Nishimura, Joe Posner, Jason Spingarn-Koff, Kate Townsend. [S. l.]: Vox Media; Netflix, 2018. 20 episódios.

FÉRES-CARNEIRO, T. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 3, n. 3, p. 250-261, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, T. Terapia de casal: ruptura ou manutenção do casamento? **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, SP, v. 2, n. 2, p. 37-52, ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 fev. 2024.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Conjugalidade. *In*: BLAY-LEVISKY, R.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. (org.). **Dicionário de psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. v. 1, p. 97-101.

FÉRES-CARNEIRO, T.; DANTAS, C. R.; MELLO, R. Conflitos conjugais: o difícil manejo entre seus motivos e suas resoluções. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. **Família e casal: filiação, intergeracionalidade e violência**. Rio de Janeiro: PUC-RJ; Prospectiva, 2019. p. 111-128.

FÉRES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. L. T.; MAGALHÃES, A. S. Família e casal: da tradição à modernidade. *In*: CERVENY, C. M. O. (ed.). **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 23-36.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 83-107.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C.; MAGALHÃES, A. S. Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família**: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 43-60.

FERNANDES, M. I. F. Prólogo: história e memória nos diálogos da psicanálise de casal e família. *In*: PENNACCHI, R.; THORSTENSEN, S. (org.). **Psicanálise de casal e família**: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2022. p. 17-24.

FIGUEIRA, S. A. O “Moderno” e o “Arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. *In*: FIGUEIRA, S. A. (org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 11-30.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, PR, v. 8, n. especial, p. 31-38, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300005>.

FREUD, S. **Uma introdução ao narcisismo**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). (1ª edição publicada em 1914).

FREUD, S. **Romances familiares**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). (1ª edição publicada em 1908).

GIBRAN, K. **O profeta**. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

GOMES, I. C. Conflitos conjugais e transmissão psíquica geracional: das históricas de Freud à mulher atual. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família**: transmissão, conflito e violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 177-189.

GOMES, I. C. Conflictos conyugales en la contemporaneidad y transmisión psíquica: investigación e intervención con parejas. **Subjetividad y Procesos Cognitivos**, Buenos Aires, v. 18, n. 1, p. 122-139, jun. 2014.

GOMES, I. C. Panorama sobre a psicoterapia psicanalítica de casal e família no cenário nacional: pesquisa e clínica. *In*: SEI, M. B.; GOMES, I. C (org.). **Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 9-19.

GOMES, I. C. Casais de dupla-carreira: conflitos e repetições na psicoterapia psicanalítica com casais. *In: ENCONTRO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA: AMPLIAÇÕES EM PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA*, 25., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Zagodoni, 2021. p. 76-85.

GOMES, I. C. As mudanças psicossociais na família e seu impacto na clínica de casal e família. *In: PENNACCHI, R.; THORSTENSEN, S. (org.). **Psicanálise de casal e família**: uma introdução*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 25-41.

GOMES, I. C.; LEVY, L. Individualidade, conjugalidade e parentalidade em casais de dupla carreira: a convivência na pandemia e a clínica psicanalítica de casal. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família**: transmissão geracional, violência e clínica contemporânea*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2023. v. 1, p. 191-205.

HERMANN, F. Amor, guerra e o casamento de hoje. *In: GOMES, P. B. (org.). **Vínculos amorosos contemporâneos**: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003. p. 147-158.

HOMEM, M. **Lupa da alma**: quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020.

hooks, b. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

INTIMIDADE. Direção: Jorge Torregrossa García, Ben Gutteridge, Marta Font, Koldo Almandoz. Roteiro: Verónica Fernández, Laura Sarmiento. [S. l.]: Txintxua Films; Netflix, 2022. 8 episódios.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 30, n. 2, 262-275, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>.

KAËS, R. **Um singular plural**: a psicanálise à prova do grupo. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2011.

KAËS, R. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

KERBAUY, R.; BARTILOTTI, M. B.; SNEIDERMAN, S. Reflexões sobre o impacto da pandemia de covid-19 nas relações conjugais e familiares: contribuições da psicoterapia psicanalítica. **Passages de Paris**, Paris, n. 19, p. 86-94, 2020.

LEMAIRE, J. **Le couple**: as vie, as mort. Paris: Payot, 2005. (1ª edição publicada em 1979).

LEVY, L. Terapia de casal e questões contemporâneas. *In: GOMES, I. C. (coord.). **Clínica psicanalítica de casal e família**: a interface com os estudos psicossociais*. São Paulo: Santos Editora, 2009. p. 25-31.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 163-172, 2008.

- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45-57, jun. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003. Acesso em: 13 jan. 2022.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. **Casais de dupla carreira e a convivência na pandemia de covid-19**. 2022. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da AIPCF, de 20 a 23 de outubro de 2022.
- LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- MAGALHÃES, A. Transmutando a subjetividade na conjugalidade. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 225-245.
- MARRI, I. G.; WAJNMAN, S. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 19-35, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982007000100003>
- MIATO, B. Nobel de Economia 2023 vai para Claudia Goldin, por seus estudos sobre mulheres no mercado de trabalho. *GI*, 9 out. 2023. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/10/09/nobel-de-economia-2023-vai-para-claudia-goldin.ghtml>. Acesso em: 17 fev 2024.
- NÃO SE PREOCUPE, QUERIDA. Direção: Olívia Wilde. Roteiro: Katie Silberman. Warner Bros. Pictures, 2022. 1 vídeo (123 min.).
- NEGREIROS, T. C. G. M. **A “Nova” mulher em processo de envelhecimento: confrontos e conflitos**. 1996, 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- NEGREIROS, T. C. de G. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 34-47, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004. Acesso em: 13 jan. 2022.
- NEUMANN, A. P.; MOSMANN, C.; WAGNER, A. Conflitos conjugais: o que motiva e o que intensifica as discussões? *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Casal e família: clínica, conflitos e afetos**. Rio de Janeiro: Prospectiva, 2021. p. 237-256.
- NICOLLÒ, A. O modelo psicanalítico de funcionamento do casal. *In*: ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995. p. 35-57.
- O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite, Luiza de Castro. São Paulo: Monstro Filmes, 2019. 1 vídeo (60 min.). Publicado pelo canal PapodeHomem
- OGDEN, T. H. **Reverie e interpretação: captando algo humano**. São Paulo: Escuta, 2013.

- OLIVEIRA, R. D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PAIVA, M. L.; GOMES, I. C. A transmissão da vida psíquica familiar. *In*: GOMES, I. C. (org.). **Família**: diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 17-21.
- PENSO, M. A.; SENA, D. P. A. Relações amorosas em tempos de isolamento social. *In*: VASCONCELOS, L. de M.; GUIMARÃES, T. C.; CARRETEIRO, J. R. N. (org.). **Janelas da pandemia**. Belo Horizonte: Instituto DH, 2020. p. 155-164.
- PIVA, A. **Vincularidade**: teoria e clínica. São Paulo: Zagadoni, 2020.
- PUGET, J. **Subjetivación discontinua y psicoanálisis**: incertidumbre y certezas. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2015.
- PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. *In*: GOMES, B. P. (org.). **Vínculos amorosos contemporâneos**: psicodinâmica das novas estruturas familiares. São Paulo: Callis, 2003. p. 57-75.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. *In*: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 57-77.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SANTANA, A. M. de. Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder. **Gepiadde**, Itabaiana, SE, v. 4, n. 8, p. 71-87, jul./dez. 2010.
- SARTI, C. A. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2005.
- SOUZA, J. B. F. **This is us**: um estudo psicanalítico sobre a influência da transmissão psíquica na construção da conjugalidade, em três gerações. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- SOUZA, J. B. F.; ALMEIDA, K. A. S. L. de; GOMES, I. C. Os desafios da conjugalidade na pandemia de covid-19. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 10, n. 23, p. 95-114, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.23.449>.
- SPIVACOW, M. **O casal em conflito**: contribuições psicanalíticas. Terra de Areia, RS: Triângulo Gráfica e Editora, 2018.

TRACHTENBERG, A. R. C. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. *In*: TRACHTENBERG, A. R. C.; KOPITTKKE, C. C.; PEREIRA, D. Z. T.; CHEM, V. D. M.; MELLO, V. M. H. P. de. **Transgeracionalidade**: de escravo a herdeiro, um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 119-129.

TRINCA, A. M. T.; BRITO, M. R. da S. Desenvolvimento e expansões. *In*: TRINCA, W. (org.). **Formas lúdicas de investigação em Psicologia**: procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 2020. p. 37-50.

TRINCA, W. Apresentação do procedimento de desenhos-estórias. *In*: TRINCA, W. (org.). **Formas compreensivas de investigação psicológica**: procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 2013. 11-30.

TRINCA, W. Apresentação e aplicação. *In*: TRINCA, W. (org.). **Formas lúdicas de investigação em Psicologia**: procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 2020. p. 17-36.

TURATO, E. R. **Tratado metodológico da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TURKIEWICZ, G.; DI CIERO, H. C. Maldita saia. **ide**: Psicanálise e Cultura, São Paulo, v. 45, n. 76, p. 65-78, dez. 2023.

UM SENHOR estagiário. Direção: Nancy Meyers. Roteiro: Nancy Meyers. [S. l.]: Warner Bros. Pictures, 2015. 1 vídeo (121 min.).

VILLELA, E. M. B. O uso do procedimento de desenhos-estórias na entrevista devolutiva. *In*: TRINCA, W. (org.). **Procedimento de desenhos-estórias e expansões**. São Paulo: Vetor, 2013. p. 199-217.

WAJNMAN, S. Mulheres na sociedade e no mercado de trabalho brasileiro: avanços e entraves. *In*: PORTO, M. (org.). **Olhares femininos, mulheres brasileiras**. Rio de Janeiro: X Brasil, 2006. p. 77-108.

WANG, M.-L.; JABLONSKY, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 54-65, jun. 2006.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V. **Prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

ZANETTI, S. A. S.; SEI, M. B.; COLAVIN, J. R. P. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. **Vínculo**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-54, maio 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008. Acesso em: 13 jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico

Idade:

Tem irmãos:

Idade das irmãs:

Estado civil:

Tempo em que estão juntos:

Grau de escolaridade:

Profissão:

Qual sua função

Horas trabalhadas por dia

Salário:

Profissão da mãe:

Profissão do pai:

Grau de escolaridade dos pais:

Qual a renda é ou era mais importante na família de origem:

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas semidirigidas

ROTEIRO DE ENTREVISTA DOUTORADO

1. HISTÓRIA DO CASAL

Como os cônjuges se conheceram? Namoro, Casamento.

Escolha, mudanças, fatos marcantes.

Motivações conscientes e inconscientes para a escolha do parceiro.

Como resolveram se casar (ou morar juntos)?

2. FILHOS

Como decidiram ter filhos ou o que os levou a não querer filhos?

Relacionamento do casal após o nascimento de cada filho.

3. PSICODINÂMICA DO CASAL

Como vocês descreveriam o relacionamento de vocês?

Clima emocional, objetivos compartilhados, atividades, prazeres, divisão de trabalho, educação dos filhos.

Conflitos

Em que área vocês têm conflito, como resolvem, padrão de conflito, intensidade.

Como está a comunicação? Como está a sexualidade do casal?

Como lidam com a questão financeira?

Desde quando a mulher é protagonista financeira (sempre, mudou em um determinado momento)?

Como é para vocês essa situação? Satisfeitos, insatisfeitos? Com o quê?

Como vocês tomam as decisões sobre as questões familiares?

Vocês trocam informações, conselhos e/ou aprendizados sobre o trabalho?

Como se dá a relação de suporte financeiro entre vocês?

Vocês compartilham a rede profissional e social um do outro?

Já houve algum tipo de ação que constrangeu, prejudicou, sabotou ou atrapalhou o trabalho um do outro?

4. CRISES E CONFLITOS

Que crises ou conflitos vocês destacariam ao longo da relação?

Casamentos anteriores, separações, gravidez, perda de gravidez, problemas de saúde (mental ou físico), perdas significativas (mortes, falências etc.)

APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Kelma Assunção Sousa Lacerda de Almeida, sou psicóloga e doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Convido você e seu/sua cônjuge a participar da pesquisa: “A conjugalidade e suas transformações: a assimetria no casal”. Sou a responsável por essa pesquisa, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes.

O objetivo desta pesquisa é investigar o processo de manutenção do vínculo conjugal, suas crises e desafios em casais em que a mulher é quem está na posição de protagonista financeira do casal ou família no atual momento. Caso aceitem participar, serão entrevistados por mim para falar sobre as suas vivências familiares e de casal.

Sua participação será realizada em dois encontros *on-line* em data agendada por nós. No primeiro encontro, o casal participará de uma entrevista semidirigida conduzida por mim, com duração de aproximadamente duas horas. No segundo encontro, faremos individualmente a aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, com duração de aproximadamente uma hora. Como pesquisadora, não me interessará julgar o que os(as) entrevistados(as) pensam, fazem ou não fazem. Não se preocupe em responder de acordo com o que é esperado socialmente ou o que você ache que seria bom e deveria pensar. Responda de acordo com o que você acredita. A sinceridade será muito importante, pois o objetivo é conhecer a realidade de vocês.

Informamos que a participação é livre e voluntária, e você não receberá nenhuma remuneração por isso. Em contrapartida, você não terá gastos ao participar da pesquisa. Qualquer gasto será ressarcido pela pesquisadora. Não existem riscos graves previstos na participação dessa pesquisa. A participação nesse estudo envolve riscos mínimos previsíveis. Caso algumas questões que conversarmos causarem desconforto psicológico para você e seus familiares, poderão ser encaminhados(as) para acompanhamento psicológico especializado. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito a indenização.

Nesses casos, fica assegurada total liberdade de desistir de participar ou se retirar da pesquisa a qualquer momento em que desejar fazê-lo, sem que isso implique qualquer prejuízo ou acarrete qualquer penalidade, represália ou constrangimento.

Gostaríamos de ressaltar que o consentimento de participação para essa pesquisa fornecerá informações importantes para o avanço no campo das ciências em psicologia. É necessário que vocês concordem que nossos encontros sejam gravados em vídeoáudio e posteriormente sejam transcritos. As imagens gravadas não serão utilizadas para qualquer tipo de divulgação. Os dados de nosso encontro serão mantidos por um período de até cinco anos, depois desse prazo serão descartados. Declaramos, ainda, o nosso compromisso com o Código de Ética em Pesquisa com Humanos, assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, qualquer publicação ou apresentação de trabalhos em eventos não incluirá informações que permitam a identificação dos entrevistados.

É importante que vocês saibam que têm direito de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização da pesquisa. Quaisquer dúvidas que tenha(m) quanto aos procedimentos desse estudo poderão ser esclarecidas. Basta entrar em contato

comigo pelo *e-mail* kelma@usp.br ou pelo telefone (11) 99134-8544, em horário comercial; ou por meio do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: *Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco F. Cidade Universitária – São Paulo/SP – CEP 05508-030. Telefone: (11) 3091-4173. E-mail: ippsc@usp.br*

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP), que tem a finalidade de proteger eticamente os participantes de pesquisas. Caso você tenha necessidade de obter algum esclarecimento adicional sobre os aspectos éticos desse estudo, pode entrar em contato com esse Comitê, no endereço: *Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27. Cidade Universitária – São Paulo/SP – CEP 05508-030. Telefone: (11) 3091-4182. E-mail: ceph.ip@usp.br*

Este Termo foi elaborado em duas vias, devendo constar em todas as folhas a rubrica e na última a assinatura da pesquisadora responsável e do(a) participante, sendo que uma via ficará com a pesquisadora e a outra com o(a) participante. Respeitando, portanto, o procedimento de padrão ético em pesquisa, pedimos que autorize sua participação, assinando este termo de consentimento.

Eu, _____,
informado(a) dos objetivos da pesquisa acima e certificado(a) de que os dados coletados serão confidenciais e que poderei optar pela retirada do consentimento a qualquer momento desta, aceito participar de modo livre e voluntário dessa pesquisa.

_____, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) participante

Kelma Assunção Sousa Lacerda de Almeida
(*Pesquisadora-responsável*)